

# caletroscópio



Volume 5 | Nº 9 | Jul./Dez.2017 | Semestral  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem  
Universidade Federal de Ouro Preto  
Mariana, MG  
ISSN 2318-4574





Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

## REITORA

Cláudia Aparecida Marlière de Lima

## VICE-REITOR

Hermínio Arias Nalini Júnior

## DIRETORA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Margareth Diniz

## VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Rivânia Maria Trotta Sant'Ana

## CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS

Eva Ucy Miranda Sá Soto

## COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

Clézio Roberto Gonçalves

<i>Revisão textual</i>	Alexandre Agnolon, Luana Veloso Tolentino, Luiz Antônio dos Prazeres e Soélis Teixeira do Prado Mendes
<i>Revisão dos abstracts</i>	Maria Clara Versiani Galery
<i>Formatação/Diagramação</i>	Danúsia Natália Monteiro Gomes
<i>Imagem de capa</i>	Detalhe do Papiro d'O Livro dos Mortos (c. 1300 a.C.). British Museum, Londres.
<i>Formato</i>	A4 210 x 297 mm (online)

---

Revista Caletrosκόpio / Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto – Volume 5, n. 9 (jul. – dez. 2017) – Mariana: UFOP, 2017, 127p.

Semestral  
ISSN: 2318-4574

Modo de acesso: <<http://www.caletroscoPIO.ufop.br>>

1. Linguagem 2. Memória cultural 3. Tradução 4. Práticas discursivas 5. Ensino/Aprendizagem.  
Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDU: 81:82.09

---

## REVISTA CALETROSCÓPIO

Universidade Federal de Ouro Preto  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem  
Rua do Seminário, s/n – Centro – Mariana/MG  
CEP: 35420-000  
Tel. (31) 3557- 9418  
E-mail: [revistacaletroscoPIO@gmail.com](mailto:revistacaletroscoPIO@gmail.com)

©2017 - Todos os direitos reservados, nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

# caletroscópio



Volume 5 | Nº 9 | Jul./Dez. 2017 | Semestral

Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

Universidade Federal de Ouro Preto

Mariana, MG

ISSN 2318 - 4574

## **EDITORES**

Alexandre Agnolon (UFOP), Maria Clara Versiani Galery (UFOP) e Soélis Teixeira do Prado Mendes (UFOP).

## **ASSISTENTES DE EDIÇÃO**

Danúsia Natália Monteiro Gomes (UFOP) e Dayane de Oliveira Gonçalves (UFOP)

## **CONSELHO EDITORIAL**

Abel Barros Baptista (Universidade Nova de Lisboa), Adail Sebastião Rodrigues Júnior (UFOP), Aimara da Cunha Resende (UEMG), Alexandre Agnolon (UFOP), Alexia Teles Duchowny (UFMG), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Anna Stegh Camati (UNIANDRADE), Ana Zandwais (UFRS), Bernardo Nascimento de Amorim (UFOP), Camila Rodrigues (USP), Carlos Gouveia (Universidade de Lisboa), Cilza Bignotto (UFOP), Clézio Roberto Gonçalves (UFOP), Daniel Reizinger Bonomo (USP), Daniela Oliveira Guimarães (UFMG), Elisa Maria Amorim Vieira (UFMG), Elzira Divina Perpétua (UFOP), Emílio Roscoe Maciel (UFOP), Eni Puccinelli Orlandi (UNIVAS), Fábio de Souza Andrade (USP), Fábio Rigatto de Souza Andrade (USP), Germana Henriques Pereira (UNB), Geoff Thompson (University of Liverpool), Giacomo Patrocínio Figueredo (UFOP), Ida Lúcia Machado (UFMG), Ivanete Bernardino Soares (UFOP), João Bosco Cabral dos Santos (UFU), José Carlos de Almeida Filho (UnB), José Luiz Foureaux (UFOP), José Luiz Vila Real (UFOP), Cassandra Muniz (UFOP), Leandra Batista Antunes (UFOP), Luiz Antônio dos Prazeres (UFOP), Luiz Francisco Dias (UFMG), Marcia Valeria Martinez de Aguiar (USP), Márcia Zimmer (UCPel), Maria Carmem Aires Gomes (UFV), Maria Clara Versiani Galery (UFOP), Maria da Luz Pinheiro de Cristo (UFES), Maria de Fátima Moretti (UFSC), Maria Eduarda Giering (UNISINOS), Maria Perla Araújo Morais (UFT), Meliandro Mendes Galinari (UFOP), Mônica Gama (UFOP), Mônica Magalhães Cavalcante (UFC), Norma Barbosa de Lima Fonseca (UFMG), Patrick Charaudeau (Université Paris XIII), Paulo Henrique Aguiar Mendes (UFOP), Pedro Dolabela Chagas (UFPR), Raquel Márcia F. Martins (UFLA), Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS), Roberto Acízelo (UERJ), Roberto Leiser Baronas (UFSCar), Ruth Amossy (Tel-Aviv University), Samira Murad (UFABC), Sebastião Pinho (Universidade de Coimbra), Sérgio Elias da Silva (UFOP), Simone Cristina Mendonça (Unifesspa), Soélis Mendes (UFOP), Thaís Christófaros-Silva (UFMG), Thaís Flores Diniz (UFMG), Thaís Maíra M. de Sá (UFOP), Vera Menezes de O. e Paiva (UFMG), Viviane Araújo da C. Pereira (UFPR), Walter Carlos Costa (UFSC), Wander Emediato de Souza (UFMG), William Menezes (UFOP).

## SUMÁRIO

7 - EDITORIAL

### ARTIGOS – FLUXO CONTÍNUO

9 - REFLEXÕES SOBRE AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA DO *CORPUS* PARA A GRAMÁTICA SISTÊMICO FUNCIONAL: TRANSITIVIDADE E CLASSIFICAÇÃO DE PROCESSOS

**Rodrigo Esteves de Lima-Lopes**

26 - JÚLIO RIBEIRO, LEITOR DE SCHLEICHER: LINGUÍSTICA E POSITIVISMO NO BRASIL DO FINAL DO SÉCULO XIX

**Maurício Silva**

45 - ANÁLISE DO PRESENTE PERFEITO EM CONTEXTOS DE TRADUÇÃO AUTOMÁTICA

**Roberlei Alves Bertucci**  
**Maria Lígia Freire Guilherme**  
**Bárbara Branco Puppi**

63- A INTERTEXTUALIDADE NOSSA DE CADA DIA: O INTERTEXTO NO GÊNERO NOTÍCIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

**Kátia Roseane Cortez dos Santos**  
**Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo**

82 - A LEITURA ESCOLAR: O DESPERTAR DE NOVOS LEITORES

**Eunice Prudenciano De Souza**  
**Karina Torres Machado**

97 - SONHO E EMBRIAGUEZ: O DUPLO ESTÉTICO NIETZSCHIANO EM “VERDE LAGARTO AMARELO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

**Kelio Junior Santana Borges**  
**Maria Zaira Turchi**

114 - A AMBIGUIDADE E O FANTÁSTICO EM O BEBÊ DE TARLATANA ROSA

**Anna Carolyna Ribeiro Cardoso**

## Editorial, *Revista Caletroscópio*, Fluxo Contínuo, 2017.2

O novo número da *Revista Caletroscópio* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto – conta mais uma vez com contribuições variadas das Letras, deixando entrever, uma vez mais, a riqueza de abordagens e perspectivas teóricas da área. Os artigos perpassam análises teóricas que vão desde a filologia, gramática sistêmico-funcional e tradução passando pela linguística aplicada e ensino de literatura até a literatura brasileira e a teoria literária. Nesse sentido, em estreita relação com as linhas de pesquisa do POSLETRAS-UFOP.

O primeiro artigo do presente número da *Caletroscópio*, intitulado *Reflexões sobre as possíveis contribuições da linguística de corpus para a gramática sistêmico-funcional: transitividade e classificação de processos*, é o de Rodrigo Esteves de Lima Lopes, professor do departamento de linguística aplicada da Unicamp. Seu trabalho, bastante instigante, é circunscrito no campo da linguística sistêmico-funcional e tem por objetivo, em cotejo com a análise de *corpus*, estudar os critérios para classificação de processos na gramática. O segundo trabalho, de Maurício Silva, doutor em letras clássicas e vernáculas pela USP e professor da Uninove, tem como título *Júlio Ribeiro, leitor de Schleicher: linguística e positivismo no Brasil do final do século XIX*. O artigo, no campo da diacronia, propõe-se a estudar os conceitos gramaticais de Júlio Ribeiro, tendo como objetivo demonstrar a filiação do autor ao positivismo, sobretudo em virtude de suas relações com a obra de August Schleicher. Segue-se o artigo *Análise do presente perfeito em contextos de tradução automática*, de autoria de Roberlei Alves Bertucci, doutor em linguística pela USP e atualmente professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Maria Lígia Freire Guilherme e de Bárbara Branco Puppi, ambas mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UTFPR. O estudo tem como fim, a partir de *corpus* bem diverso de análise – textos literários, jornalísticos e institucionais –, verificar como o presente perfeito do inglês é vertido para o vernáculo em português a demonstrar se a correspondência semântica do português é adequada. O próximo artigo, de Kátia Roseane Cortez dos Santos, mestranda da Universidade Estadual de Maringá, e de Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo, Professora da Universidade Estadual de Maringá, é intitulado *A intertextualidade nossa de cada dia: o intertexto no gênero Notícia de divulgação científica*. O trabalho, a partir de 14 textos pertencentes ao gênero “notícia de divulgação científica” – particularmente seus sumários –, busca identificar como se efetiva a intertextualidade no

referido *corpus*.

Os últimos três artigos tematizam, a partir de visadas bem diferentes, o fenômeno literário. O primeiro da série, de autoria de Eunice Prudenciano de Souza, bolsista de Pós-Doutorado na UFMS, e de Karina Torres Machado, mestre pela UFMS, é intitulado *A leitura escolar: o despertar de novos leitores* e tem como objetivo apresentar um relatório muitíssimo motivador acerca da prática docente na escola básica no que tange ao ensino de literatura. Amparadas pelo método semiológico de Bordini e Aguiar (1993), bem como por autoras importantes do calibre de M. Lajolo e R. Zilberman, as articulistas demonstram como as atividades em sala e a leitura do “texto literário em si” são fundamentais não somente para que estudantes entrem em contato com a literatura, mas principalmente que tomem gosto pela leitura. Segue-se o artigo intitulado *Sonho e embriaguez: o duplo estético nietzschiano em “Verde lagarto amarelo”, de Lygia Fagundes Telles*. Os autores, Kelio Junior Santana Borges, mestre em letras e linguística pela Universidade Federal de Goiás e professor do IFGO, e Maria Zaira Turchi, professor titular do PPGLL da Universidade Federal de Goiás, com olhar agudo, analisam o conto “Verde lagarto amarelo” de Lygia Fagundes Telles, explorando o *topos* moderno do duplo, como é apresentado por Nietzsche. O objetivo dos autores é demonstrar que os irmãos Eduardo e Rodolfo, personagens do referido conto, alegorizam respectivamente as noções do apolíneo e dionisíaco na arte e na literatura, imagens, pois, poderosas da pulsão artística, divindades sempre complementares, mas nunca opostas absolutamente. Fecha a conta dos artigos que compõem o novo número da *Caletroscópio* o texto de Anna Carolyna Ribeiro Cardoso, mestre em letras e linguística da Universidade Federal de Goiás. Intitulado *A ambiguidade e o fantástico em O bebê de Tarlatana Rosa*, o trabalho, tendo como foco o conto de João do Rio, dado a lume em 1910, tem como objetivo discutir as marcas de ambiguidade do conto, em clave fantástica, para, assim, inscrevê-lo como representante da tradição da contística fantástica brasileira.

Os Editores



**REFLEXÕES SOBRE AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA DO CORPUS PARA A GRAMÁTICA SISTÊMICO FUNCIONAL: TRANSITIVIDADE E CLASSIFICAÇÃO DE PROCESSOS**

**REFLECTING UPON THE POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF CORPUS LINGUISTICS TO SYSTEMIC-FUNCTIONAL GRAMMAR: TRANSITIVITY AND THE CLASSIFICATION OF PROCESSES**

**Rodrigo Esteves de Lima-Lopes\***

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo discutir critérios para classificação de processos dentro do escopo da Gramática Sistêmico-Funcional, a partir de uma abordagem baseada em corpus. Argumenta-se que as características semânticas dos processos podem ser mapeadas a partir de suas colocações, estabelecendo, assim, padrões gramaticais que poderiam servir como parâmetro de análise. **PALAVRAS-CHAVE:** Gramática Sistêmico-Funcional; Linguística do Corpus; Concordância; Colocações; Transitividade; Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** *This article aims at discussing some criteria for the classification of processes within the scope of the Systemic-Functional Grammar by means of a corpus-based approach. It is argued that the semantic characteristics of the processes can be mapped from their collocations, thus establishing grammatical patterns that could serve as a set of parameters for analysis.*

**KEYWORDS:** *Systemic-Functional Grammar; Corpus Linguistics; Concordance; Collocations; Transitivity; Brazilian Portuguese.*

### **Gramática Sistêmico-Funcional e sua relação com a Linguística do Corpus**

Este artigo tem por objetivo discutir critérios para classificação de processos e seus argumentos a partir de uma abordagem baseada em corpus. Parte-se do pressuposto que as diferentes escolhas dentro do sistema de Transitividade devem se refletir em escolhas colocacionais.

Tal objetivo só é possível porque a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) e a Linguística do Corpus (doravante LC) têm uma origem comum na linguística neo-firthiana (STUBBS, 1996), com uma série de características comuns. Entre elas estariam: 1) a caracterização da linguística como ciência social aplicada; 2) a forma como os dados são obtidos e analisados, 3) o pressuposto de que forma e significado são elementos indissociáveis (STUBBS, 1996) e 4) de seu lugar como uma abordagem pós-saussureana (HASAN, 2014). No caso específico do primeiro, tanto a LC como a GSF têm a preocupação em produzir

---

\* Professor do Departamento de Linguística Aplicada e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: rll307@unicamp.br. Bolsista auxílio regular à pesquisa FAPESP (processo 2016/11230-5).

pesquisas que vão além da simples descrição linguística. A LC tem um larga tradição na produção de materiais didáticos (BERBER SARDINHA, 2000; CHAMBERS, 2010; SINCLAIR, 1991) e na análise de *corpora* de aprendiz (GRANGER; HUNG; PETCH-TYSON, 2002). O mesmo pode ser observado em relação a GSF, em especial nos esforços para inserção de uma política de ensino de gênero (MARTIN, 2000; MARTIN; ROSE, 2008) ou sobre a necessidade de construção do ensino de línguas no contexto da linguagem em uso (HALLIDAY, 2007).

A análise de dados reais, de forma quantitativa e qualitativa, também é uma preocupação de ambas as abordagens (BEAUGRANDE, 2002; BIBER; CONRAD; REPPEN, 1999; HALLIDAY, 2005), e é uma resposta refratária a prática de análise linguística baseada exclusivamente em dados intuitivos (STUBBS, 1996). Nesse sentido, tanto a LC como a GSF partem de dados coletados no mundo real, buscando o estabelecimento de padrões de realização dentro dos diversos contextos de prática linguística. Isso faz com que a análise não traga hipóteses *a priori*, ou tenha seus exemplos escolhidos de forma a satisfazer os pressupostos teóricos do analista. Como resultado, a análise reflete os diferentes contextos de uso da linguagem, além de suas gramáticas específicas.

A terceira característica comum à LC e à GSF pode ser vista como uma consequência de sua vocação empírica. No caso da LC, a construção do significado é claramente o resultado da interação de uma palavra com seu entorno linguístico: o significado se constitui apenas a partir da colocação e associação das diversas palavras que juntas, em cada contexto linguístico e social, formam fraseologias mapeáveis (BIBER; GRAY, 2016; SINCLAIR, 1991). No caso da GSF, essa relação se dá por meio da instanciação de funções dentro de cada Registro (ou contexto de situação). Tais instanciações levariam à construção de padrões que se manifestariam em termos de escolhas e se colocam como mais ou menos prováveis dentro de cada situação comunicativa (BEAUGRANDE, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; LUKIN et al., 2011; MATTHIESSEN, 1993).

Por fim, esta mesma vocação empírica pode ser o responsável por ambas as abordagens, como colocam Stubbs (1996), Kress (1993) e Hasan (2014), caminharem em direção contrária aos cânones da linguística, que, tradicionalmente, parte-se do conceito de signo definido por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* (1986). Diferentemente de outras disciplinas, pouco se tem discutido sobre a constituição do signo na linguística. A maioria das escolas parece tomar o conceito saussureano como um axioma e talvez a GSF e a LC sejam as primeiras a se contraporem a tal ideia. Tal fato se justifica graças à relação entre

todos os níveis de instanciação: estrutura e significado passam a ser indissociáveis. Se pensarmos que em tais abordagens o significado é motivado tanto contextualmente quanto pela relação entre os diferentes elementos lexicogramaticais, observaremos que ambas também partem da efetiva realização linguística como parâmetro para construção do signo. Ao traduzir tais características teóricas em termos das dicotomias de Saussure, elas estariam efetivamente partindo da *parole* e não da *langue* como princípio analítico (HASAN, 2014; STUBBS, 1996), tendo a instância como insumo para suas discussões.

Uma importante diferença entre a LC e a GSF talvez seja o fato de a primeira ser uma teoria que, apesar de surgir no âmbito dos países de língua inglesa, não tem seus conceitos básicos fundamentados especificamente neste idioma. Concordâncias, cálculo de colocados, entre outros conceitos, podem ser utilizados em qualquer língua, respeitando as características peculiares de cada texto, contexto e cultura. Já a GSF, por sua vez, corre por uma seara distinta. Nas diversas edições de sua *Introduction to Funcional Grammar* (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014) e em outras obras que fundamentam os princípios básicos de sua teoria (HALLIDAY, 1978), Halliday parte do inglês como língua que fundamenta sua descrição. Apesar da possibilidade de transposição deste modelo para o português – dado que ambas são indo-europeias e possuem uma organização SVO – tal fato não ocorre sem que uma série de questões surjam. Tais questões estão centradas, especialmente, na necessidade de adaptação de um sistema gramatical que tem boa parte de seus fundamentos pensados para uma realidade lexicogramatical específica. No caso do português, há questionamentos em relação às categorias de análise estabelecidas em todas as Metafunções; como é o caso do Sistema Temático (BARBARA; GOUVEIA, 2001; GOUVEIA; BARBARA, 2001; VENTURA; LIMA-LOPES, 2002), do Sistema de Modo (GOUVEIA, 2010) e do Sistema de Transitividade (LIMA-LOPES, 2005, 2008, 2014; LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). Para tornar o cenário ainda mais complexo, Halliday e Matthiessen (1999, p. 547–548) colocam que a indeterminação é uma característica comum às línguas naturais: o resultado de um processo de escolha inconsciente por parte dos seus diversos usuários. Uma consequência desse “princípio da indeterminação” é que qualquer análise seria resultante da experiência subjetiva do analista, especialmente no que tange à transitividade. Por essas razões, segundo Lima-Lopes e Ventura (2008), a classificação de processos pode ser uma tarefa complexa em língua portuguesa. Tal realidade analítica leva a uma situação um tanto quanto peculiar para os estudos de GSF em português.

Por conta do exposto, acredito que o parentesco entre a LC e a GSF pode ser um

elemento analítico e facilitador, pelo menos no que tange ao sistema de transitividade. Isso levaria necessariamente à revisão de uma cultura de percepção do objeto de pesquisa, uma vez que a LC, muitas vezes, é utilizada apenas como uma metodologia de sistematização, coleta e levantamento de dados em língua portuguesa (o que incluiria boa parte dos trabalhos deste próprio pesquisador!). Na maioria dos casos, não há uma aplicação dos conceitos básicos da LC, levando à não-utilização de uma série de recursos que poderiam ser valiosos ao analista. Meu objetivo neste trabalho é demonstrar como o parentesco entre a LC e a GSF pode ser utilizado a favor de uma forma de observar o sistema de Transitividade a partir de características típicas do português.

## **2. O sistema de transitividade**

Entre as três Metafunções (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014), a Experiencial pode ser definida como o recurso gramatical pelo qual a linguagem alcança seu potencial representacional (THOMPSON, 1996, 2004). Tal potencial é instanciado por escolhas dentro do Sistema de Transitividade, organizada pelos verbos (ou processos na GSF) e seus argumentos. Tal sistema seria responsável pela expressão de nossas representações, transformando cada proposição no que Halliday e Matthiessen (2014) chamam de *a quantum of change* (ou uma unidade de mudança). Ao representarmos as ações em linguagem estaríamos, na verdade, modelando este *quantum* em algo similar a uma imagem de “fazer”, “acontecer”, “sentir”, “existir”, “dizer” e “ser”, que nos retrata uma relação momentânea entre as entidades presentes no mundo.

O sistema gramatical responsável pela tradução da nossa experiência em linguagem é a Transitividade. É tal sistema que disponibiliza os recursos necessários para transformar nosso *quantum of change* em fluxos de eventos por meio das escolhas processuais e seus argumentos. Cada um destes processos se desdobra pelo tempo e estabelece relações com participantes que desempenham papéis junto aos processos e elementos circunstanciais, cuja função primeira seria adicionar o “pano de fundo” a tais ações. Tais processos seriam organizados pela gramática da proposição, responsável também por imprimir linearidade à nossa experiência.

De acordo com Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), esse sistema conta com seis tipos de processos: 1) os materiais que representam nossa experiência no mundo exterior, ações realizadas no mundo físico; 2) os mentais que são ações realizadas no mundo

dos pensamentos; 3) os relacionais que trazem significados ligados à identificação, posse e atribuição; 4) os comportamentais que estão na fronteira entre os materiais e os mentais, realizando ações do nosso mundo interior que são exteriorizadas; 5) os verbais que estão no âmbito do dizer; e 6) os existenciais que instanciam fenômenos reconhecidos como existentes.

A existência de seis tipos de processos está vinculada a nossa necessidade de expressão de significados, e não deve ser encarada como algo fixo cuja fronteira não é absoluta ou estanque. Assim como na constituição de cores, as fronteiras são difusas e vão tomando forma gradativamente, um exemplo dessa representação pode ser observado na capa da segunda edição de *An Introduction to Funcional Grammar* (HALLIDAY, 1994), na qual os processos são representados de forma colorida como um degrade de fronteiras pouco claras.

Cada um possui um número específico e tangível de participantes:

1. Nos processos materiais: o Ator (que realiza a ação), o Receptor/Cliente (que é atingido por ela), a Meta (que é modificado do processo) e o Escopo (que completa o sentido do verbo). Ex.: Todos [participante: Ator] podem publicar [processo: Material] conteúdo on-line [participante: Meta]
2. Nos processos mentais: o Experienciador (em cuja mente a experiência se dá) e o Fenômeno (que é o elemento percebido). Ex.: Israel [participante: Experienciador] pensou [processo: Mental] ter aval de Trump [participante: Fenômeno]
3. Os relacionais representam significados ligados à identificação, cujos participantes são o identificado e o identificador, à posse, cujos participantes são o possuidor e o possuído, e classificação, cujos participantes são o Portador e o Atributo. Ex.: A Wikipédia [participante: Portador] é [processo: Relacional] um projeto de enciclopédia colaborativa [participante: Atributo]
4. Nos comportamentais: o Comportante e o Comportamento. Ex.: (...) você [participante: Comportante] pode observar [processo: Comportamental] os gráficos... [participante: Comportamento];
5. Nos verbais: o Dizente, que realiza a ação, a Verbiagem, que é a mensagem em si, além do Alvo, que representa a instância que sofre a ação. Ex.: A vizinha [participante: Dizente] contou [processo: Verbal] inverdades [participante: Verbiagem] sobre o casamento de sua sobrinha [participante: Alvo] ...;



6. Por fim, os existenciais têm como seu único participante o existente. Ex.: Haverá [processo: Existencial] caminhada e comida típica [participantes: Existentes].

### 3. Corpus

Neste trabalho, os dados são retirados do *Portuguese Web 2011 corpus* que está composto de 4.626.584.246 palavras e está disponível pela ferramenta *Sketch Engine* (<http://the.sketchengine.co.uk>). Entre as possibilidades oferecidas por ela, foram utilizados o concordanciador e o cálculo de colocados.

A análise partiu de processos ambíguos em termos de sua classificação e tipologia e ocorreu em dois momentos. No primeiro, cada um dos processos pesquisados foi submetido ao levantamento de concordâncias, cálculo de colocados e n-gramas, de forma a observar padrões que se mostrassem relevantes para classificação. No segundo, o trabalho buscou a análise de processos deslexicalizados, de forma a buscar padrões que os diferenciassem de seus significados canônicos. Por motivos de espaço, a discussão será centralizada em três processos *contar*, *ligar* e *tratar*. Tais processos já foram indicados em outros estudos (tais como LIMA-LOPES, 2005, 2014; LIMA-LOPES; VENTURA, 2008), como sendo de classificação problemática devido à sua plurissignificação.

### 4. O estudo

A proposta deste trabalho sugere a utilização de ferramentas que auxiliem no cálculo de itens lexicais que habitem o co-texto de um processo de forma a compreender como sua estrutura semântica se reflete em termos de escolhas lexicogramaticais; comparando as fraseologias de forma a estabelecer uma relação significativa do processo com o seu entorno.

- ex 1 E as incríveis imagens (tendo em **conta** o problema no foco a que fizemos referência (...))  
ex 2 (...) a linha de brinquedos lançada pela ACME há algumas semanas atrás **conta** com algumas referências completamente esgotadas!  
ex 3 (...) propósito deste livro, vale a pena **contar** uma história. (...)  
ex 4 Contenha a respiração enquanto **conta** até oito e depois expire pela outra narina (...)

Como se pode observar nos exemplos acima, *contar* pode possuir mais que uma classificação possível. No ex1, ele poderia ser um processo mental, uma vez que a ação parece estar relacionada a reflexão por parte do falante; no ex2, ele pode ser classificado

relacional, uma vez que parece estar ligado à posse; no ex3 e 4, ele parece estar instanciando significados verbais.

Cada um desses significados pode ter sua relação lexicogramatical justificada a partir de algumas linhas de concordância. No caso do exemplo 1, é estabelecida uma clara fraseologia na qual *contar* faz parte de uma locução verbal precedida pelos verbos *levar (em)* ou *ter (em)*, quase sempre ocorrendo em sua forma do presente do indicativo:

Sempre levei em **conta** as consequências que as minhas possíveis (...)  
(...) as abstenções não são tidas em **conta** estas reuniões (...)

A tabela 1, a seguir, traz os colocados de *contar* em seu sentido mental. Observa-se ali que os 10 primeiros colocados são exclusivamente variações de *levar (em)* ou *ter (em)*, sendo que o primeiro parece ser um muito mais provável.

**Tabela 1. Colocados de *contar* (mental-I)**

N.	Palavra	Valor	N.	Palavra	Valor
1	levando	23,075	6	levado	13,592
2	tendo	59,224	7	levarmos	3,789
3	levando-se	8,263	8	levam	3,861
4	levar	24,954	9	levadas	2,502
5	leva	11,888	10	tivermos	2,071

O significado expresso pelo ex02 também parece possuir uma fraseologia específica. Como podemos observar nas concordâncias a seguir, *contar* como processo relacional é necessariamente seguido da preposição *com* que é o colocado a direita em 100% das ocorrências.

(...) a mais de 1000 crianças, em que 700 **contam** com apoio permanente. (...)  
(...) 1,2 milhões de euros, num projeto que **conta** com a parceria da Câmara da Régua e visa (...)  
(...) a Experimenta Design e que **conta** com o apoio jurídico, em regime pró-bono (...)  
(...) este período de regresso efêmero, que **contou** com a presença de 24 jesuítas, ficou (...)  
(...) deu início ao colégio de Campolide, **contando** com a colaboração de mais dois jesuítas (...)

No caso de *contar* em seu significado verbal (exemplo 03) há um contexto de uso relacionado à natureza dos substantivos que colocam com o processo. Os complementos, Alvos em termos da GSF, são diferentes em termos de significados, mas parecem guardar uma característica comum: possuir um traço semântico ligado à narratividade, além de serem precedidos de um artigo, muitas vezes, indefinido.

Não gosto que me digam que me vão **contar** uma anedota, desde logo porque é como (...)



Os velhos não se importam de **contar** uma vez mais a mesma história. Por mim, estou (...)  
 (...) resta a tentativa em querer **contar** uma narrativa linear, deixando os seus pontos (...)  
 O que parece é que para **contar** um conto deste jaez, Jean-Pierre Jeunet escolheu (...)  
 Se alguém **contar** uma piada a respeito da saúde do Papa (...)

Tal fato se confirma ao se analisar a lista de colocados (tabela 2). Variações de *história* ocorrem entre as quatro primeiras ocorrências, seguido por *piada*, que também é representada pela palavra *anedota* (posição 8). Em termos semânticos, *causo*, *conto* e *lenda* também representam elementos narrativos, ora literários, ora relacionados a história oral. Talvez *segredo* seja o único colocado no qual o traço narrativo pode ser discutido, ainda que não excluído completamente, uma vez que segredos podem conter blocos narrativos.

**Tabela 2. Colocados de contar (verbal)**

N.	Palavra	Valor	N.	Palavra	Valor
1	história	14785	6	segredo	591
2	estória	499	7	trajetória	655
3	historinha	351	8	anedota	167
4	piada	635	9	lenda	267
5	conto	658	10	causo	134

No exemplo 04, *contar* também parece expressar um significado verbal, uma vez que *contar até* reflete uma ação mental (calcular os números) seguida de um resultado material (dizê-los em voz alta), possuindo traços semânticos diferentes do significado anterior por não pressupor a construção de uma narrativa. Isso parece demonstrar que, mesmo ao possuir uma mesma classificação, há características co-textuais específicas para cada: uma fraseologia regular que, em estudos na área de GSF, formariam um padrão semântico reconhecível para análise.

(...) próximo do meu quarto, **contava** até doze e sabia que era mesmo muito tarde.  
 A água estava fria. **Contamos** até três e todos se atiraram para o Poço, menos (...)  
 (...) já aprenderam a **contar** até 5 em grego: ena, dio, trio, tessera, pente(...)  
 Às vezes é preciso engolir ou **contar** até 10, mas p ser sincera, nem sempre é fácil(...)

*Ligar* é outro processo com significação múltipla, como se pode observar nos exemplos a seguir. Em ex 5 *ligar* tem um significado material, relacionado a *acionar* um equipamento ou dispositivo; em ex 6 seu significado também é material, mas está relacionado a conectar dois dispositivos fisicamente; ao passo que em ex 7 o significado é comportamental.

ex 5 Pense nisto na próxima vez que **ligar** o ar condicionado (...)  
 ex 6 (...) ele teria que gravar tudo em DVD ou **ligar o** computador a TV o que é pouco pratico.  
 ex 7 (...) em saber mais sobre esta publicação, pode **ligar** para o XXXXX, enviar um fax (...)





No caso do primeiro significado de *ligar*, ele está inevitavelmente seguido de uma Meta instanciada por um dispositivo mecânico ou eletrônico.

(...) se um dia o seu automóvel não	<b>ligasse</b>	o motor sem que, antes, provasse num (...)
(...) gripe, sem paciência nem capacidade para	<b>ligar</b>	o computador, mas mesmo assim nos perguntamos (...)
Acender sempre o fósforo antes de	<b>ligar</b>	o gás (...)
Não vou sequer	<b>ligar</b>	o telefone nesse dia.

Como podemos observar nas concordâncias acima, o processo interfere no estado de funcionamento de equipamentos como *motor*, *computador*, *gás* e *telefone*. O primeiro e o terceiro, mecânicos, e o segundo e o quarto, eletrônicos. Esses dispositivos são Metas por terem sua condição de existência momentânea interferida pelo processo: eles passam de um estado de inatividade para atividade.

No sentido de “conectar dois elementos” (ver concordâncias a seguir) observa-se que, apesar de material, ele possui uma estrutura gramatical diferente do anterior. Aqui há duas entidades que sofrem ação do verbo, que, em termos formais dentro da GSF, deveriam ser classificados como uma Meta (primeiro elemento que seria conectado) e um Beneficiário (que receberia tal conexão).

(...) Pênsil remonta a 1841 e tinha como objetivo	<b>ligar</b>	o Porto a Gaia para evitar o trânsito (...)
O objetivo é	<b>ligar</b>	o nascimento do jornal ao regresso das férias (...)
Sonhou até,	<b>ligar</b>	o Egito ao Cabo através de um extenso corredor (...)
Esta rua	<b>liga</b>	a Praça do Povo ao elegante bairro de (...)

Apesar de tal fraseologia já ser um determinante da diferença de sentidos, para torná-lo único em relação aos demais, são relevantes algumas observações sobre seus participantes. Aqui, eles parecem possuir traços de benefício com o processo de conexão (inclusive a Meta), ao passo que ambos também (inclusive o Beneficiário) parecem possuir traços de transformação em seu estado, isso parece se dar porque *ligar* tem um sentido de influência múltipla. Tais características parecem mostrar que *ligar* vai além de uma fraseologia própria, mas possui características que parecem não ser previstas pela teoria. Contudo, mais pesquisas seriam necessárias de forma a observar se tais resultados se repetiriam sistematicamente em outros processos de forma a estabelecer as possíveis regularidades.

*Ligar* também instancia significados comportamentais (concordâncias a seguir). Nesse significado, ele está necessariamente relacionado à preposição *para*, seguida de um número, indivíduo ou instituição.

(...) saber mais sobre esta publicação, pode **ligar** para o XXX, enviar um fax para (...)



(...) para o visualizar Javascript disabled ou **ligar** para o Centro de Desenvolvimento Infantil (...)  
 (...) se for num raio de 50 km **ligar** para XXX (...)  
 Para informações suplementares, poderá **ligar** para a Linha Azul (...)

A classificação como Comportamental se justifica pela natureza material+verbal da ação. Uma ligação telefônica pode ser classificada como um ato material (disparar o número) acompanhada de um ato verbal (falar ao monofone) e por um também Comportamental (ouvir). A característica verbal garante também um traço mental característico deste tipo de ação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os exemplos de 8 a 15 trazem instanciações dos diferentes significados de *tratar*.

ex 8	(...) que tem para a sociedade, mesmo quando se <b>trata</b> de uma questão de direitos fundamentais (...)
ex 9	(...) como prevenir e <b>tratar</b> esta infecção periodontal que produz uma (...)
ex 10	(...) o "seu" (aqui no sentido literal) país e <b>tratou</b> o povo líbio nas últimas décadas?
ex 11	(...) ajudou na escrita de "Irmãos de Armas", <b>tratou</b> de encontrar os homens cujas vidas (...)
ex 12	(...) Assim saberá <b>tratar</b> toda a informação, avaliar o impacto (...)
ex 13	Partido pelos Animais é um partido que também <b>trata</b> de mim (...)
ex 14	(...) especiais radio cd e pode pagar em duas vezes se <b>trata</b> com Fulano 666-666-666 (...)
ex 15	<b>Trata-se</b> de um conjunto de lembranças ou sentimentos

O ex 8 é um exemplo de processo verbal, em cuja construção traz *tratar* seguido de um Alvo que se caracteriza como tema principal da discussão (ver concordâncias a seguir). Nesse caso, o processo sempre é seguido da preposição *de*, ou alguma de suas formas contratas como *do* ou *da*, e de um substantivo, por vezes nominalizado (como *falsificação*, *transporte* e *imigração*).

Nesse contexto, tratar poderia ser substituído (*probed*) por uma série de sinônimos verbais, como é o caso de “trata de uma falsificação” e “trata apenas de transporte de passageiros” que podem ser substituídos por *discutir* ou *debater*; ao passo que “tratar de algum assunto” e “tratar da minha saída da escola” poderiam ser equivalentes a *negociar*.

Paths of Glory **trata** de uma falsificação maior (...)  
 Porque a aviação militar não **trata** apenas de transporte de passageiros (...)  
 (...) porque eles tratam melhor, quando quiser **tratar** de algum assunto (...)  
 (...) há um ano e meio quando comecei a **tratar** da minha saída da escola.

As concordâncias a seguir trazem instanciações de *tratar* em um significado Comportamental, como no ex 9, e como é possível observar (concordâncias a seguir) são representadas ações que indicam o tratamento de doenças, pacientes e seus sintomas. Estes procedimentos são o resultado de atitudes intervencionistas no estado de um indivíduo, ou conjunto deles, o que certamente passa pelo planejamento. Em outras palavras, uma ação Mental (compreender e buscar ideias para cura) seguido de um ato que recai e transforma o



outro.

(...) produzir uma nova técnica para	<b>Tratar</b>	o paciente recorrendo às técnicas da MTC (...)
(...) medicamento surgiu da "necessidade de	<b>tratar</b>	o câncer , com chance real de ajudar pacientes (...)
(...)a toma de antibióticos destinados a	<b>tratar</b>	sintomas resultantes de patologias muito (...)
(...) técnica médica já bem estabelecida para	<b>tratar</b>	outras infecções, como as urinárias (...)
	<b>tratar</b>	certas doenças mediadas por mecanismos (...)

Tais instanciações (ver concordâncias acima) ocorrem sem a presença de preposições ou outros elementos de ligação. O fato de seu comportamento modificar tanto enfermidades – como “tratar o câncer (...)” – e os que dela são acometidos – como Tratar o paciente (...)” – pode ser um indicativo de diferenças: no caso dos primeiros, há claramente uma tentativa de impor melhoras; ao passo que, no segundo, a eliminação do problema parecer ser o efeito desejado. Em ambos os casos, a prosódia semântica se mantém como positiva, apesar de o efeito da transformação tender a ser diferente.

Novamente, apesar de entidades como “paciente”, “câncer”, “sintomas”, “infecções” e “doenças” serem tratados como Escopos pela teoria hallidiana, o efeito sobre elas parece precisar de um olhar mais próximo. Ao estar relacionado a pacientes (pessoas ou animais) seu impacto o estado de dessas entidades parece ser transformado, passando a ser não-pacientes, o que lhes dá traços de Cliente. Já quando associado a doenças, elas passam de existentes para não existentes, uma transformação mais próxima da definição de Meta. Isso levaria a percepção que podem existir processos Comportamentais de transformação, algo não discutido por Halliday.

Mas de forma a que não	<b>tratam</b>	os leitores ou os espectadores como idiotas (...)
(...)o senhor Pinto de Sousa e seus áulicos	<b>tratam</b>	as revoltas do Norte de África, sobretudo (...)
(...) tentativa evangelizadora das culturas que	<b>tratam</b>	as mulheres como seres humanos de segunda (...)
O dia em que os filhos da mãe que	<b>tratam</b>	as mulheres como sacos de pancada apodrecerem (...)

Tal fato também parece ocorrer em outro exemplo Comportamental de *tratar*, como se observa em ex10. Ali observamos que este processo, ao ser associado a plurais e coletivos que designam uma categoria de indivíduos – tais como *leitores, povo sírio, mulheres e revoltas* –, também possuem traços de mudança de estado. Como podemos observar nas concordâncias acima.

Tal transformação tem seu efeito especificado pela presença de um elemento circunstancial de modo: *como* é colocado com todos os exemplos desse tipo de processo, sendo utilizado de forma a estabelecer uma linha de tratamento negativa. Aqui, há tantos casos de transformação não-física, uma vez que há proposições como “tratem os leitores ou os



espectadores como idiotas”, que implicam em uma ação Mental ou Verbal com prosódia semântica negativa, como transformações de estado que interferem no bem-estar do Comportamento, como é o caso de "tratam as mulheres como sacos de pancada”.

(...) em instalar o contador. Sendo assim,	<b>tratei</b>	de lhe instalar um contador (...)
(...) ajudou na escrita de "Irmãos de Armas",	<b>tratou</b>	de encontrar os homens cujas vidas (...)
(...) representa o seu papel de ofendida e	<b>trata</b>	de aproveitar essa vantagem até ao dia (...)
(...) gangues armados do PRP, que em 1911	<b>trataram</b>	de destruir (dizia-se então "empastelar (...))

As concordâncias acima trazem ocorrências da utilização de *tratar* em uma locução verbal, como também mostra o exemplo 11. Esse tipo de processo é de especial dificuldade de classificação dentro do modelo proposto por Halliday. Isso porque ele não parece representar a ação efetiva, projetando uma oração reduzida de infinitivo que realiza tal significado.

Em tal contexto, o processo principal parece funcionar como um elemento cuja importância está em enfatizar na progressão narrativa, mostrando a ação que a ele se segue como uma resposta a um problema técnico ou conceitual representado pela oração projetante. Isso é observável em concordâncias como “Sendo assim, tratei (...)”, na qual *tratar* parece introduzir *instalar* como uma resposta a problemas de instalação de um programa ou ainda “(...) ajudou na escrita” no qual *tratar* funciona de forma de introduzir a justificativa para ajudar no processo de escritura. Talvez por conta de tal função, eles seriam facilmente substituídos nos exemplos acima por processos não locucionais, tais como “instalei”, “encontrou”, “aproveita” e “destruíram”, respectivamente.

O processo de deslexicalização é comum em língua portuguesa e ocorre especialmente com processos cuja definição se dá pela instanciação do Escopo, como citado acima. Entretanto, *tratar* parece ocorrer por um caminho diferente, o que pode ficar claro em uma comparação com processos como *fazer* e *dar*, também comumente deslexicalizados em português:

Ele se dignou a pelo menos	<b>dar</b>	uma ligada pro Comandante (...)
Cada utilizador só poderá apenas	<b>fazer</b>	um registro ou inscrição numa das categorias (...)
E, assim persuadido	<b>tratei</b>	de persuadir também os outros (...)

Nas concordâncias acima, pode-se observar que em “dar” boa parte do sentido do verbo se completa pelo Escopo “uma ligada”, deixando o processo praticamente vazio e podendo ser substituído facilmente por “ligar”. O mesmo poderia ser dito em relação a “fazer”, cujo significado repousa no Escopo “um registro ou inscrição”, e cuja substituição



pelas formas sintéticas “registrar” e “escrever” também é possível em outros fraseados. Já “tratar” é um caso diferente, uma vez que ele não é seguido de um substantivo e tampouco pode ser substituído, sua estrutura não pressupõe uma forma sintética em contraste com uma forma analítica. Ele agrega algum significado diferente do verbo no infinitivo; ao mesmo tempo que o introduz uma relação subjetiva resultante de seu próprio processo de persuasão, ele projeta indiretamente tal ação na Meta “os outros” cujo processo transformador é “persuadir”.

(...) técnico-científica que obtém e	<b>trata</b>	dados de levantamentos topométricos (...)
Política de Privacidade ACME descreve como	<b>tratamos</b>	informações pessoais quando (...)
Recolher e	<b>tratar</b>	informação variada, recorrendo ao uso de (...)
O site, que	<b>trata</b>	conteúdo traduzido para o espanhol e inglês (...)

As concordâncias acima trazem “tratar” em um significado material (como também em ex12), relacionando ao procedimento de processamento de dados e informações. Nesse sentido, o processo se relaciona exclusivamente com Metas que estão ligadas a este campo semântico específico, com pouquíssimas variações; são comuns palavras como “dado(s)”, “informação(ões)”, “conteúdo(s)” e alguns sinônimos.

Na teoria proposta por Halliday (1994), Metas seriam entidades que seriam modificadas pelo verbo. Aqui elas o são, uma vez que ao passar de [não tratadas] para [tratadas] elas possuem uma transformação em seu estado: o processamento dos dados leva a modificação da estrutura das informações. Todavia, tal significado só é possível pela interação entre a Meta e o processo: “tratar” ao se colocar com qualquer item lexical sem a ideia trazida pelos exemplos acima não instanciará a ideia de “modificação necessária para utilização da informação”.

Esses resultados são importantes por trazer à baila uma questão que parece típica deste uso de “tratar”. A Meta aqui parece ser um elemento determinante para esta instanciação, uma vez que é na relação entre ela e o verbo que o significado se estabelece. Isso não está previsto nas relações descritas entre as diferentes versões da gramática (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004, 2014) e parece trazer contribuições, em especial, por demonstrar tanto a importância das relações colocacionais na construção do significado como por atribuir ao argumento um papel de modificador do processo.

(...) relacionadas com a medicina que	<b>trata</b>	de pacientes adultos, crianças e jovens (...)
Os hospitais são organizações para	<b>tratar</b>	de doentes e não para dar lucro (...)
(...) suportou só o trabalho diário de	<b>tratar</b>	de enfermos, desde que abriu o Hospital (...)



Ofereço-me para	<b>tratar</b>	de pessoa idosa (...)
(...) uma vez que tinha	<b>tratado</b>	pacientes com pneumonia atípica (...)
(...) contudo, sem capacidade para	<b>tratar</b>	doentes críticos.

As concordâncias acima trazem um uso comportamental de “tratar”, como mostra o ex13. Sua classificação pode se justificar prela relação mental-material que se estabelece em um verbo que parece ter o significado anômalo a “cuidar” ou “medicar” e está exclusivamente associado a contextos no qual o tratamento médico é tema da proposição. Nesse sentido, “tratar” pressupõe uma decisão mental de decisão do que fazer e um material, relacionada à administração efetiva do tratamento.

Como pode ser observado, o processo parece relacionar-se exclusivamente com substantivos relacionados a indivíduos que merecem ou carecem de cuidados de saúde, tais como “pacientes”, “doentes” e “enfermos”. Isso leva à instanciação de um tipo de relação similar aos exemplos anteriores: o processo neste significado só ocorre se colocado ao lado de tais substantivos, numa relação simbiótica entre o processo e seus argumentos.

Em termos de estruturas gramaticais, há uma relativa variação no uso ou não da preposição “de”, em concordâncias como “tratar [de] pacientes”, sem que, contudo, haja impacto no significado.

(...) condição "sine qua non" para vir a	<b>tratar</b>	com a Rússia em situação vantajosa.
(...) riscos tem manual, e fonte preço a combinar	<b>tratar</b>	com Fulano (...)
(...) Quando o Brasil	<b>trata</b>	com a França, os EUA ou mesmo com a Suécia (...)
(...) modesto e simples que	<b>tratava</b>	com o responsável do periódico qualquer (...)

As concordâncias acima trazem instâncias similares ao ex14, no qual o verbo tratar aparece em uma função verbal. Neste contexto, o processo está exclusivamente seguido da preposição “com”, e tem como Alvo um indivíduo – “tratar com fulano” ou “tratar com o responsável” – ou entidade personificada – “com a Rússia” – com a qual se é capaz de estabelecer um ato negocial.

	Não se	<b>trata</b>	de uma via autoritária marxista-leninista (...)
(...) a nossa experiência tem demonstrado que se		<b>trata</b>	de uma fonte de mais conflitos (...)
China tinha apenas 3,7% e a Índia 1,9%		<b>trata-se</b>	, simplesmente, de uma anomalia. (...)
(...) sistemas operacionais baseados no Linux,		<b>trata-se</b>	de sistemas UNIX-Like (...)

Por fim, as concordâncias acima, assim como o exemplo 15, trazem instanciações de “tratar” em um significado relacional atributivo, podendo ser substituído por equivalentes como “ser”. Na fraseologia identificada, ver concordâncias acima, ele ocorre exclusivamente em sua forma impessoal em terceira pessoa, acompanhando da partícula apassivadora “se”,

tanto em próclise como em ênclise, e da preposição “de”. O processo é sempre seguido de um substantivo, ora plural ora singular, precedido por um artigo indefinido “um(a)”.

Apesar de em um primeiro momento tais resultados parecerem trazer a possibilidade de existência de fraseados relacionais atributivos de caráter impessoal, tal observação poderia ser considerada como prematura, isso porque parece haver uma referência à entidade que imediatamente precede o processo. Tal referência pode funcionar como uma relação coesiva (HALLIDAY; HASAN, 1976), mesmo parecendo não ser explícita, ela pode estabelecer a ligação entre as duas entidades. Logo, apesar de utilizar uma estrutura dita impessoal, tal significado instancia uma metáfora gramatical, uma forma de conexão por proximidade. Isso traz à baila uma questão importante que comprova um dos pressupostos básicos da GSF: a relação entre significado e estrutura se reconfigura em cada uso.

### **Considerações Finais**

Este artigo teve por objetivo discutir critérios para classificação de processos dentro do escopo da Gramática Sistemico-Funcional, a partir de uma abordagem baseada em corpus. De forma a alcançar tal objetivo, iniciou-se uma discussão sobre os pontos comuns entre a GSF e a LC, refletindo sobre as possíveis contribuições que uma análise baseada em corpus poderia trazer para a análise de transitividade.

Em seguida, foram comparados possíveis sentidos de “contar”, “ligar” e “tratar” a partir de um corpus em língua portuguesa. Cada sentido teve seu significado justificado pela análise de colocados ou concordâncias, observando-se regularidades que podem auxiliar ao analista no processo de classificação dos processos. Isso parece demonstrar que as características semânticas dos processos podem ser mapeadas a partir de suas colocações, estabelecendo, assim, padrões gramaticais que podem servir como parâmetro analítico em GSF.

No que tange à análise dos processos, os resultados mostram que a análise de concordâncias e colocados foi eficaz no processo de compreensão dos diferentes significados, observáveis apenas dentro do contexto metodológico que este artigo se propôs. Com relação a estes significados, argumentou-se em favor da classificação dos processos a partir das linhas de concordância e das regularidades presentes. Em tal análise, foi possível concluir que os diferentes significados de cada processo estão ligados ao seu universo gramatical. Isso tem duas implicações. A primeira estaria relacionada ao processo de construção de significado no

nível lexicogramatical, pois constatou-se que as diferentes relações estruturais de colocacionais de um verbo implicam em mudanças no significado instanciado. Uma consequência disso seria que qualquer classificação baseada apenas em uma visão intuitiva poderia levar à perda de alguns nuances importantes. No segundo, a análise baseada em concordâncias propiciou a observação de alguns padrões gramaticais que parecem específicos do português. Nesse ponto há destaque especial para o fato de a co-colocação entre um processo e seu argumento ser um fator importante na determinação do significado. Isso pode ser encarado como um fator a ser levado em conta nos processos de classificação processual.

Além disso, o presente estudo pode ser um indicativo para que métodos baseados em corpora sejam usados de forma mais sistemática. Como colocado anteriormente, apesar das possibilidades de tal associação, a maioria dos trabalhos em GSF utiliza a LC apenas como processo de levantamento de dados, ignorando os potenciais teórico-metodológicos que ela poderia trazer.

## Agradecimentos

À Maristella Gabardo (IFPR) pela leitura de versões anteriores deste artigo.

## Referências

- BARBARA, L.; GOUVEIA, C. A M. It is not there , but [ it ] is cohesive : the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. *Direct Pap.*, v. 46, p. 1–13, 2001.
- BEAUGRANDE, R. “Register” in discourse studies: a concept in search of a theory. In: GHADDESSY, M. (Ed.). . *REGISTER ANALYSIS Theory and Practice Edited by Theory and Practice*. Open linguistics series. London ; New York : New York, NY, USA: Pinter Publishers ; Distributed in the U.S. and Canada by St. Martin’s Press, 1993. p. 7–25.
- BEAUGRANDE, R. DE. Descriptive linguistics at the millennium : Corpus data as authentic language. *Journal of Language and Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 1–26, 2002.
- BERBER SARDINHA, T. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 16, n. 2, p. 323–367, 2000.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BIBER, D.; GRAY, B. *Grammatical Complexity in Academic English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- CHAMBERS, A. What is data-driven learning? In: O’KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (Eds.). . *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. [s.l.] Routledge, 2010.
- GOUVEIA, C. A. M. Towards a profile of the interpersonal organization of the portuguese clause. *DELTA*, v. 26, p. 1–24, 2010.
- GOUVEIA, C. A M.; BARBARA, L. Marked or unmarked that is NOT the question , the question is : Where ’ s the Theme ? *Direct Pap.*, v. 45, p. 1–20, 2001.
- GRANGER, S.; HUNG, J.; PETCH-TYSON, S. (EDS.). *Computer learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and*



- meaning*. Baltimore: University Park Press, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2ª ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *Computational and quantitative studies*. London; New York: Continuum, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language and education*. London; New York, NY: Continuum, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing Experience through meaning: A language approach to cognition*. London / New York: Continuum, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed ed. London: New York: Arnold; Distributed in the United States of America by Oxford University Press, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday 's Introduction to Functional Grammar*. Fourth Edi ed. New York: Routledge, 2014.
- HASAN, R. Towards a paradigmatic description of context: systems, metafunctions, and semantics. *Functional Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 9, 2014.
- KRESS, G. Against Arbitrariness: The Social Production of the Sign as a Foundational Issue in Critical Discourse Analysis. *Discourse & Society*, v. 4, n. 2, p. 169–191, 1 abr. 1993.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. *Estudos de Transitividade em Língua Portuguesa: O Perfil do Gênero Cartas de Venda*. [s.l.] Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL/PUCSP, 2001.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. Levantamento de Processos em Cartas de Mala Direta. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 44, n. 1, p. 133–160, jun. 2005.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. Processos relacionais em cartas publicitárias. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 1, p. 35–69, 2008.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. Transitivity in Brazilian Greenpeace's electronic bulletins. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 2, p. 413–439, jun. 2014.
- LIMA-LOPES, R. E. DE; VENTURA, C. A transitividade em Português. *DIRECT Pap. -- CEPRIL, PUCSP, AELSU, Liverpool Univ.*, v. 55, p. 1–22, 2008.
- LUKIN, A. et al. Halliday's model of register revisited and explored. *Linguistics and the Human Sciences*, v. 4, n. 2, maio 2011.
- MARTIN, J. R. Grammar meets Genre. *Language (Baltim.)*, p. 1–31, 2000.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre Relations*. London: Equinox, 2008.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. Register in the round: diversity in a unified theory of register analysis. In: GHADESSY, M. (Ed.). *Register analysis: theory and practice*. Open linguistics series. London; New York: New York, NY, USA: Pinter Publishers; Distributed in the U.S. and Canada by St. Martin's Press, 1993. p. 221–292.
- SAUSSURE, F. DE. *Course in general linguistics*. LaSalle, Ill: Open Court, 1986.
- SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- STUBBS, M. *Text and corpus analysis*. London: Blackwell, 1996.
- THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.
- THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 2. ed. London/New York: Arnold, 2004.
- VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. DE. O Tema: caracterização e realização em português. *DIRECT Papers*, v. 47, n. Siqueira 2000, p. 1–81, 2002.

**Recebido em: 26/05/2017**

**Aceito em: 12/11/2017**

**JÚLIO RIBEIRO, LEITOR DE SCHLEICHER: LINGUÍSTICA E POSITIVISMO NO BRASIL DO FINAL DO SÉCULO XIX**

**JULIO RIBEIRO, THE SCHLEICHER'S READER: LINGUISTICS AND POSITIVISM IN THE NINETEENTH CENTURY BRAZIL**

**Maurício Silva\***

**RESUMO:** Neste artigo apresenta-se análise de alguns conceitos gramaticais elaborados por Júlio Ribeiro, destacando sua filiação à corrente positivista dos estudos linguísticos, sob a perspectiva teórica da Historiografia Linguística, sistematizada tanto por Koerner quanto por Swiggers. Além disso, relaciona-se sua produção gramaticográfica com a obra do linguista August Schleicher e à corrente positivista/determinista a que se vincula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Júlio Ribeiro; Gramática; Português; Historiografia Linguística; Positivismismo

**ABSTRACT:** *The present article analyzes some grammatical concepts of Júlio Ribeiro, highlighting his affiliation to the positivist current of linguistic studies, under the theoretical perspective of Linguistic Historiography, systematized by both Koerner and Swiggers. In addition, the present article seeks to relate its grammatical production with the work of the linguist August Schleicher and the positivist/determinist current to which it relates.*

**KEYWORDS:** *Julio Ribeiro; Grammar; Portuguese; Linguistic Historiography; Positivism*

## **Introdução**

Tendo publicado sua célebre *Grammatica Portuguesa* em 1881, Júlio Ribeiro desde cedo envolveu-se em diversos debates acerca de fatos linguístico-gramaticais e literários, destacando-se como um dos mais inspirados e sarcásticos polemistas da virada do século. É certo que resolver pendências ideológicas por meio de polêmicas não era exatamente uma novidade em sua época, já que, pelo menos desde meados do século XIX, as contendas em torno de manifestações idiomáticas, por mínimas que fossem, parecem ter sido mais regra do que exceção, envolvendo personalidades mais díspares, como José de Alencar, em combate com Pinheiro Chagas, em 1870; Carlos de Laet, em disputa com Camilo Castelo Branco, em 1879; Rui Barbosa (em célebre embate com Ernesto Carneiro Ribeiro, entre 1902 e 1907, e muitos outros (LEITE, 1996; PFEIFFER, 2001).

Contudo, a figura de Júlio Ribeiro se destaca, nesse cenário contornado por imprecizações de todo tipo, primeiro, por se manter, ao longo de suas mais acirradas polêmicas,

---

\* Professor da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, São Paulo, Brasil; e.mail: maurisil@gmail.com



rigorosamente dentro dos limites impostos pelos temas discutidos, lançando mão, ao mesmo tempo, de um vasto cabedal de conhecimento científico acerca do assunto tratado e de um impiedoso e ferino discurso contra seus opositores; segundo, por fazer de seus conhecimentos linguístico-gramaticais uma arma poderosa contra seus antagonistas, como aliás lembrou José Leonardo do Nascimento, que vira nesses mesmos conhecimentos instrumentos de luta, que aplicou, sem piedade ou medida, contra adversários, demonstrando que eles tinham poucos conhecimentos vernaculares (NASCIMENTO, 2007).

Bem antes da publicação de suas principais obras, o ainda desconhecido intelectual mineiro já se envolvia em polêmicas diversas, seja em torno de temas da comunidade em que vivia, como ocorre no jornal *O Sorocabano* (1870-1872), seja em rusgas de natureza gramatical, como ocorre no jornal *Ypanema* (1873), em que um redator anônimo o condenava... pelo uso de um plural inadequado! (CAVALHEIRO, 2001).

Mas nem só de polêmicas viveu o ilustre filólogo: embora tenha exercitado sua verve ferina em textos que se tornaram célebres na imprensa da época, posteriormente recolhidos em suas *Cartas Sertanejas* (1885) (RIBEIRO, s.d.a) e nas contundentes *Procellarias* (1887), (RIBEIRO, s.d.b), Júlio Ribeiro se dedicou com igual tenacidade à produção de reconhecida obra científica, particularmente no âmbito do conhecimento linguístico e gramatical, a qual, escrita sob a égide da filosofia positivista – que tomou conta, na passagem do século XIX para o XX, do cenário intelectual brasileiro – tornou-se referência nos estudos da língua portuguesa até os dias atuais.

Adotando o Positivismo como base filosófica por excelência de sua conduta teórica e prática, a *intelligentsia* republicana brasileira tinha nos conceitos de modernização e cientificismo os dois pilares da concepção tropicalizada de nacionalismo, por meio da qual se pretendia tornar o país uma nação mais civilizada e cosmopolita. (OLIVEIRA, 1990; VENTURA, 1991). Semelhante concepção da realidade brasileira redundaria, no plano político, na instauração de um regime – a República – que tinha nas propostas regeneradoras e utópicas do Positivismo sua principal fonte de inspiração, resultando numa ditadura em tudo caudatária do imaginário comteano (CARVALHO, 1989; CARVALHO, 1990; BRESCIANI, 1993).

Esteticamente, o cenário não era diferente: a literatura produzida na época, a que se convencionou chamar de Realista-Naturalista, apresentava como fundamento ideológico uma série de teorias que, tendo surgido na segunda metade do século XIX, baseavam-se fundamentalmente nas ideias colhidas do *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842), de

Auguste Comte, bem como de outros sistemas filosófico-ideológicos que com elas dialogavam, como o Determinismo Ambiental de Taine (*Filosofia da Arte*, 1865-1869), o Determinismo Biológico de Darwin (*As Origens das Espécies*, 1859), o Experimentalismo Científico de Bernard (*Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, 1865) ou o Determinismo Social de Spencer (*Princípios de Sociologia*, 1877-1886). Todas essas teorias acabaram influenciando diretamente o modo de produção literária dos realistas-naturalistas de fins do século XIX no Brasil, que, ao incorporarem em suas obras semelhantes ideários, estabeleceram, involuntariamente, um vínculo entre Arte e Ciência (BROCA, 1991; SODRÉ, 1965). Como afirmou Émile Zola, num dos principais tratados teóricos sobre o Naturalismo – ao explicitar os objetivos do que, muito sugestivamente, chamou de *romance experimental* –, a literatura deve

possuir o mecanismo dos fenômenos do homem, mostrar a engrenagem das manifestações intelectuais e sensuais, tal qual a Fisiologia no-las explicará, sob as influências da hereditariedade e das circunstâncias-ambiente, e depois mostrar o homem vivendo no meio social que ele mesmo produziu, que modifica todos os dias, e no seio do qual experimenta por sua vez uma transformação contínua. (ZOLA, 1982, p. 43).

Tratava-se, em resumo, dos princípios do positivismo comtiano e do determinismo darwiniano aplicados à política e à estética, da mesma maneira que foram aplicados ao campo dos estudos linguísticos. Com efeito, como demonstra a historiografia da linguística, o século XIX foi marcado por tendências cada vez mais vinculadas ao método histórico-comparatista – com os estudos de Franz Bopp, August Schleicher, Max Müller, Wilhelm Von Humboldt, Whitney e outros –, inspirado no ideário positivista-determinista (LEROY, 1982).

No Brasil não seria diferente: dos últimos anos do século XIX até a terceira década do século XX, os estudos linguísticos brasileiros foram marcados por ideias que acusavam um vasto lastro positivista, com a proliferação de um saber metalinguístico de indiscutível inspiração determinista, bem de acordo com o ideário linguístico da época (LIGHTFOOT, 2000; ORLANDI, 2002). Assim, não é difícil percebermos a incidência do evolucionismo linguístico na gramaticografia brasileira de fins do século XIX até, pelo menos, como aludimos, a década de 1930, como se constata nas palavras de Renato Mendonça, publicadas em 1936: o evolucionismo foi o princípio filosófico invasor das ciências no século XIX [...] A linguística não se pode furtar. E o evolucionismo nela ainda predomina absoluto como um senhor feudal (MENDONÇA, 1936, p. 46).

## 2. O positivismo na linguística e a herança de August Schleicher

Ideário prevalente na Europa a partir da segunda metade do século XIX, o Positivismo tornou-se fundamento filosófico e metodológico hegemônico da racionalidade epistemológica em todo mundo ocidental. Para seu principal idealizador, Auguste Comte, os princípios positivistas se relacionavam diretamente a um método racional e orgânico de aplicação das leis da natureza (inclusive as que regiam a dinâmica social), substituindo os métodos teológicos e metafísicos, fundamentalmente irracionais, motivo pelo qual, segundo suas próprias palavras, la prédominance relative de la méthode positive ser les méthodes théologique e métaphysique est aujourd'hui un fait que personne ne peut contester ni ne conteste (COMTE, 1924, p. 7).

Nos estudos linguísticos, contudo, destacou-se o nome do filólogo alemão August Schleicher (1821-1867), que, inspirado nas ciências naturais, considerou as línguas organismos vivos, aos quais se poderiam, inclusive, aplicar as teorias evolucionistas de Darwin, presentes em sua célebre *A origem das espécies* (1859). Pesquisador rigoroso, que se notabilizou ainda pelos estudos acerca da origem das línguas e de sua divisão em famílias linguísticas (LEROY, 1982; WEEDWOOD, 2002), Schleicher afirmou-se, contudo, na história da linguística, como o nome de maior prestígio na abordagem do que se convencionou chamar de *língua organismo*, tese segundo a qual, no dizer de Georges Munin, la langue n'est pas un fait social, c'est une oeuvre de la nature, un organisme naturel (MOUNIN, 1967, p. 195).

Com efeito, apoiando-se ora nas pesquisas de zoologia, realizadas Peter Simon Pallas, ora nas de botânica, por Antoine-Nicolas Duchesne, o célebre filólogo levou ao limite a noção de *evolucionismo*, conceito que, em sua opinião, determina o próprio percurso da linguagem humana. Com obras como *Zur vergleichenden Sprachengeschichte* (1848), *Die Sprachen Europas in systematischer Übersicht* (1850), *Die Formenlehre der Kirchenslawischen Sprache* (1852), *Die Deutsche Sprache* (1860), *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (1861) e *Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft: Offenes Sendschreiben an Herrn Dr. Ernst Haeckel* (1863), Schleicher tornou-se the first to enunciate the principles that language operates by strict rules, that the best forms for comparison in any language are the oldest which can be traced in it, and that cross-linguistic comparison must be systematic calculation and not adventitious groping (COLLINGE, 1995, p. 196).

Tais ideias – algumas delas, como o princípio científico que rege as normas de



funcionamento das línguas, bem de acordo com o ideário positivista incansavelmente professado por Comte – fundamentam praticamente toda a produção linguística de Schleicher, fazendo dele o principal representante dessa tendência nos estudos da linguagem. Nesse sentido, não deve causar estranhamento o fato de Schleicher afirmar, já na Introdução de seu célebre *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, que th[e] science [of language] is itself a part of the natural history of Man (SCHLEICHER, 1874, p. 01). No Prefácio da edição italiana dessa obra, publicada apenas oito anos após sua edição original, Domenico Pezzi afirma ser essa obra uma síntese, breve e ad um tempo completa nel suo genere, dei resultati pui certi importanti delle recenti comparazioni, esposti com metodo rigorosamente positivo (PEZZI, 1869, p. 05). Portanto, já em 1852 – e, curiosamente, oito anos antes da publicação da célebre obra sobre a origem das espécies de Darwin – Schleicher defendia o princípio da evolução natural para a linguagem, conceito que, a seu ver, incidia de modo particular na constituição dos idiomas (WEEDWOOD, 2002).

De fato, em uma de suas mais conhecidas obras (*Die Sprachen Europas in systematischer Übersicht*), o célebre linguista alemão lembra que a ciência que tem por objetivo o estudo da linguagem em geral se separou em dois ramos distintos: a filologia, que pertence à história; e a linguística, que pertence à fisiologia humana. Assim, enquanto a primeira se liga à livre vontade da ação humana; a segunda encontra-se vinculada à *necessidade natural*, devendo, portanto, adotar o método de outras ciências naturais. Desse modo, pode-se dizer – segundo Schleicher – que tudo o que pertence ao âmbito da vontade individual e do pensamento diz respeito à filologia; enquanto que tudo o que pertence ao campo natural, isto é, proveniente da *essência natural do Homem* refere-se à linguística:

le linguiste est comme le zoologiste, le botaniste, le minéralogiste ou tout autre savant qui, en étudiant les sciences naturelles, doivent avoir un coup d’oeil général sur le règne entier des animaux, des végétaux, des minéraux même, s’ils ne s’occupent spécialement que d’une seule série, d’une seule famille des êtres naturels; le linguiste, en n’étudiant profondément qu’une seule langue, est obligé à bien connaître le règne tout entier des langues (SCHLEICHER, 1852, p. 04).

Considerando, portanto, que, sob o ponto de vista apresentado, o linguista deve se preocupar com o conhecimento geral das línguas, Schleicher lembra que a língua está para o Espírito do Homem como a natureza está para o Espírito em geral, enfatizando que as três classes de línguas (monossilábicas, aglutinantes e flexionais) são análogas às três classes de organismos naturais (minerais, vegetais e animais) e, por isso, completa, é necessário não



apenas estudar as línguas, mas compará-las entre si, desvendando-lhes os mistérios. Desse modo, pode-se proceder – como faz o autor na continuação de seu trabalho, em outras obras – à comparação entre os idiomas, pesquisa que levará o linguista às categorias, em tudo semelhante aos estudos de outras organizações naturais, de gênero, espécie, sub-espécie etc. (SCHLEICHER, 1852).

Estabelecendo, segundo KOERNER (1989), as bases nas quais se assentaram as teorias inovadoras dos linguistas posteriores, apesar do papel fundamental dos neogramáticos; e apesar de que, segundo SWIGGERS (1997), algumas de suas ideias já estivessem presentes, *in germine*, nos métodos de análise do século XVI, Schleicher apresenta uma perspectiva ampla dos estudos histórico-comparativos, consolidando, assim, os fundamentos positivistas e deterministas da pesquisa linguística, na medida em que busca a vinculação necessária entre os estudos linguísticos e as ciências naturais, levando, finalmente – com o que na época foi chamado de *glotologia* – à formulação de teorias em que se procuravam aproximar, de modo quase espontâneo, as *normas gramaticais* e as leis da *evolução biológica*, tal como – se verificará adiante – ocorre com a produção linguística de Júlio Ribeiro.

Realmente, Júlio Ribeiro teria sido, segundo Maria Helena Mateus, o primeiro teórico a se utilizar, no Brasil, do vocábulo *linguística*, em livro que, pioneiramente, revela sua dívida para com as teorias positivistas da linguagem, inspiradas no *evolucionismo* schleicheriano (MATEUS, 2002).

São duas, portanto, as obras em que Júlio Ribeiro defende princípios teóricos assentados no determinismo de inspiração positiva, muitos deles extraídos do ideário linguístico de Schleicher: seus *Traços Geraes de Linguística* (1880) e sua *Grammatica Portuguesa* (1881).

### 3. Júlio Ribeiro e a adoção do positivismo na linguística brasileira

Publicado um ano antes da gramática que o tornaria célebre, seu livro *Traços Geraes de Linguística* (1880) foi editado pela Livraria Popular, de São Paulo, na coleção Biblioteca Útil, organizada por Abilio A. S. Marques. A intenção dessa coleção era, como se constata num dos livros editados, popularizar, por meio de edições baratas, as artes e as sciencias que formam o patrimonio do saber, emfim tods as ideias modernas e direcções novas que aparecem no mundo civilizado (CELSO JÚNIOR, 1880, p. II). Entre outros trabalhos, a referida coleção publicou títulos particularmente voltados para o Positivismo, como *Do*

*Espírito Positivo* (de Auguste Comte), *Soluções Positivas da Política Brasileira* (de Luiz Pereira Barreto) e *Darwinismo* (de Antonio Caetano de Campos). No mesmo ano de sua publicação, *A Província de São Paulo* tece, em nota, elogios ao livro, afirmando tratar-se de obra completamente nova entre nós, por meio da qual Júlio Ribeiro teria aberto rumo novo no estudo da linguística, já que se servira do método experimental [...] deixando de lado muita coisa inútil das velhas grammaticas que seguiam processos hoje condenados cientificamente (apud SILVEIRA, 2008, p. 133). Tal perspectiva, aliás, é confirmada por Ivan Lins, em seu célebre e abrangente estudo sobre a história do positivismo no Brasil que, ao comentar justamente a coleção organizada por Abílio Marques e, em especial, os *Traços Geraes de Linguística*, de Júlio Ribeiro, conclui: era, como se vê, puro Comte (LINS, 1967, p. 146).

De fato, já em sua Nota ao Leitor, Júlio Ribeiro afirma que, apesar de ter dado uma contribuição pessoal às ideias desse seu *livrinho*, parte dos conceitos ali elencados provém de mestres em cuja fonte buscou vários ensinamentos: Comte, Spencer, Darwin, Max Müller, Whitney, Schleicher, Grimm, Tylor, Haeckel, Bopp, Renan, Diez, Bréal, Teóphilo Braga, Adolpho Coelho e outros. Salta aos olhos o elenco de nomes registrados pelo eminente filólogo, praticamente todos caudatários do ideário positivista em várias de suas modalidades de manifestação. Não sem razão, Júlio Ribeiro afirmaria, ainda na Introdução de seu trabalho – seguindo de perto a lição colhida seja na *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, 1865, de Claude Bernard, seja no já citado *O Romance Experimental*, 1880, de Émile Zola –, que os processos de investigação e verificação de que usa o homem consistem na *observação* e na *experiência* cuja reunião constitue o *methodo experimental* (RIBEIRO, 1880, p. 14).

Assim, após fazer considerações muito genéricas sobre o cérebro humano, nas quais se localizaria a sede da linguagem articulada; e após tecer comentários gerais acerca do aparelho fonador e seus sons elementares, Júlio Ribeiro parte diretamente para as descobertas de Haeckel – determinista de primeira hora –, ressaltando, entre outras coisas, a necessidade de se fundamentar a investigação linguística em dados positivos (RIBEIRO, 1880, p. 32), lembrando ainda que a utilização do aparelho fônico para fins de comunicação linguística é uma faculdade que teria sido transmitid[a] de geração em geração pela hereditariedade (RIBEIRO, 1880, p. 33). Esse curioso processo de aprimoramento linguístico é descrito por Júlio Ribeiro em sete fases distintas: *período interjetivo* (em que o antropoide se manifesta por meio de interjeições); *período demonstrativo* (em que o antropoide, já em fase de evolução para a condição humana, se manifesta pelo uso de pronomes demonstrativos); *período atributivo* (em que o homem passa a se referir ao mundo pelo emprego de adjetivos





atribuídos aos objetos à sua volta); *período monossilábico* (em que as palavras interjetivas, demonstrativas e atributivas se convertem em formas fixas verbais); *período aglutinativo* (em que aparecem as conjunções entre radicais – formas do período anterior – e os afixos, correspondendo ao que hoje conhecemos como derivação); *período amalgamante* (em que surgem as flexões); e o *período contrativo* (fase atual da linguagem, em que desaparecem sílabas breves nas palavras flexionais, em que surgem as preposições etc.). Dessa forma, compreendendo a linguagem verbal como uma entidade em constante *progresso*, bem ao estilo dos teóricos do positivismo, Júlio Ribeiro denomina os três primeiros períodos de pré-históricos e os quatro últimos de históricos.

Tomado por esse ideário, Júlio Ribeiro dedica-se especialmente – ao longo de todo seus *Traços Geraes de Linguística* – à evolução linguística: após uma rápida explanação da teoria darwiniana da evolução – no terceiro capítulo, em que trata das leis que fundamentam a referida teoria, das causas e consequências da seleção natural, da filosofia zoológica, da classificação genealógica etc. –, afirma taxativamente que bem como as espécies organicas que povoam o mundo, as linguas, verdadeiros organismos sociologicos, estão sujeitas á grande lei da *luta pela vida, á lei da selecção* (RIBEIRO, 1880, p. 42). Esse raciocínio, que estará presente também nas páginas de sua *Grammatica*, determinaria a multiplicidade de idiomas que, como as espécies vivas, saem de um mesmo tronco para se multiplicarem infinitamente: as espécies têm suas variedades; as linguas têm seus dialetos (...) As relações comerciais, industriais, políticas e litterarias que os povos têm entre si são uma causa de variação e de selecção (RIBEIRO, 1880, p. 43/44). Daí adviria o fato de que, como os seres vivos, as línguas também morrem, sem que possam jamais reviver, além do que, segundo o autor, pela força de variações continuas e de uma selecção sempre activa não ha uma única lingua viva que não tenha soffrido perdas irreparaveis (RIBEIRO, 1880, p. 47). Disso decorreria, finalmente, uma sensível melhora das línguas que, como as espécies, passam não apenas por um processo de evolução, mas também de selecção, já que, como ocorre com as demais espécies vivas, nas linguas a comunidade de origem é attestada pela constancia de estrutura (RIBEIRO, 1880, p. 50), o que comprovaria, definitivamente, que as linguas modernas, bem como as espécies zoologicas têm sua origem revelada por organs rudimentares e atropiados, e possuem fosseis de maior ou menor vetustez (p. 54).

O processo de adotar termos da natureza, do mundo fisiológico e orgânico, como metáfora para a explanação dos processos linguísticos não era novidade na época de Júlio Ribeiro, denotando, nele, um incoercível apego às teorias deterministas, inspiradas pelo



positivismo comteano. Estudando as abordagens da linguística na Europa do século XIX, Mária Tsiapera lembra que esse caminho fora, antes, trilhado por William Jones (responsável pelos estudos acerca das famílias linguísticas) e, na mesma época, retomados por figuras como as de Alexander Hamilton, August Schlegel, Humboldt, Franz Bopp, Jacob Grimm e outros. Teria sido, assim, nesse período – em que as pesquisas sobre a linguagem humana quase sempre se baseavam nos princípios adotados pela *natural history* – que o termo *orgânico* passa a ser sistematicamente empregado nos estudos linguísticos, significando, entre outras coisas, que as línguas operam a partir de leis próprias, que seu crescimento é sempre espontâneo e que há uma completa integração entre as partes e o todo (TSIAPERA, 1990). Essa informação é confirmada por Konrad Koerner, que lembra que grande parte dos termos utilizados nos estudos linguísticos hoje (assimilação, dissimilação, raiz, estrutura, tipo, família etc.) provém das ciências naturais, embora alguns desses vocábulos (raiz, estrutura etc.) já aparecessem nos estudos gramaticais clássicos, como em *De Língua Latina*, de Varrão. Não obstante, completa o autor, tais expressões atingiram seu ápice durante o século XIX, quando a linguística torna-se um campo de investigação autônomo, baseando seu discurso nos pressupostos das chamadas *natural sciences*: no centro dessa concepção da linguística, destaca-se, sem dúvida, a ideia da linguagem como um *organismo*, em especial um organismo vivo, ponto de partida das explicações de o porquê as línguas se transformarem (nascimento, desenvolvimento e morte), mas também modelo geral para os estudos realizados por Schleicher, principal divulgador da tendência de se inserir a ideia de *morfologia* nos estudos linguísticos, além de, antes mesmo da divulgação das teorias de Darwin acerca da evolução da espécie humana, se utilizar dos estudos botânicos como modelo de análise da linguagem humana, definindo a própria linguística como uma *Naturwissenschaft* (KOERNER, s.d.).

É precisamente a partir dessa disposição histórica que Julio Ribeiro expõe, ainda nos seus *Traços Geraes de Linguística*, em dois quadros comparativos, como se dão a *seleção* e a *classificação genealógica* tanto nas espécies quanto nas línguas, a exemplo do que faria, mais tarde, em sua célebre *Grammatica*. Nessa longa explanação, que vai do capítulo V ao VIII, o autor se estende em considerações mais minuciosas acerca dos períodos históricos em que se subdivide o processo de desenvolvimento linguístico (monossilábico, aglutinativo, amalgamento e contrativo), reafirmando sua crença no princípio biológico (p. 91) que teria regido a formação das atuais línguas indo-europeias.

Embora apresentando algumas inovações na concepção e na abordagem que faz da linguagem – sobretudo se considerarmos o contexto dos estudos linguísticos no Brasil, na



época em que seu livro fora publicado –, o que mais chama a atenção nessa obra de Júlio Ribeiro é, antes, o que ele apresenta não como novidade e superação, mas como conservação e permanência, principalmente no verdadeiro tributo que ele faz às ideologias determinista de Haeckel e evolucionista de Darwin, certamente por via da influência de Schleicher e outros (o próprio Júlio Ribeiro cita, nessa sua obra, os nomes de William Jones, Friedrich Schlegel, Franz Bopp, Grimm e Bréal), tudo isso compondo uma taxativa visão positivista da ciência.

Não sem razão, um de seus poucos biógrafos afirmaria, sem hesitação, tratarem-se, esses seus *Traços Gerais de Linguística*, de um livro estruturado na doutrina racionalista da linguagem criada pelos modernos tratadistas alemães (FILHO, 1945, p. 32).

Em nota apensa ao final do capítulo VIII de seus *Traços Geraes de Linguística*, Júlio Ribeiro, numa curiosa e preciosa observação, afirma pretender tratar minuciosamente da questão da evolução das línguas contractas em sua gramática, a ser publicada em breve: está pronta para entrar para o prelo a *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*, feita pelo auctor deste volume, segundo o methodo comparativo (RIBEIRO, 1880, p. 96). Com efeito, um ano depois, vinha a lume sua famosa *Grammatica Portuguesa* (1881), que perde o adjetivo *analytica* do título, mas mantém o princípio *comparativo* do método.<sup>1</sup>

Mas o que mais chama a atenção na leitura de sua gramática é a manutenção deliberada dos pressupostos deterministas e positivistas que, de certo modo, regeram toda sua produção escrita, seja ela científica, seja ela ficcional.

Aliás, antes mesmo de passarmos às considerações acerca de dívida de Júlio Ribeiro para com as teses positivistas de Schleicher na construção de sua produção gramaticográfica, convém lembrar que a filosofia determinista em que se assentam os princípios linguísticos do filólogo mineiro já estavam presentes – antes da publicação de seus *Traços Geraes de Linguística* – na célebre polêmica que Júlio Ribeiro travou com Augusto Freire da Silva, entre 1879 e 1880, posteriormente transcrita em seu livro *Questão Grammatical* (1887), o que, no mínimo, denota uma absoluta coerência de sua parte.

Com efeito, é nessa sua *Questão Grammatical*, que Júlio Ribeiro tem a oportunidade de, pela primeira vez, expor, ainda que de modo pouco sistematizado – dado o formato da exposição<sup>2</sup> – suas ideias acerca da linguagem, lembrando terem sido pensadores como Jones, Bopp, Schleicher, Grimm, Whitney, Bréal e outros os responsáveis pelo estabelecimento das

<sup>1</sup> Na verdade, método *histórico-comparativo*, como se convencionou chamá-lo depois.

<sup>2</sup> Tratou-se de uma polêmica, veiculada intermitentemente, pelas páginas do *Diário de Campinas* (Júlio Ribeiro) e de *A Província de São Paulo* (Augusto Freire da Silva).



bases científicas do estudo da linguagem, possibilitando, em consequência, a consideração da gramática como uma *sciencia*; desse fato adviria, portanto, a necessidade de se classificarem os fatos linguísticos *cientificamente*, formando assim um corpo de doutrina positiva (RIBEIRO, 1887, p. 13). Embora apresentando posicionamentos visivelmente equivocados – e, apesar de nada justificáveis, compreensivamente discriminatórios –, como a possibilidade de aperfeiçoamento biológico das raças por meio da metodização da língua, essa polêmica antecipa a clara tendência de Júlio Ribeiro em vincular a linguagem aos princípios vitais da fisiologia humana, o que só confirma a força do espólio determinista de Darwin e, principalmente, a hegemonia de uma epistemologia positivista adotada como modelo de sua escrita gramaticográfica.

Aliás, alguns anos após Júlio Ribeiro publicar sua gramática, duas outras obras similares vêm completar o quadro da gramaticografia finissecular: a *Gramática Analítica* (1877), de Maximino Maciel; e a *Gramática da Língua Portuguesa* (1877), de Pacheco Silva e Lameira Andrade. A primeira delas considera a gramática uma systematização lógica dos factos e normas de uma língua qualquer (MACIEL, 1918, p. 01), subdividindo-a em descritiva, histórica e comparativa. Para o autor, que posteriormente editaria sua obra sob o sugestivo nome de *Gramática Descritiva* (1894), o primeiro dos três tipos refere-se justamente ao que se convencionou chamar de gramática expositiva, caracterizando-se pela systematização orgânica dos factos e normas próprios de uma língua, isoladamente considerada (MACIEL, 1918, p. 01). Incorporando, pela primeira vez numa gramática, a noção de *semiologia*, Maximino Maciel promove, de certo modo, uma inflexão nos estudos gramaticais da época, fazendo de sua obra uma referência para a gramaticografia da última quinzena do século XIX (BASTOS, BRITO & HANNA, 2006). Igualmente inovadora é a obra de Pacheco Silva e Lameira Andrade, para quem a gramática pode se subdividir em geral, histórica, comparativa e histórico-comparativa, sendo essa última, a melhor de todas, por ser a única que ensina a dissecação científica dos vocábulos (SILVA JÚNIOR & ANDRADE, 1913, p. 66). Como Maximino Maciel, a gramática de Pacheco Silva e Lameira Andrade também se destaca por trazer, de forma inaugural em nossa gramaticografia, os estudos voltados para a semântica da língua portuguesa; e, mais do que isso, apresenta-nos a linguagem como parte da história natural, considerada, portanto, como um *conjuncto orgânico* pertencente às ciências biológicas. (GUIMARÃES, 2004)

Como se vê, essa relação direta entre os estudos linguístico-gramaticais e a ciência, sobretudo as ciências naturais, ganha mais consistência, no Brasil, a partir da confecção, por



Júlio Ribeiro, de sua célebre gramática, fato que, no final das contas, perpassou direta ou indiretamente todos os estudos da linguagem na era moderna (VAN DER VELDE, 1980), permanecendo, no que compete à gramaticografia brasileira, nos gramáticos posteriores a Júlio Ribeiro, como é o caso ainda – além dos gramáticos acima citados – da célebre gramática de João Ribeiro, também publicada em 1887 (CÂMARA JÚNIOR, 1975; SILVA, 2006). Mas, sem dúvida nenhuma, é com a *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro que, a partir de uma assumida herança positivista, consolida-se no Brasil uma concepção da linguagem como conjunto de regras *científicas e positivas*, que devem ser seguidas como *normas prescritivas* invariáveis.

Essa é a conclusão que se pode tirar de uma análise mais minuciosa da referida gramática, que passamos a fazer na sequência, presente em inúmeros comentadores de sua produção gramaticográfica, como – entre tantas outras – a do prefácio que Amador Bueno do Amaral escreveu para a desconhecida e póstuma *Nova Grammatica da Lingua Latina* (1895), de Júlio Ribeiro (RIBEIRO, 1895), ao lembrar que o famoso filólogo, com sua *Grammatica Portuguesa*, rompeu com a rotina pedagógica que havia até então em Portugal e no Brasil, ao colocar a língua portuguesa em perfeita e completa obediência ao que *a sciencia tem de positivo* em suas conquistas, constituindo-se, sua gramática, num *corpo de doutrina methodico e scientifico* sobre o falar portuguez (AMARAL, 1895, p. I).

Embora Schleicher seja ainda, a nosso ver, a referência principal na constituição de sua *Grammatica Portuguesa*, Júlio Ribeiro reconhece, deliberadamente e de bom grado, a inestimável contribuição de alguns dos continuadores do filólogo alemão, como Hovelacque, Whitney, Holmes, Adolpho Coelho e outros. Com efeito, em seu Prefácio à segunda edição da *Grammatica*, escrito em 1884,<sup>3</sup> afirma que se inspirara tanto em Whitney, Becker (para a sintaxe), Bain (para a distribuição da matéria), Holmes e outros nomes da *grammaticographia saxonia*, quanto em alguns *grammaticographos* portugueses, como Paulino de Sousa, Theophilo Braga, Adolpho Coelho e outros (RIBEIRO, 1885, p. II). A informação é enfatizada por alguns de seus mais próximos biógrafos, para quem, de fato, a *Grammatica* de Júlio Ribeiro representaria, ao apoiar-se em Whitney, a primeira bomba lançada nos arraiais da gramaticografia (IRMÃO, s.d., p. 195).

Hovelacque, por exemplo, aparece em referências esparsas ao longo da referida gramática, uma vez que se revela tributário direto da perspectiva positivista da linguística, em

---

<sup>3</sup> Entre a primeira (1881) e a segunda (1885) edições de sua *Grammatica*, Júlio Ribeiro realizou uma série de mudanças aqui não abordadas, mas que merecem análise mais acurada em trabalho posterior.

particular no âmbito do determinismo biológico de inspiração schleicheriana. Como ocorre com Schleicher, por exemplo, para Hovelacque la linguistique est une science naturelle, la philologie une science historique (HOVELACQUE, 1877, p. 01), além de afirmar peremptoriamente que les langues en effet naissent, croissent, dépérissent et meurent comme toutes les êtres vivants (HOVELACQUE, 1877, p. 09). Dauzat, posteriormente, em obra sintomaticamente intitulada *La vie du langage*, afirma: les phénomènes de la parole, comme tous les phénomènes de la vie, sont soumis à une évolution incessante, qui varie suivant les conditions du milieu, mais n'obéit pas moins, dans chaque cas particulier, à des lois très précises (DAUZAT, 1929, p. 05); complementando, adiante: l'existence des mots se resume, comme celle des espèces animales, em uma fórmula empruntee à la biologie: la lutte pour la vie (DAUZAT, 1929, p. 110).

Apoiando-se, portanto, principalmente em três fundamentos filosófico-ideológicos, os quais conspiram em favor de uma concepção científica da gramática – o positivismo de Comte, o determinismo de Haeckel e o evolucionismo de Darwin –, Júlio Ribeiro divide e subdivide sua gramática, classificando o que chama de *partes* e dando-lhe um feitiço orgânico. As *partes* da gramática seriam, portanto, principalmente duas: a lexicologia, que se subdividiria em fonética, taxonomia, kamponomia, etimologia etc.; e a sintaxe, subdividida em sintaxe léxica e sintaxe lógica, cada uma das quais novamente subdivididas em tantas outras *partes*.

Assim, se na explicação da fonética, chega a chamar o processo de emissão sonora pelo aparelho fonador – *cientificamente* – de mecanismo da palavra (RIBEIRO, 1885, p. 05), ao explicar, no capítulo sobre a *taxonomia* (classificação das palavras), a divisão entre palavras variáveis, isto é, não sujeitas à flexão (substantivo, artigo, adjetivo, pronome, verbo) e as invariáveis (advérbio, preposição e conjunção), o autor faz uma sintomática observação, a saber:

as palavras hoje invariáveis já gosaram de vida, já tiveram fôrmas móveis nas linguas matrizes: são, si é permitido o simile, organismos inferiores, cujas juntas se ankylosaram, cujas partes fluidas se solidificaram por uma como crystallização linguistica (RIBEIRO, 1885, p. 57).

Semelhante afirmação, em tudo coerente com o princípio evolucionista propagado por Darwin e, do ponto de vista dos estudos da linguagem, obsedantemente presente em Schleicher, repete-se em sua *Grammatica* ao tratar dos verbos irregulares que

o methodo racional, que vê na lingua um organismo e não o producto do capricho ou do acaso, não poderia admittir como anomalias as mais usadas fôrmas verbaes; aquellas

fórmulas que constituem, por assim dizer, a própria essência do discurso (RIBEIRO, 1885, p. 135).

E, ainda uma vez, em seus *Aditamentos*, destinados à sintaxe e à ordem das palavras nas sentenças, Júlio Ribeiro, discordando da posição defendida por Sotero dos Reis em suas célebres *Postillas*, vê na influência do francês sobre o português um producto inevitável, necessario, fatal, da evolução linguística (RIBEIRO, 1885, p. 325),

Mas é ao tratar da etimologia – assunto que, por sua própria natureza, favorece considerações de caráter evolucionista – que o autor leva ao paroxismo a relação que estabelece, em sua *Grammatica*, entre a linguagem e os organismos vivos. Assim, ao tratar da etimologia (que, a seu ver, seria mais bem designada pelo termo *lexeogenia*, já assinalando sua dívida para com a terminologia darwinista), Júlio Ribeiro expõe uma opinião que praticamente serve como profissão de fé da ideologia que fundamentou, em grande parte, o determinismo do período: bem como as espécies orgânicas que povoam o mundo, as línguas, verdadeiros organismos sociológicos, estão sujeitas à grande lei da luta pela existência, à lei da seleção (RIBEIRO, 1885, p. 153). Baseando-se na obra de divulgação do darwinismo na França, escrita por Émile Ferrière (*Le Darwinisme*, 1872), o autor propõe, portanto, a seguinte comparação, acerca da *seleção* ocorrida nas espécies e nas línguas:

Espécies	Línguas
a) dotadas de variedades, resultado do meio ou de causas fisiológicas	a) dotadas de dialetos, resultado do meio ou costumes
b) as vivas descendem geralmente das mortas de um mesmo país	b) as vivas descendem geralmente das mortas de um mesmo país
c) em um país isolado, uma espécie passa por menos variações	c) em um país isolado, uma língua passa por menos variações
d) há variações produzidas pelo cruzamento com outras espécies	d) há variações produzidas por relações exteriores
e) a seleção é causada pela superioridade de alguns indivíduos	e) a seleção é causada pelo gênio literário e pela instrução pública centralizada
f) a seleção pode ser causada, por exemplo, pela beleza da plumagem ou melodia do canto	f) a seleção pode ser causada, por exemplo, pela brevidade ou pela eufonia
g) há numerosas lacunas nas espécies extintas	g) há numerosas lacunas nas línguas extintas
h) há probabilidades de duração de uma espécie nos indivíduos que a compõem	h) há probabilidades de duração de uma língua nos indivíduos que a falam
i) as espécies extintas não reaparecem mais	i) as línguas extintas não reaparecem mais
j) há progresso nas espécies em razão da divisão do trabalho fisiológico	j) há progresso nas línguas em razão da divisão do trabalho intelectual

Esse curioso e sugestivo quadro é completado por outro semelhante, mas que agora diz

respeito à *classificação genealógica* nas espécies e nas línguas:

Espécies	Línguas
a) constância de estrutura, órgãos de alta importância fisiológica, órgãos de importância variada	a) constância de estrutura, radicais de alta importância, flexões de importância variada
b) vestígios de estrutura primordial, órgãos rudimentares ou atrofiados, estrutura embrionária	b) vestígios de estrutura primordial, letras rudimentares ou atrofiadas, fase embrionária
c) uniformidade de um conjunto de caracteres	c) uniformidade de um conjunto de caracteres
d) cadeia de afinidades nas espécies vivas ou extintas	d) cadeia de afinidades nas línguas vivas ou extintas

Ambos os quadros acima revelam a dívida da *Grammatica* de Júlio Ribeiro com as teorias evolucionistas, em particular; e, de modo geral, com a filosofia positivista que, no final das contas, forneceu as condições necessárias para que não apenas o evolucionismo de Darwin, mas também o determinismo de Spencer e de Taine, o experimentalismo de Bernard e outras teorias afins pudessem se desenvolver e se disseminar pelo Ocidente. Nesse sentido, ele foi um tributário consciente das ideias linguísticas de Schleicher, que, como já tínhamos salientado, afirmou-se na historiografia linguística como um dos nomes que, na segunda metade do século XIX, mais teve êxito na aproximação de categorias linguísticas e idiomáticas aos princípios da biologia evolucionista, até mesmo antes do reconhecimento geral das teorias de Darwin, uma vez que

it was under the influence of (pré-Darwinian) evolutionary biology that Schleicher conceived of language as developing in stages from mineral to vegetal and, finally, to animal states which he found paralleled by monosyllabic, agglutinative, and inflectional stages of language evolution (KOERNER, s.d., p. 62).

Assim, não resta dúvida de que, seguindo de perto os passos de Schleicher, seja por intermédio de consultas diretas à fonte, seja por meio dos inúmeros divulgadores do filólogo alemão, Júlio Ribeiro logrou êxito, como poucos gramáticos de sua época, no propósito de incorporar, na gramaticografia nacional, as principais diretrizes estabelecidas pelo método histórico-comparatista, em especial nos vínculos que ele estabelecia com as teorias deterministas da época, associando de modo indelével o mecanismo de funcionamento da língua aos processos de geração, desenvolvimento e extinção da vida biológica.



## Conclusão

Um dos principais divulgadores do ideário positivista nos estudos linguísticos, filológicos e gramaticais no Brasil – senão o principal –, Júlio Ribeiro não teve reconhecimento unânime em sua empreitada. Maximino Maciel, por exemplo, autor de uma já citada gramática, publicada alguns anos depois do filólogo mineiro (*Gramática Descritiva*, 1887), critica-o pela excessiva subserviência, segundo seu entendimento, aos filólogos e gramáticos alemães, ingleses e franceses, crítica, contudo, contestada por um dos estudiosos e biógrafos de Júlio Ribeiro, no caso, Mário Casassanta para o qual, ao contrário, Júlio Ribeiro teria agido correta e perspicazmente ao adaptar à realidade nacional conceitos retirados de preciosas fontes estrangeiras, além do mérito de ter introduzido no país a técnica de análise histórico-comparativa, por meio da qual teria difundido entre nós os *métodos positivos* em matéria de gramática, afastando-se, portanto, dos abusos da metafísica (CASASSANTA, 1946, p. 19), numa defesa muito semelhante a que lhe faz, no mesmo ano, outro de seus biógrafos (GIFFONI, 1946). Não há como não se lembrar das palavras do próprio Comte, já citadas, ao se referir à predominância do método positivista sobre o metafísico...

Num de seus mais famosos escritos (*Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*), já aqui aludido, Schleicher – numa exposição que, em tudo, denuncia-o como fonte de inspiração de Ribeiro – afirma que a gramática, parte da história natural do homem, deve ser compreendida como um aspecto do *sistema natural*, constituindo-se num claro exemplo de *ciência da vida da linguagem* (SCHLEICHER, 1874). Em outra obra igualmente célebre e não menos polêmica (RICHARDS, 2007), *Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft*, Schleicher reitera essa perspectiva, ao enfatizar os vínculos necessários entre linguagem e ciência natural, afirmando taxativamente que

somewhat analogous is, probably, the origin of the vegetable and animal organisms; the simple cell is, no doubt, the common primitive form of those, as the simple root is that of the languages. The simplest forms of the later animal and vegetable life, the cell, we may likewise suppose to have originated in a multitude at a certain period of the life of our earth, just as the simplest words in the world of speech. These incipient forms of organic life, that could neither be called animals or plants, afterwards developed themselves in various directions. Just so the radical elements of the languages (SCHLEICHER, 1983, p. 55).

*Leitor de Schleicher*, como sugerimos no título deste trabalho, Júlio Ribeiro optou por ir além de uma leitura passiva e descompromissada do filólogo alemão, preferindo incorporar

suas teses mais recorrentes e, num processo deliberado de aclimatação, adaptá-las à realidade da gramática da língua portuguesa no Brasil.

## Referências

- AMARAL, Amador Bueno do. Para Ler. In: RIBEIRO, Júlio. *Nova Grammatica da Lingua Latina*. São Paulo, Carlos Zanchi, 1895, p. I-II.
- BASTOS, Neusa Maria O. Barbosa; BRITO, Regina H. Pires de; HANNA, Vera Lúcia H. Gramaticografia Novecentista: Raízes Maximinianas. In: BASTOS, Neusa Barbosa e PALMA, Dieli Vesaro (orgs.). *História Entrelaçada 2. A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na Primeira Metade do Século XX*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006, p. 61-81.
- BRESCIANI, Maria Stella M. O Cidadão da República. Liberalismo versus Positivismo. Brasil: 1870-1900. *Revista Usp*, São Paulo, No. 17: 122-135, mar.-abr.-mai. 1993.
- BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Dacadistas. Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas, Unicamp, 1991.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. As Ideias Gramaticais de João Ribeiro. *Dispensos* (Sel. e Intr. de Carlos Eduardo Falcão Uchoa). Rio de Janeiro, FGV, 1975, p. 171-184.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CASASSANTA, Mário. *Júlio Ribeiro e Maximino Maciel*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.
- CAVALHEIRO, Mariângela Carvalho. *A Produção Literária de Júlio Ribeiro em Sorocaba*. Sorocaba, Prefeitura Municipal de Sorocaba/Digipel, 2001.
- CELSO JÚNIOR, Afonso. *Camões*. São Paulo, Livraria Popular, 1880.
- COLLINGE, N. E. The Main Strands of 19th Century Linguistics. *History of Comparative Linguistics*. In: KOERNER, E. F. K. & ASHER, R. E. *Concise History of Language Sciences. From the Sumerians to the Cognitivists*. United Kingdom, Pergamon, 1995, p. 195-202.
- COMTE, Auguste. *Pensées et Préceptes*. Paris, Bernard Grasset, 1924.
- DAUZAT, Albert. *La vie du langage*. Paris, Librairie Armand Colin, 1929.
- FILHO, João Dornas. *Júlio Ribeiro*. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira, 1945 (Cadernos da Província 2).
- GIFFONI, O Carneiro. *Júlio Ribeiro*. São Paulo, Sociedade dos Amigos das Cidades do Interior, 1946.
- GUIMARÃES, Eduardo. *História da Semântica. Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*. Campinas, Pontes, 2004.
- HOVELACQUE, Abel. *La Linguistique*. Paris, C. Reinwald, 1877.
- IRMÃO, José Aleixo. *Júlio Ribeiro*. Sorocaba, Cupolo, s.d.
- KOERNER, Konrad. The Neogrammarian Doctrine: Breakthrough or Extension of the Schleicherian Paradigm. A Problem in Linguistic Historiography. In: *Practicing Linguistic Historiography: Selected Essays. Studies in the History of the Language Sciences*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, Vol. 50: 79-86, 1989.
- KOERNER, Konrad. The Natural Science Impact on Theory Formation in 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> Century Linguistics. In: *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, s.d.
- LEITE, Marli Quadros. *O Purismo Linguístico. Suas Manifestações no Brasil*. São Paulo, FFLCH, 1996 (Tese de Doutorado).
- LEROY, Maurice. *As Grandes Correntes da Linguística Moderna*. São Paulo, Cultrix, 1982.
- LIGHTFOOT, David. How long was the Nineteenth Century. *Delta. Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. Unicamp, Campinas, Vol. 16, Número Especial: 81-98, 2000.
- LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica Decriptiva, baseada nas Doutrinas Modernas*. Rio de Janeiro /



- Paris, Francisco Alves / Aillaud, 1918.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002
- MENDONÇA, Renato. *O Português do Brasil. Origens, Evolução, Tendências*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.
- MOUNIN, Georges. *Histoire de la linguistique des origines au XXe. siècle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- NASCIMENTO, José Leonardo do. Júlio Ribeiro: Ciência, Política e Arte. *In*: RIBEIRO, Júlio. *Cartas Sertanejas; Procelárias*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado /Fundap, 2007.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- ORLANDI, Eni P. *Língua e Conhecimento Linguístico. Para Uma História das Ideias no Brasil*. São Paulo, Cortez, 2002.
- PFEIFFER, Claudia Castellanos. *A língua Nacional no Espaço das Polêmicas do Século XIX/XX*. *In*: ORLANDI, Eni (org.). *Histórias das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*. Pontes/Unemat, Campinas, Cáceres, 2001, p. 167-183.
- PEZZI, Domenico. Prefazione. *In*: SCHLEICHER, August. *Compendio de Grammatica Comparativa dello Antico Indiano, Greco ed Itálico*. Torino/Firenze, Ermano Loescher, 1869, p. 3-8.
- RIBEIRO, Júlio. *Traços Geraes de Linguistica*. São Paulo, Livraria Popular, 1880.
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo, Teixeira & Imão, 1885.
- RIBEIRO, Júlio. *Questão Grammatical*. São Paulo, Teixeira & Irmãos, 1887.
- RIBEIRO, Júlio. *Nova Grammatica da Lingua Latina*. São Paulo, Carlos Zanchi, 1895.
- RIBEIRO, Júlio. *Cartas Sertanejas*. São Paulo, Edições e Publicações Brasil, s.d.[a]
- RIBEIRO, Júlio. *Procellarias*. São Paulo, Cultura Brasileira, s.d. [b]
- RICHARDS, Robert J. *The Linguistic Creation of Man: Charles Darwin, August Schleicher, Ernst Haeckel, and the Missing Link in Nineteenth-Century Evolutionary Theory*. [www.courses.fas.harvard.edu/~hsci278/Reading\\_on\\_Language/Darwin\\_and\\_lan...](http://www.courses.fas.harvard.edu/~hsci278/Reading_on_Language/Darwin_and_lan...) (Acessado em 21 aug. 2007).
- SCHLEICHER, August. *Les Langues de L'Europe Moderne*. Paris, Ladrangé / Garnier, 1852.
- SCHLEICHER, August. *Compendio de Grammatica Comparativa dello Antico Indiano, Greco ed Itálico*. Torino/Firenze, Ermano Loescher, 1869.
- SCHLEICHER, August. *A Compendium of the Comparative Grammar of the Indo-European, Sanskrit, Greek and Latin Language*. London, Trübner & Co., 1874.
- SCHLEICHER, August. *The Darwinian Theory and The Science of Languge*. *In*: KOERNER, Konrad (Ed.). *Linguistics and Evolutionary Theory. Three Essays by August Schleicher, Ernst Haeckel and Wilhelm Bleek*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1983.
- SILVA, Maurício. *Fundamentos do Discurso Gramatical Brasileiro: A Gramática Portuguesa (1887) de João Ribeiro*. BASTOS, Neusa Barbosa e PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada 2: A Construção de Gramáticas e o Ensino da Língua Portuguesa na Primeira Metade do Século XX*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.
- SILVA JÚNIOR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Grammatica da Língua Portugueza para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913.
- SILVEIRA, Célia Regina da. *Erudição e Ciência. As Procelas de Júlio Ribeiro (1845-1890)*. São Paulo, UNESP, 2008.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- SWIGGERS, Pierre. *Histoire de la Pensée Linguistique. Analyse du Langage et Réflexion Linguistique dans la Culture Occidentale, de l'Antiquité au XIXe. Siècle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1997.
- TSIAPERA, Mária. *Organic Metaphor in Early 19<sup>th</sup> Century Linguistics*. *In*: NIEDEREHE, H.-J. and KOERNER, K. *History and Historiography of Linguistics. Studies in the History of the Language Sciences*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, Vol. 51: 577-587, 1990.
- VAN DER VELDE, Roger O. *The Concept of 'Scientific' in the Development of the Language Sciences*. *In*: KOERNER, Koerner (ed.). *Progress in Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, Vol. 20: 395-402, 1980.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. 1870-1914.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991.  
WEEDWOOD, Barbara. *História Concisa da Linguística.* São Paulo, Parábola, 2002.  
ZOLA, Émile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro.* São Paulo, Perspectiva, 1982.

**Recebido em: 28/05/2017**

**Aceito em: 16/11/2017**



## ANÁLISE DO PRESENTE PERFEITO EM CONTEXTOS DE TRADUÇÃO AUTOMÁTICA

### AN ANALYSIS OF THE PRESENT PERFECT IN AUTOMATIC TRANSLATION ENVIRONMENTS

Roberlei Alves Bertucci\*

Maria Lígia Freire Guilherme\*\*

Bárbara Branco Puppi\*\*\*

**RESUMO:** Este trabalho avalia o modo como o tempo verbal presente perfeito é traduzido do inglês para o português brasileiro por duas ferramentas on-line, o Google Tradutor e o Bing Tradutor, em um corpus misto de excertos de textos literário, jornalístico e institucional, todos originalmente em inglês. Considerando as leituras disparadas pelo referido tempo verbal em inglês, conforme a abordagem teórica de Laca (2010), Mittwoch (2008) e Portner (2003), e suas correspondências em português brasileiro, descritas especialmente em Laca (2010) e em Schmitt (2000), apesar de alguns problemas, especialmente quando considerados os textos de referência, verificou-se uma equivalência semântica satisfatória entre as versões em inglês e nos tradutores automáticos para o português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Tecnologia; Tradução automática; Tempo verbal; Presente perfeito.

**ABSTRACT:** *This work aims to discuss automatic translations of the Present Perfect by Google Translator and Bing Translator, relying on a corpus which comprises literary, journalistic, and institutional texts, originally in English. We examine some theoretical approaches to this tense in English, especially those readings described by Laca (2010), Mittwoch (2008) and Portner (2003), and also some discussions about its equivalent in Brazilian Portuguese, as explained by Laca (2010) and Schmitt (2000), in order to analyze whether there is semantic equivalence between translations done by Google Translator and Bing Translator. Despite some problems, especially in comparison with the reference texts, the results show satisfactory semantic equivalence between the versions in English and their automatic translations into Portuguese.*

**KEYWORDS:** *Language; Technology; Automatic translation; Verb Tense; Present perfect.*

#### Introdução

A compreensão de uma língua estrangeira pode ser uma tarefa difícil, especialmente no que tange ao conjunto de formas e tempos verbais, uma vez que pode haver discrepâncias sintáticas e semânticas de tempos verbais que requerem um estudo mais cuidadoso sobre a equivalência de expressão entre duas línguas. O presente perfeito, nesse ambiente, é algo que tem merecido

\* Doutor em Linguística pela USP (2011), tendo feito parte de seu doutorado na Université Paris 8 (2009-2010).

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

\*\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)



destaque no estudo de diferentes línguas como o inglês e o português brasileiro (LACA, 2010; MITTWOVH, 2008; PORTNER, 2003; SCHMITT, 2000), o grego (KARPAVA e AGOURAKI, 2013), entre outras. Por isso, a existência de tecnologias linguísticas à palma da mão é uma promessa de facilidade na tradução.

Como os tradutores automáticos ainda geram uma série de problemas – como tradução equivocada de ambiguidades, polissemias ou sintagmas específicos – sua qualidade costuma ser colocada em xeque. Tal avaliação é, portanto, essencial ao aprimoramento dessas ferramentas e pode ser feita via computador ou manualmente (SANTIAGO, 2013; MELO *et al.*, 2014), podendo contribuir com questões técnicas, capazes de dirimir falhas; em outros, pode auxiliar o próprio usuário na escolha do tipo de ferramenta utilizar (MELO *et al.*, 2014).

Nesse sentido, o presente trabalho defende também que a tradução automática (TA) pode servir para que pesquisadores avaliem sua equivalência com um texto de referência ou mesmo com o sentido da estrutura analisada. Aqui, avaliamos essa equivalência nos tradutores Bing Tradutor e Google Tradutor, do ponto de vista linguístico, com foco no tempo verbal presente perfeito (PP). Discutimos as escolhas das ferramentas, o que pode servir de base para modificações na forma de avaliação de um texto para a tradução.

Para essa avaliação, compararemos os resultados de tradução automática (TA) das plataformas Bing Tradutor (BT) e Google Tradutor (GT), tomando dados da língua inglesa e traduzindo-os para o Português Brasileiro (PB). Dessa forma, perseguimos duas questões principais: quais seriam as semelhanças e diferenças básicas de expressão do tempo verbal PP em inglês e em PB? Os tradutores automáticos ofereceriam resultados adequados para a tradução desse tempo verbal?

Como mostraremos, enquanto em inglês o auxiliar *have* é obrigatório no PP (1a), o auxiliar *ter* aparece sob condições específicas em português, mais precisamente em contextos de iteração, como em (1b), ainda que esse tempo verbal possa ser traduzido por verbos simples no passado ou no presente em PB (1c). Acreditamos que as ferramentas automáticas deveriam considerar tais especificações para produzir textos mais bem aceitos.

- (1) a. Mary has lived in Curitiba.  
b. Maria tem morado em Curitiba.  
c. Maria morou/mora em Curitiba.

Na primeira parte do artigo, trataremos das características do PP, especialmente de suas leituras, além do papel da perífrase *ter*+particípio em PB. Depois, apresentaremos os tradutores



automáticos BT e GT. Na última seção, apresentaremos os dados escolhidos, a metodologia e a análise dos resultados obtidos.

## 1. Características do presente perfeito

O PP na língua inglesa é composto pela combinação do verbo auxiliar *have* (*ter*, em PB) e um verbo no particípio, expressando ações que ocorreram/começaram em algum momento do passado, mas com vínculo ou efeito no presente. Essa definição simplificada, comumente difundida em ambientes escolares e informais, é revista em diferentes trabalhos, como os de Portner (2003), Mittwoch (2008) e Laca (2010). Esta última, por exemplo, afirma que as leituras do PP “are characterized by the fact that they only occur felicitously in certain characteristic contexts” (LACA, 2010, p. 2). Nesta seção, vamos descrever algumas leituras apontadas por Laca (2010) para o PP em línguas como o inglês e o espanhol e vamos verificar a ocorrência da perífrase *ter*+particípio em PB.

### 1.1. Leituras do presente perfeito

Portner (2003) e Mittwoch (2008) já apontavam em seus trabalhos para diferentes leituras do PP em inglês. Laca (2010) analisa algumas dessas leituras e propõe outras, recorrentes em inglês e espanhol. É o que descreveremos a seguir.

A leitura **universal** ocorre quando o fato descrito pelo predicado inicia no passado e dura até o momento de fala (2).

- (2) a. Mary has lived in Curitiba (since 2010).  
b. Maria mora em Curitiba (desde 2010).

Trata-se de algo que permanece e que não ficou apenas como uma experiência vivida no passado. A inserção do modificador adverbial *desde 2010* (*since 2010*) caracteriza a relação entre o início no passado (2010) e a permanência até o momento de fala.

A leitura **existencial**, também chamada **de experiência**, indica um evento ocorrido na vida do sujeito, num período indeterminado (3).

- (3) a. Mary has lived in Curitiba once.  
b. Maria morou em Curitiba uma vez.

Assim, diferentemente da leitura universal, não se trata de um estado permanente, mas de um fato “isolado”. Em (3), o evento descrito é o de Maria ter morado em Curitiba, uma experiência de vida e inserimos o advérbio *uma vez* (*once*) para ressaltar essa leitura. Notamos que a construção em inglês é a mesma em (2a) e (3a), ou seja, verbo auxiliar e particípio (*have lived*); entretanto, em português, o verbo passou do presente (*mora*), em (3a) para o pretérito perfeito (*morou*), em (3b).

A leitura **resultativa** ocorre quando o estado resultante serve de causa/explicação para uma situação (4).

- (4) a. Mary cannot play, since she has hurt her arm.  
b. Maria não pode tocar, já que ela machucou o braço.

A situação de Maria não poder tocar tem como explicação o fato de ela ter machucado o braço (e estar assim). Importante notar que, como na leitura existencial, o verbo em PB aparece no pretérito perfeito e sem o auxiliar, ainda que a estrutura em inglês continue a mesma.

Finalmente, leitura **habitual** ocorre quando a sentença descreve um contexto que se repete com frequência, caracterizando um hábito (5).

- (5) a. I get on or off a bus only when it has stopped.  
b. Eu só entro ou saio do ônibus quando ele para/depois que ele parou.

Nesse caso, vemos que o contexto é de repetição da situação, que poderia ser parafraseada por “sempre que eu vou entrar ou sair do ônibus...”. Em português brasileiro, além do presente, pode-se usar o pretérito (5b).

Podemos resumir a descrição do PP da seguinte maneira em PB: a) na leitura universal ou habitual, o presente simples é utilizado; b) nas demais ocorrências, o pretérito perfeito (passado simples) é a construção preferencial; c) o uso da perífrase *ter*+particípio é restrito para os casos de leitura universal com repetição. Na próxima subseção, desdobraremos a descrição e a análise sobre essa perífrase.

## 1.2. O uso da perífrase *ter*+particípio em português

Autores como Schmitt (2000), Ilari (2001), Wachowicz (2006), Molsing (2007), Laca (2010), Medeiros (2010) concordam que o ingrediente principal para a repetição disparada pela perífrase *ter*+particípio seja o tempo presente, que em PB é comumente utilizado para descrever



situações estativas ou habituais. O que devemos nos perguntar aqui é: que tipo de leitura, então, uma sentença *ter*+particípio no presente pode realizar? Molsing (2007) e Laca (2010) concordam que apenas seja a leitura universal, isto é, aquela que trata de um evento que começa num momento no passado e é válido para o momento presente. Em PB, ao contrário de línguas como inglês e espanhol, essa permanência exigirá também leitura de repetição. Vamos conferir se, de fato, *ter*+particípio só ocorre com essa leitura.<sup>4</sup>

- (6) a. Maria (já) morou em Curitiba. *existencial*  
b.#Maria (já) tem morado em Curitiba.
- (7) a. Maria mora em Curitiba (desde 2010) *universal*  
b. Maria tem morado em Curitiba (desde 2010)
- (8) a. Maria não pode tocar já que machucou o braço. *resultativa*  
b.#Maria não pode tocar já que tem machucado o braço.
- (9) a. Eu só entro ou saio do ônibus quando ele para/depois que ele parou. *habitual*  
b.\*Eu só entro ou saio do ônibus quando ele tem parado/ depois que ele tem parado.

O único caso de equivalência de sentido parece ser entre as sentenças em (7). No entanto, (7b) parece disparar uma leitura de repetição (ter morado em vários bairros, por exemplo).

Desta seção, portanto, podemos concluir que a tradução de sentenças no PP para o PB com a utilização da perífrase deve ser restrita aos casos de leitura universal e, mais especificamente, para uma leitura de repetição. Linguisticamente, é o que esperamos encontrar nas TAs.

Dadas essas questões sobre as leituras do PP e o uso da perífrase *ter*+particípio em PB, podemos fazer um quadro de resumo da primeira seção. Nele, vamos apresentar as cinco leituras mais proeminentes com esse tempo verbal, bem como as características que devem ser observadas na sua tradução para o PB.

Leitura	Tempo	Perífrase
Universal	Presente	Sim (iterativo)
Existencial/Resultativa	Pretérito	Não
Habitual	Presente/pretérito	Não

Quadro 1 – Resumo das características do presente perfeito em PB

<sup>4</sup> A leitura genérica, neste caso, não se aplica, pelo uso do modo subjuntivo e não do presente simples (ver exemplo (6), anteriormente), da mesma forma, a leitura de futuro perfeito (ver exemplo (8), acima).



Com esse quadro, levantamos as hipóteses sobre a forma que esperamos encontrar as TAs do presente perfeito em PB: se o trecho analisado for de uma leitura universal, esperamos encontrar o verbo no presente ou com a perífrase *ter*+particípio; se for uma sentença de leitura existencial ou resultativa, esperamos encontrar a tradução no pretérito; se for habitual, poderá aparecer no presente ou no pretérito. Na próxima seção, trataremos brevemente da TA e das ferramentas BT e GT para, na sequência, analisar os dados obtidos.

## 2. Tradução automática

O crescimento do volume de informação tem feito com que as empresas desenvolvam, cada vez mais, aplicativos capazes de torná-la mais acessível a todos. A própria Google coloca como sua missão “organizar as informações do mundo e torná-las mundialmente acessíveis e úteis”.<sup>5</sup> Nesse sentido, a tradução de informações de diferentes línguas para a língua do usuário parece ser algo essencial, tanto para a acessibilidade quanto para a utilidade da informação. É nesse contexto que se qualificam os tradutores automáticos como tecnologias linguísticas.

Melo *et al.* (2014, p. 34) definem a TA como “o processo de utilização da computação para converter uma mensagem de uma linguagem natural a outra, mantendo a equivalência com o conteúdo original”. Em geral, está ligada a processos de relações comerciais ou culturais para dinamizar a globalização. Ainda assim, considerando essa importância, para os mesmos autores

a tradução automática é uma área pouco desenvolvida e explorada. As propostas para solucionar a insatisfação com as traduções mecanizadas tiveram poucos avanços desde os primórdios de seus estudos. A confiabilidade nesse tipo de tradução ainda depende da revisão humana para garantir o quão utilizável o texto traduzido pode ser. A aplicação da tradução automática pode se tornar inviável se houver uma grande quantidade de erros que consumam muito tempo na revisão e correção. (MELO ET AL., 2014, p. 34)

Martins e Nunes (2005, p. 5-6) mostram que os problemas para uma TA eficaz vão do gênero textual à morfologia, o que leva os pesquisadores a reconhecer “que a grande dificuldade dos sistemas de TA é justamente o processo de análise e interpretação dos enunciados em língua natural”. Assim, para uma TA tão utilizável quanto uma tradução humana, o sistema deveria aprender toda a complexidade que envolve as línguas naturais, e não apenas os itens lexicais ou estruturas equivalentes.

Apesar disso, considerando que diferentes pessoas poderiam fazer traduções diferentes de uma língua para a outra, podemos tratar de equivalência nessas possibilidades. Por isso, vale a

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/>>. Acesso em 20. dez. 2016.

pena observar quão “equivalentes” estão as versões desses tradutores automáticos. Ou, melhor ainda, poderíamos tomar os tradutores automáticos “como um auxílio ao trabalho do tradutor humano e não como uma ferramenta tradutora completa”, conforme nos indicam Costa e Daniel (2013, p. 333).

Dois dos tradutores mais utilizados no Brasil são o Google Tradutor (Google<sup>®</sup>)<sup>6</sup> e o Bing Tradutor (Microsoft<sup>®</sup>).<sup>7</sup> Ao contrário do que talvez se imagine, essas tecnologias linguísticas de tradução são bem-vindas no meio profissional, como observa Azevedo (2015, p. 44): “o advento do Google Tradutor em 2007, um dos destaques da Web 2.0, tem isso de grande ajuda aos tradutores.” Para o autor, o GT é bastante utilizado porque congrega características como facilidade, acessibilidade e gratuidade. Azevedo aponta que, recentemente, essa ferramenta passou “a se basear em traduções humanas e dados estatísticos, o que teoricamente aumentaria a qualidade das traduções”, mas, continua sendo bastante criticada especialmente no que diz respeito à tradução de “termos ambíguos, homônimos, gírias ou expressões idiomáticas” (AZEVEDO, 2015, p. 45).

O GT trabalha com análise estatística para traduções dos textos de seus usuários, “que detecta padrões em textos bilíngues criados por tradutores humanos e determina qual a tradução considerada mais adequada para o texto que lhe é apresentado” (COSTA E DANIEL, 2013, p. 332). Já Nogueira (2012) e Santiago (2013) descrevem o BT como um sistema híbrido, que combina um conjunto de regras definidas por especialistas com dados empíricos, a partir de uma base de dados utilizada para aumentar a precisão de seus resultados.

A partir dessa diferença no funcionamento dos tradutores automáticos, podemos prever que os resultados da tradução também não sejam idênticos; nesse caso, a diferença pode estar ou no conjunto de regras do sistema híbrido ou no banco de dados que cada tradutor acessará para avaliar estatisticamente a sentença em questão. Diferentes trabalhos já fizeram comparações tradutores automáticos, em geral utilizando sistemas computacionais de avaliação. Melo *et al.* (2014) e Dias (2015) observaram bastantes similaridades nos acertos e erros dos tradutores BT e GT, mas afirmam que o último levou uma pequena vantagem de precisão no *corpus* analisado. Da mesma forma, Silva (2010) e Santiago (2013) observam vantagens do tradutor do Google em relação a seus concorrentes na maioria dos testes feitos pelos autores.

Por outro lado, num exemplo de comparação manual de um usuário/especialista da rede, Gonçalves (2016) aponta para uma ligeira vantagem do BT em relação ao concorrente GT,

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>> Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.bing.com/translator/?cc=pt>> Acesso em: 20 dez. 2016.



concluindo que “o Google tem o tradutor mais completo, enquanto peça de software, mas o Bing [é] o melhor tradutor para uso no cotidiano.”<sup>8</sup>

A seguir, apresentamos os dados selecionados para a comparação nos dois tradutores bem como os resultados obtidos com as duas ferramentas.

### 3. Seleção, metodologia e resultados

Nesta seção, mostraremos como foi feita a seleção dos dados, cuja tradução de referência é essencial para a comparação dos tradutores. Em seguida, apresentamos a metodologia de análise, levando em conta um quadro de erros possíveis dos tradutores. Em seguida, descreveremos e analisaremos os resultados.

#### 3.1. Seleção de dados

Para que seja feita a avaliação das traduções, é necessária uma tradução de referência, feita por humanos, para se estabelecer a comparação. Para tanto, utilizamos três fontes de dados diferentes.

A primeira é uma versão bilíngue – inglês/português – da biografia ficcional escrita por Virginia Woolf, intitulada *Orlando*. A edição escolhida inclui o texto original de Woolf, em inglês, e a tradução de Doris Goettems para o português. A presente análise buscou, no primeiro capítulo do texto, alguns usos do PP como dados para o teste nos tradutores automáticos.

A segunda fonte foi composta de algumas reportagens da BBC disponíveis nas versões inglesa e brasileira. Nesse caso, um dos problemas é que as traduções, por diversas vezes, correspondiam ao sentido geral do texto, mas sem correspondência estrutural. Por isso, escolhemos os casos de maior semelhança, para uma comparação entre os tradutores automáticos mais adequada possível.

A terceira fonte foi o documento da ONU posterior à Rio+20, intitulado *O futuro que queremos* (The future we want), nas versões em inglês e português, disponibilizadas na página oficial da entidade. Embora não houvesse tantas ocorrências do PP, a vantagem, principalmente em relação aos textos da BBC, é que havia uma correspondência estrutural maior do texto nas duas versões do documento, facilitando a escolha das sentenças para a comparação.

---

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://tecnoblog.net/192308/melhor-tradutor-online-portugues-ingles/> > Acesso em: 21 dez. 2016.

Vale ressaltar que, em todos os casos, a escolha dos dados levou em conta a menor complexidade possível das sentenças, o que significou, por exemplo, a exclusão de exemplos com verbos modais antecedendo o PP ou uma reconstrução de estilo do texto na versão em português. No total, analisamos 12 ocorrências de PP, sendo 4 ocorrências para cada fonte. Com isso, tivemos um total de 24 TAs para serem analisadas.

### 3.2. Metodologia para análise dos dados

A anotação manual dos erros encontrados em uma tradução é essencial, pois indica que a pesquisa segue a indicação dos trabalhos na área e não é fruto de uma interpretação meramente subjetiva dos pesquisadores. Por isso, neste trabalho, a partir das traduções feitas pelo BT e pelo GT, partimos da tabela de erros de TA adaptada, a partir daquela sugerida pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional,<sup>9</sup> indicada em Dias (2015, p. 32-34).

Categoria	Descrição
<b>0. Nenhum erro</b>	Tradução igual.
<b>1. Erros Ortográficos</b>	Relacionados à grafia.
<b>2. Erros Sintáticos</b>	Envolvem a disposição das palavras e as relações entre elas dentro das orações.
<b>3. Erros Morfológicos</b>	Relacionados a estruturas gramaticais.
<b>4. Erros Lexicais</b>	Associados ao vocabulário.
<b>5. Erros Semânticos</b>	Incluem-se erros que interferem no significado da sentença.
<b>6. Ordem de Palavras</b>	Posição diferente em relação à tradução de referência.
<b>7. Outros</b>	Erros que não se enquadram nas categorias anteriores.

Quadro 2 – Categorização de erros de tradução automática – avaliação manual

A partir desse quadro, faremos a marcação dos problemas encontrados com relação à categoria e subcategoria. Assim, para erros de acentuação, anotaremos 1; para erros no tempo verbal, anotaremos 3; para erros relativos à sinonímia, anotaremos 5, e assim sucessivamente, com as diferentes ocorrências observadas. É importante lembrar que esses erros serão sempre

<sup>9</sup> Criado em 1993, o NILC envolve pesquisadores de diferentes instituições brasileiras, com destaques para a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal de São Carlos, a Universidade Estadual Paulista, entre outras. Desenvolve projetos em Linguística Computacional e Processamento de Linguagem Natural, sendo um dos centros de referência nessa área no Brasil. Sua página eletrônica é <<http://www.nilc.icmc.usp.br>>.

aqueles relativos à tradução de referência dos textos selecionados e não se trata, portanto, de uma equivalência linguística (semântica).

Por essa razão, sendo esta uma avaliação manual e que pretende, sobretudo, analisar a qualidade linguística das TAs a partir do significado do PP em inglês e português, além da marcação dos erros dos tradutores com relação à fonte de referência, analisamos igualmente a equivalência semântica dessas traduções. Isso significa dizer, primeiro, que nosso foco foi basicamente a construção nesse tempo verbal. Assim, se o tradutor cometeu erros em outras expressões que não afetaram essa construção nem o sentido global da sentença, não contabilizamos como um problema. Depois, ainda que as traduções manual e automática tenham sido idênticas, fizemos propostas de alternativas de tradução, sempre que isso cabia na discussão do PP estabelecida nesta pesquisa. A seguir, passamos para a análise dos resultados.

### 3.3. Resultados

No primeiro conjunto de dados, do texto literário *Orlando*, de Virginia Woolf (2013), foram analisados quatro (04) excertos, com ocorrências do PP, os quais são apresentados no quadro a seguir, com suas respectivas leituras do PP, traduções e erros.

Trecho/ Leitura	Inglês	Português	Google Tradutor	Bing Tradutor
1 Resultativa	Many friends <b>have helped</b> me in writing this book. (p. 157)	Muitos amigos me <b>ajudaram</b> a escrever este livro. (p. 9)	Muitos amigos me <b>ajudaram</b> a escrever este livro.	Muitos amigos me <b>ajudaram</b> ao escrever este livro.
<b>Erros</b>			<b>0 - OK</b>	<b>0 - OK</b>
2 Resultativa	We must admit that he had eyes like drenched violets, so large that the water seemed to <b>have brimmed</b> in them and widened them. (p. 159)	Temos que admitir que possuía olhos como violetas encharcadas, tão grandes que a água parecia <b>tê-los enchido</b> até a borda e os alagado. (p. 12)	Temos de admitir que ele tinha olhos como violetas encharcado, tão grande que a água parecia <b>ter abas</b> nelas e alagou -los.	Temos de admitir que ele tinha olhos como violetas encharcados, tão grande que a água parecia <b>ter abas</b> neles e alagando-los.
<b>Erros</b>			<b>4; 5</b>	<b>4; 5</b>
3 Habitual	For once the disease of reading <b>has laid</b> upon the system it weakens it so that it	Pois a doença da leitura, uma vez que <b>ataca</b> o organismo, debilita-o de tal	Por uma vez que a doença da leitura <b>colocou</b> sobre o sistema, enfraquece-a	Uma vez que a doença de leitura <b>tem colocado</b> sobre o sistema que

	falls an easy prey to that other scourge (...) (p. 184)	forma que se torna presa fácil (...) (p. 39)	de modo que se torne uma presa fácil para esse outro flagelo...	enfraquece-lo para que ele cai uma presa fácil ...
<b>Erros</b>			<b>3; 5</b>	<b>3; 5</b>
4 Habitual	Nature, who <b>has played</b> so many queers <b>tricks</b> upon us, making us so unequally of clay and diamonds (...) (p. 185)	A natureza, que nos <b>prega</b> tantas <b>peças</b> estranhas, nos moldando de modo tão desigual de argila e de diamantes (...) (p. 40)	Natureza, que <b>jogou</b> tantos <b>truques</b> queers sobre nós, fazendo-nos tão desigualmente de argila e diamantes...	Natureza, que <b>tem jogado</b> tantos truques Queer em cima de nós, tornando-nos tão desigual de barro e diamantes...
<b>Erros</b>			<b>3; 5</b>	<b>3; 5</b>

Os resultados gerais, considerando o quadro de erros apresentado, foram os seguintes:

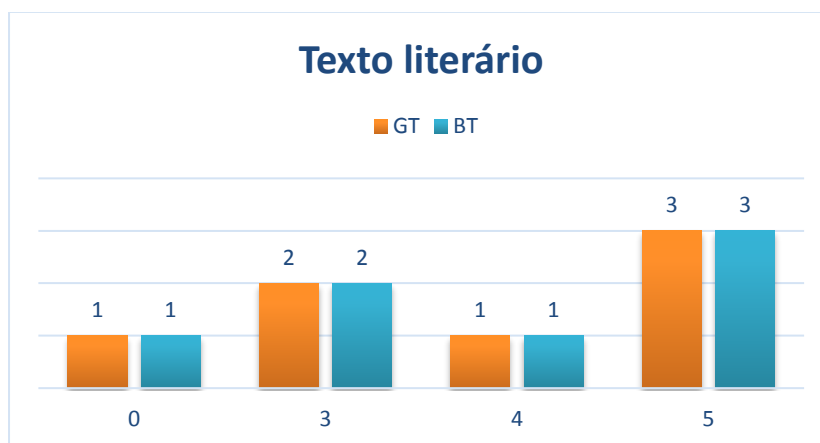


Gráfico 1 - Dados sobre a tradução do texto literário.

O gráfico acima aponta para uma semelhança entre os dados obtidos para ambos tradutores, a começar pela única tradução correta, marcada como erro 0 (a do trecho 1). Ambos apresentaram dois problemas morfológicos nos tempos verbais (trechos 3 e 4) e uma inadequação lexical, na tradução de *brimmed*, no trecho 2. O resultado é que tais problemas interferiram na semântica das sentenças, por isso, o erro 5 ocorreu três vezes (trechos 2, 3 e 4).

Do ponto de vista linguístico, podemos analisar que o resultado dos tradutores automáticos, em relação às propriedades do PP, é insatisfatório, à exceção do primeiro caso. No trecho 2, o tradutor não fez o reconhecimento da expressão *brimmed* como sendo o particípio de *brim*, o que ocasionou o problema na tradução do trecho, já que sequer o PP foi, portanto, ignorado, a partir desse não reconhecimento. No trecho 3, verificamos que ambas traduções não



correspondem ao texto de referência e o uso de *colocar* como tradução para o verbo em inglês não é adequada no contexto. Por fim, o último trecho foi incorretamente traduzido pelas ferramentas.

Assim, concluímos que os tradutores automáticos não foram capazes de identificar essas nuances de interpretação, tornando as versões do texto literário inadequadas.

Passemos agora à análise dos textos jornalísticos. Mantivemos o número de quatro (04) excertos de três diferentes textos, retirados dos sites da BBC, com uso do PP. Os excertos e suas respectivas leituras e traduções, além da indicação dos erros, são apresentados no Quadro 4.

Trecho/ Leitura	Inglês	Português	Google Tradutor	Bing Tradutor
1 Existencial	A 10-year-old boy from Finland <b>has been rewarded</b> £7,000 for spotting a security flaw in Instagram.	Um menino finlandês de dez anos de idade, identificado apenas como Jani, <b>recebeu</b> US\$ 10 mil (mais de R\$ 35 mil) depois de descobrir uma falha de segurança no Instagram.	Um menino de 10 anos de idade, da Finlândia <b>foi recompensado</b> £ 7,000 para detectar uma falha de segurança no Instagram.	Um menino de 10 anos da Finlândia <b>tem sido recompensado</b> £7.000 para detectar uma falha de segurança no Instagram.
<b>Erros</b>			<b>5</b>	<b>5</b>
2 Resultativa	Airlines in India will be fined 50,000 rupees (\$736; £594) if their planes release human waste from toilets in the air, <b>a court has ruled.</b>	<b>A justiça da Índia aprovou</b> uma multa para os aviões que despejarem detritos humanos dos seus banheiros durante o voo.	As companhias aéreas da Índia receberão uma multa de 50 mil rúpias (US \$ 736) se seus aviões liberarem resíduos humanos dos banheiros no ar, <b>segundo um tribunal.</b>	As companhias aéreas na Índia serão multado em 50.000 rúpias (US \$736; £594) se seus aviões liberar resíduos humanos do banheiro no ar, <b>um Tribunal determinou.</b>
<b>Erros</b>			<b>4</b>	<b>5</b>
3 Resultativa	A court <b>has asked</b> the aviation regulator to make sure that aircraft do not release human waste from air while landing or anywhere near the airports.	O National Green Tribunal (o tribunal ambiental indiano) <b>ordenou</b> que o órgão regulador da aviação garantir que as aeronaves não joguem dejetos humanos quando estiverem pousando ou voando em áreas próximas de aeroportos.	Um tribunal <b>pediu</b> ao regulador da aviação para se certificar de que as aeronaves não liberam resíduos humanos do ar durante a aterragem ou em qualquer lugar perto dos aeroportos.	Um Tribunal <b>pediu</b> o regulador da aviação para certificar-se de que aeronaves não liberam resíduos humanos do ar enquanto pousava ou em qualquer lugar perto dos aeroportos.
<b>Erros</b>			<b>5</b>	<b>5</b>
4 Resultativa	The team from Harvard Medical School and the Massachusetts Institute of Technology <b>have tested</b> their	A equipe de cientistas americanos <b>testou</b> o protótipo em alguns voluntários aplicando a fórmula da região abaixo dos olhos, nos antebraços e pernas.	A equipe da Harvard Medical School e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts <b>ter testado</b> seu produto protótipo em um punhado de	A equipe da escola médica de Harvard e do Massachusetts Institute of Technology <b>teste</b> seu produto protótipo em um punhado de



	prototype product on a handful of volunteers, applying the formula to their under-eye bags, forearms and legs.		voluntários, aplicando a fórmula a seus-olhos sob sacos, antebraços e pernas.	voluntários, aplicando a fórmula para seus sacos sob os olhos, braços e pernas.
<b>Erros</b>			<b>3</b>	<b>3</b>

Quadro 4 – Excertos, traduções e erros – texto jornalístico.

Os resultados gerais, considerando o quadro de erros, foram os seguintes:

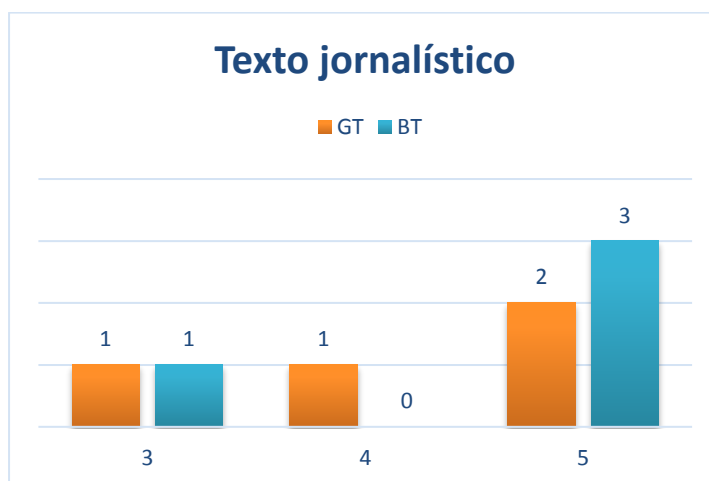


Gráfico 2 - Dados sobre a tradução do texto jornalístico.

O Gráfico 2 indica que, ao contrário do que ocorreu na tradução de texto literário, não houve traduções idênticas àquela de referência nos dados de texto jornalístico. No que diz respeito aos erros, aqui houve diferenças entre os tradutores, tanto no número, quanto nos tipos. O único caso de erro do mesmo tipo entre as ferramentas foi no trecho 4: enquanto o GT apresentou um erro morfológico de flexão, o BT apresentou um erro de concordância de pessoa. Do ponto de vista lexical, apenas o GT cometeu um erro de tradução incorreta (erro 4), no trecho 2. Com relação a problemas semânticos (erro 5), o BT teve desempenho pior: foram dois erros de sinonímia, nos trechos 2 e 3, contra um do GT, no trecho 3. No trecho 1, por sua vez, o erro semântico em relação à tradução de referência foi o uso de locuções (expressões) que poderiam ser trocadas por um verbo simples, problema observado nas duas ferramentas.

Linguisticamente, no entanto, os resultados das TAs em textos jornalísticos parecem melhores do que aqueles com textos literários. No trecho 1, por exemplo, a tradução do GT é bastante adequada para a leitura resultativa, ou seja, o pretérito. A tradução do BT, no entanto, tem o problema de usar a perífrase *ter*+particípio, inadequada nesse contexto, já que não é leitura universal, nem de repetição, tal como se viu na seção 1. O trecho 2, por sua vez, tem uma

tradução adequada por parte do BT, porque é a leitura resultativa, adequada no pretérito perfeito, portanto. Por outro lado, o GT utiliza a expressão “segundo um tribunal”, que não parece adequada para se referir a uma determinação desse tipo de órgão. No trecho 3, os tradutores fizeram a escolha adequada com relação ao tempo verbal (pretérito perfeito) para o mesmo tipo de leitura de *has asked*. Finalmente, no trecho 4, o GT cometeu dois problemas na tradução: primeiro, de ter inserido a perífrase com *ter*, num contexto de resultatividade; como vimos, na seção 1, a perífrase leva a uma leitura de repetição (inadequada ali). Além disso, esse tradutor colocou o verbo auxiliar no infinitivo, sem a concordância adequada com o sujeito *A equipe (...)*. Por outro lado, o BT ofereceu um resultado mais próximo do ponto de vista do tempo verbal, por utilizar o passado simples, mas errou na concordância com o mesmo sujeito, por ter traduzido *testei* ao invés de *testou*. De modo geral, no entanto, os resultados aqui parecem, linguisticamente, melhores do que aqueles com o texto literário.

Finalmente, vamos verificar os resultados para o documento da ONU. Novamente, houve a seleção de quatro (04) excertos com uso do PP, os quais são apresentados a seguir, juntamente com suas traduções e erros.

Trecho/ Leitura	Inglês	Português	Google Tradutor	Bing Tradutor
1 Resultativa	Food insecurity, climate change and biodiversity loss <b>have</b> adversely <b>affected</b> development gains.	Insegurança alimentar, mudança climática e perda biodiversidade <b>afetaram</b> negativamente os ganhos de desenvolvimento.	A insegurança alimentar, as alterações climáticas e a perda de biodiversidade <b>afectaram</b> negativamente os ganhos do desenvolvimento.	Insegurança alimentar, as alterações climáticas e a perda de biodiversidade <b>tem afetado</b> negativamente os ganhos de desenvolvimento.
<b>Erros</b>			<b>1a</b>	<b>5a</b>
2 Resultativa	We note that national commitment to sustainable development <b>has deepened</b> .	Nós notamos que o compromisso nacional com o desenvolvimento <b>se aprofundou</b> .	Observamos que o compromisso nacional com o desenvolvimento sustentável <b>se aprofundou</b> .	Notamos que <b>aprofundou</b> o compromisso nacional para o desenvolvimento sustentável.
<b>Erros</b>			<b>OK</b>	<b>4c; 6</b>
3 Existencial	The vulnerability of SIDS (Small Island Developing States ) <b>has worsened</b> over the last two decades...	A vulnerabilidade dos SIDS (Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento ) <b> aumentou</b> nas últimas Décadas...	A vulnerabilidade dos SIDS (Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento) <b>tem piorado</b> nas últimas duas décadas ...	A vulnerabilidade de SIDS (pequenos Estados insulares em desenvolvimento) <b>agravou-se</b> nas últimas duas décadas...
<b>Erros</b>			<b>5a; 5b</b>	<b>5c</b>
4 Universal	We call for removing barriers that <b>have prevented</b> women	Nós pedimos que sejam removidas as barreiras que <b>têm</b>	Apelamos à remoção de barreiras que <b>impediram</b> que as	Chamamos a eliminação dos entraves que

	from being full participants in the economy...	<b>evitado</b> que as mulheres se tornem participantes plenos na economia ...	mulheres participassem plenamente da economia ...	<b>impediram</b> as mulheres de ser participantes plenos na economia...
<b>Erros</b>			<b>5a</b>	<b>5a</b>

Quadro 5 – Excertos, traduções e erros – documento da ONU.

Podemos resumir o resultado encontrado na comparação no Gráfico 3, a seguir.

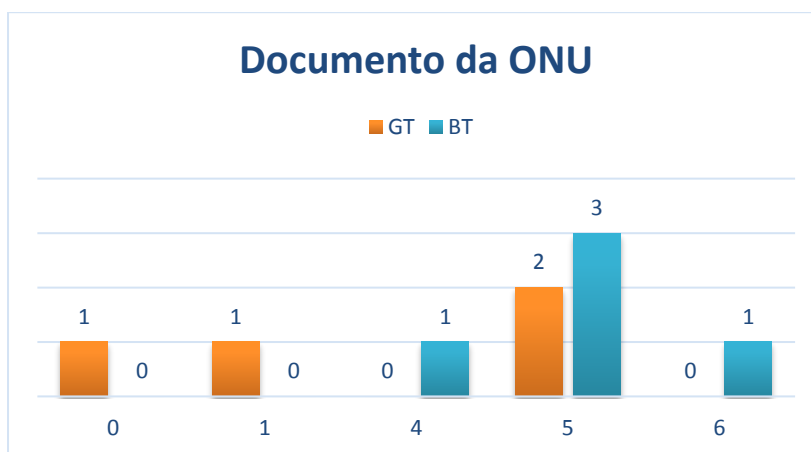


Gráfico 3 - Dados sobre a tradução do documento da ONU.

O Gráfico 3 mostra que houve apenas uma tradução totalmente correta (erro 0), com relação àquela de referência, feita pelo GT, no trecho 2. Caso se considerasse como correta a grafia de *affectaram*, no trecho 1, o GT teria tido duas traduções equivalentes. No entanto, seguindo a tabela de erros, marcamos esse caso como um problema ortográfico (1). Com relação a erros lexicais, o único observado foi o da falta do pronome *se* para *aprofundou*, no trecho 2, feito pelo BT (erro 4). Esse problema pode ter sido causado por outro, igualmente apontado: o da alteração de ordem, marcada como erro 6. Os problemas de ordem semântica novamente foram os mais observados nos trechos em questão: BT e GT erraram uma vez com a inserção da expressão *ter+particípio* (trechos 1 e 3, respectivamente), nos casos em que a tradução de referência utilizou um verbo simples (por isso, o erro foi marcado como 5). Houve um erro de sinonímia de BT no trecho 3. Os tradutores em questão deram um resultado idêntico no trecho 4, erro 5, porque traduziram com verbo simples o que exigia a perífrase.

Do ponto de vista linguístico, esse parece ser o melhor resultado dos três tipos de texto analisados. No trecho 1, a tradução do GT é praticamente idêntica, considerando a leitura resultativa (com pretérito); já BT traduziu com a perífrase esse trecho, o que exigiria uma leitura universal. Em contrapartida, no trecho 2, com o mesmo tipo de leitura, os tradutores utilizaram,

corretamente, o PP para o pretérito. Do ponto de vista da equivalência semântica, o BT teve um desempenho melhor no trecho 3, já que utilizou o pretérito para uma tradução da leitura existencial do PP, enquanto o GT utilizou a perífrase, inadequada para essa leitura. Por fim, o trecho 4, único de leitura universal e, portanto, passível de uso da perífrase (como aliás, está na tradução de referência), foi traduzido incorretamente para o pretérito por ambos os tradutores.

Por isso, se do ponto de vista de uma equivalência a respeito de uma tradução de referência, com um quadro de erros específico, os resultados não parecem tão diferentes, do ponto de vista linguístico, a tradução do documento da ONU traz os melhores resultados.

No geral, quando se leva em conta uma equivalência semântica, a partir das propriedades do PP discutidas aqui, os resultados são bem melhores, conforme se mostra na tabela a seguir.

Equivalência com a tradução de referência			Equivalência semântica		
	GT	BT		GT	BT
Literário	25%	25%	Literário	25%	25%
Jornalístico	0%	0%	Jornalístico	50%	50%
ONU	25%	0%	ONU	50%	75%

Tabela 1– Equivalência das traduções automáticas.

Como se vê, os dados de equivalência semântica são bem diferentes daqueles relativos à tradução de referência. Enquanto nos textos literários analisados houve pouca equivalência nas duas análises, no texto jornalístico passou-se de 0% para 50% de uma equivalência à outra. O documento da ONU, por sua vez, o GT passou de 25% para 50%, e o BT de 0% para 75% de correspondência. Ainda que poucos e recortados, os dados analisados aqui apresentam resultados bastante importantes no que diz respeito à interpretação que se pode fazer das TAs do presente perfeito de dois dos maiores tradutores *online*: o Google Tradutor e o Bing Tradutor.

### Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo avaliar o modo como o PP foi traduzido por duas ferramentas automáticas, tomando 4 excertos de 3 fontes distintas. Os resultados mostraram que, se tomarmos apenas a tradução de referência como modelo e marcar os erros desses tradutores automáticos a partir de uma tabela de erros específica, podemos encontrar uma série de discrepâncias, desde problemas com a ortografia de palavras, até a tradução incorreta de

outras. No entanto, quando levamos em conta as propriedades do PP, as TAs apresentam resultados melhores de equivalência semântica, com problemas bastante pontuais (e menos relevantes).

Se, por um lado, esses dados parecem confirmar as críticas de que os tradutores automáticos têm fraco desempenho na verificação de “termos ambíguos, homônimos, gírias ou expressões idiomáticas” (AZEVEDO, 2015, p. 45), de outro, eles reforçam a afirmação de que os tradutores automáticos são antes um auxílio que uma substituição à tradução manual (COSTA e DANIEL, 2013). Por tudo isso, serve como motivação para análises linguísticas mais aprofundadas dessas ferramentas, o que pode servir tanto para os usuários, quanto para os profissionais e acadêmicos que trabalham na área.<sup>10</sup>

## Referências

- AZEVEDO, Marco Antônio. Perspectivas do tradutor profissional à luz das novas tecnologias. In: SCHÄFFER, Ana Maria de Moura; TORRES, Milton (orgs.) *Temas de tradução: tecnologia, tradutores, mercado de trabalho*. Engenheiro Coelho, SP: Edição da autora, 2015.
- COSTA, Gislaine Caprioli; DANIEL, Fátima de Gênova – Google Tradutor: Análise de Utilização e Desempenho da Ferramenta. *TradTerm*, São Paulo, v. 22, Dezembro/2013, p. 327- 361. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69145>>. Acesso em 20 dez. 2016.
- DIAS, Emillie Rebecca. *Tradução automática: aplicação da métrica BLEU para análise comparativa de tradutores automáticos online*. Trabalho de Conclusão de Curso: Sistemas de Informação. Departamento de Sistemas de Informação. Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas. Universidade Estadual de Goiás, 2015. Disponível em: <[http://www.ccet.ueg.br/biblioteca/arquivos/monografias/01-TC-EMILLIE\\_REBECCA\\_BASTOS\\_DIAS.pdf](http://www.ccet.ueg.br/biblioteca/arquivos/monografias/01-TC-EMILLIE_REBECCA_BASTOS_DIAS.pdf)> Acesso em: 21 dez. 2016.
- GONÇALVES, Matheus. *Google ou Bing: qual o melhor tradutor online?* 2016. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/192308/melhor-tradutor-online-portugues-ingles/>>. Acesso em: 21 dez. 2016.
- [HTTP://www.bbc.co.uk/newsround/36204508](http://www.bbc.co.uk/newsround/36204508)
- [HTTP://www.bbc.com/news/health-36245728](http://www.bbc.com/news/health-36245728)
- [HTTP://www.bbc.com/news/world-asia-india-38388351](http://www.bbc.com/news/world-asia-india-38388351)
- [HTTP://www.bbc.com/portuguese/geral/2016/05/160504\\_instagram\\_hacker\\_menino\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/geral/2016/05/160504_instagram_hacker_menino_fn)
- [HTTP://www.bbc.com/portuguese/internacional-38391291](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38391291)
- [HTTP://www.bbc.com/portuguese/internacional/2016/05/160510\\_pesquisa\\_segunda\\_pele\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/internacional/2016/05/160510_pesquisa_segunda_pele_fn)
- [HTTP://www.bing.com/translator/?cc=pt](http://www.bing.com/translator/?cc=pt)
- [HTTP://www.nilc.icmc.usp.br](http://www.nilc.icmc.usp.br)
- [HTTPS://translate.google.com.br/?hl=pt-BR](https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR)
- [HTTPS://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/](https://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/)
- ILARI, Rodolfo. Notas sobre o passado composto em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 129-152, jan./jun. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2822>> Acesso em: 21 dez. 2016.

<sup>10</sup> Como apontou um dos pareceristas desta revista, os resultados são bastante relevantes, ainda que um *corpus* maior pudesse trazer mais evidências sobre a equivalência (ou não) das traduções automáticas. Esperamos que este trabalho motive futuras pesquisas no tema, especialmente por meio da utilização de dados coletados por meio computacional.



- KARPAVA, Sviatlana; AGOURAKI, Yoryia. L2 acquisition of English present perfect interpretations. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12-1 (2013), p. 145-175.
- LACA, Brenda. Perfect Semantics: How Universal Are Ibero-American Present Perfects? In: BORGONOVO, C. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 12th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2010, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/hls/12/paper2401.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2016.
- MARTINS, Ronaldo T.; NUNES, Maria das Graças V. Noções gerais de tradução automática. Núcleo Interintitucional de Linguística Computacional. Relatório: Notas didáticas do ICMC-USP. Outubro/2005. Disponível em: <[http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/NotasDidaticasICMC\\_68.pdf](http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/NotasDidaticasICMC_68.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2016.
- MEDEIROS, Alessandro Boechat de. O pretérito perfeito composto e sua interpretação. *Revista Linguística*, v. 6 (1), p. 86-102, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4441/3213>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- MELO, Francisco Ramos de; MATOS, Hellen Carmo de O.; DIAS, Emillie Rebecca Bastos. Aplicação da métrica BLEU para avaliação comparativa dos tradutores automáticos Bing Tradutor e Google Tradutor. *E-escrita* (Revista do Curso de Letras da UNIABEU), Nilópolis, v. 5 (3), set.-dez., 2014, p. 33-45. Disponível em: < <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/1719>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- MITTWOCH, Anita. The English Resultative perfect and its relationship to the Experiential perfect and the simple past tense. *Linguistics and Philosophy*, 31, 2008, p. 323-351. Disponível em: < <http://link.springer.com/article/10.1007/s10988-008-9037-y>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- MOLSING, Karina. Universal and Existential Perfects in Brazilian Portuguese. *Revista Letras* (Curitiba), n. 73, p. 131-150, set./dez. 2007. Editora da UFPR. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/7550>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- NOGUEIRA, Iuri Deolindo. Desenvolvimento de um software de comunicação online entre diferentes idiomas com tratamento de expressões e linguagens encontradas em ambientes de chats. 2012. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Ciência da Computação, Ciência da Computação, Universidade Federal de Lavras, Lavras (MG), 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/handle/1/5022>>. Acesso em: 21 dez. 2016.
- PORTNER, Paul. The (temporal) semantics and (modal) pragmatics of the perfect. *Linguistics and Philosophy* 26: 459-510, 2003. Disponível em: < [http://faculty.georgetown.edu/portnerp/my\\_papers/perfect.pdf](http://faculty.georgetown.edu/portnerp/my_papers/perfect.pdf)> Acesso em: 21 dez. 2016.
- SANTIAGO, Michele Leandro. *Avaliação da tradução automática: bulas versus outros gêneros textuais*. Dissertação de mestrado. Estudos em Tradução e Serviços Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2013. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72505>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- SCHMITT, Cristina. Cross-linguistic variation and the Present Perfect: the case of Portuguese. *ZAS Papers in Linguistics* 16, 2000, p. 68-99. Disponível em: < [http://www.zas.gwz-berlin.de/fileadmin/material/ZASPiL\\_Volltexte/zp16/zaspil16-schmitt.pdf](http://www.zas.gwz-berlin.de/fileadmin/material/ZASPiL_Volltexte/zp16/zaspil16-schmitt.pdf) > Acesso em: 21 dez. 2016.
- SILVA, Fernando da. Análise comparativa dos resultados de mecanismos de tradução automática baseados em regras e estatística. Dissertação de mestrado. Estudos da Tradução. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94472>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. O aspecto do auxiliar. *Revista de Estudos da Linguagem* (Belo Horizonte), v.14, n. 2, p.55-75, jul./dez, 2006. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2423>> Acesso em: 21 dez. 2016.
- WOOLFF, Virginia. *Orlando: a biografia*. Tradução e notas Doris Goettems. São Paulo: Editora Landmark, 2013.

**Recebido em: 24/06/2017**

**Aceito em: 28/11/2017**

## A INTERTEXTUALIDADE NOSSA DE CADA DIA: O INTERTEXTO NO GÊNERO NOTÍCIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

### OUR DAILY INTERTEXTUALITY: THE INTERTEXT IN THE SCIENTIFIC NEWS GENRE

**Kátia Roseane Cortez dos Santos\***  
**Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo\*\***

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo identificar como a intertextualidade se apresenta em um *corpus* constituído por 14 textos do gênero notícia de divulgação científica (mais especificamente seus sumários: o título e o lide), publicados na Revista Galileu entre 2015 e 2016. Para tanto, mobilizamos conceitos apresentados por autores como Antunes (2003; 2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2007) e Marcuschi (2010). A partir das análises, observamos que, no caso dos intertextos que são provérbios ou expressões populares, a intertextualidade se dá implicitamente; já nos casos em que são retomados filmes, músicas etc., temos intertextualidade implícita ou explícita. Além disso, observamos que o recurso da intertextualidade serve a uma série de objetivos, todos regidos por uma finalidade maior: a venda de exemplares. Pode-se afirmar que a intertextualidade funciona como estratégia argumentativa para o alcance dessa finalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Critérios de textualidade; Intertextualidade; Gênero notícia de divulgação científica.

**ABSTRACT:** *This paper aims to identify how intertextuality is present in a corpus of 14 scientific news articles (more specifically its summaries: the title and the headline), published in the Revista Galileu between 2015 and 2016. For this purpose, we mobilize concepts presented by authors such as Antunes (2003; 2010), Koch, Bentes and Cavalcante (2007) and Marcuschi (2010). As a result of the analysis, we observe that, in the case of the intertexts that are proverbs or popular expressions, the intertextuality occurs implicitly; on the other hand, in cases in which movies, music, etc. are taken up, we observe implicit or explicit intertextuality. In addition, we note that the use of intertextuality serves a series of objectives, all governed by a greater purpose: the sale of copies. It may be said that intertextuality functions as an argumentative strategy for the attainment of this purpose.*

**KEYWORDS:** *Standards of textuality; Intertextuality; Scientific News genre.*

### Introdução

A motivação para a realização deste estudo se deu em virtude do fato de que, embora haja muitas pesquisas na área de leitura que propõem propostas didáticas adequadas para a abordagem desse tema, ainda hoje encontramos contextos educacionais em que a leitura é

---

\* Mestranda pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil. [katiacortez\\_@hotmail.com](mailto:katiacortez_@hotmail.com).

\*\* Professora da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil. [diaslucian@yahoo.com](mailto:diaslucian@yahoo.com) / [lcfdraimo@uem.br](mailto:lcfdraimo@uem.br).

trabalhada de forma superficial, com o enfoque em atividades mecânicas de identificação e de decodificação do texto que não contribuem significativamente para o desenvolvimento dos alunos no que concerne às habilidades de leitura necessárias para compreensão global dos materiais. Assim, com o propósito de contemplar o texto em sua dimensão interacional, partimos de uma concepção de leitura como atividade de construção de sentido, que pressupõe não somente a interação autor-texto-leitor, mas na qual também “entram em cena os conhecimentos do leitor” (KOCH, 2009, p. 37)

Apoiando-nos, ainda, em Koch (2003, p. 26), entendemos o texto como “resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social”. Dessa forma, ao compreender o fenômeno da intertextualidade, precisamos tomá-la não somente como um dos fatores de textualidade, mas também como manifestação do funcionamento dialógico da linguagem, seja entre duas pessoas, entre pessoas e texto, entre textos, entre crenças materializadas nos textos (BAKHTIN, 2003).

Diante disso, analisamos neste trabalho 14 textos do gênero notícia de divulgação científica, publicados na Revista Galileu em diversas edições ao longo dos anos de 2015 e de 2016. Vale ressaltar que a análise contempla apenas o início dos textos, identificado como sumário, isto é, o título e o lide, os quais são investigados com o objetivo de identificar como a intertextualidade *strictu sensu* se apresenta nesses textos, uma vez que entendemos que a intertextualidade é um fenômeno muito presente em nossa sociedade e que o trabalho com esse tópico em sala de aula contribui de forma significativa para o desenvolvimento de habilidades de leitura do aluno.

Em relação à estrutura deste artigo, ele está organizado em quatro partes. Na primeira, apresentamos alguns conceitos que subjazem a análise do *corpus*: a concepção interacionista de leitura, posto que é à luz dessa perspectiva que realizamos todo o trabalho; o conhecimento prévio, por considerá-lo de extrema importância no processo de leitura e na compreensão da intertextualidade; os critérios de textualidade; e, por fim, a intertextualidade, apresentada pela perspectiva de diversos autores. Na seção seguinte, caracterizamos a Revista Galileu e especificamos o gênero notícia de divulgação científica. Em seguida, procedemos à análise de 14 sumários publicados na Revista Galileu entre novembro de 2015 a junho de 2016, demonstrando como a intertextualidade se faz presente em cada um deles, partindo das considerações de Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Por fim, na última seção, traçamos algumas considerações finais sobre o trabalho.



## **2. Fundamentação teórica**

### 2.1 Concepção interacionista de leitura e conhecimento prévio

Este trabalho assume como concepção de leitura aquela que compreende que a construção de sentidos ocorre na interação entre autor, texto e leitor, não havendo, portanto, uma hierarquia de relevância entre o autor e o leitor, como postulado em outras perspectivas. Diante disso, Leffa (1999) nos apresenta que, nesta concepção, denominada conciliatória, a leitura está baseada no texto (na forma e no conteúdo) e também no leitor, em seus conhecimentos prévios e expectativas, uma vez que é imprescindível que o leitor acione os conhecimentos que já possui para que possa realizar estratégias de previsão e inferências durante a leitura.

Antunes (2003) também opta por realizar suas reflexões e análises a partir da concepção interacionista de leitura e de língua, afirmando que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor” (p. 66). Claro que as intenções pretendidas pelo autor nem sempre coincidem com a leitura realizada, uma vez que, ao mesmo tempo em que o leitor tenta reconstruir os sentidos veiculados no texto, também constrói novos significados, num processo ativo e cooperativo. Diante disso, é possível presumir a existência de leituras diferentes de acordo com cada leitor e de acordo com cada circunstância, não se admitindo apenas uma leitura única.

Sobre a importância do conhecimento prévio para a compreensão de um texto, Kleiman (1997) nos explica que, durante a leitura, vários níveis de conhecimento interagem: o conhecimento linguístico (do código linguístico), o conhecimento textual (sobre o gênero e a tipologia de um texto) e o conhecimento de mundo (ou conhecimento enciclopédico). Esses conhecimentos já adquiridos pelo leitor entram em ação conjuntamente para que ele construa sentidos para o texto, ou seja, compreenda-o.

Neste trabalho, exploraremos mais especificamente a relevância do conhecimento de mundo para a leitura, pois entendemos esse tipo de conhecimento prévio como essencial nos casos de intertextualidade, já que é preciso que o leitor conheça previamente o que está sendo referenciado pelo texto para que ele consiga sequer perceber que há intertextualidade (nos casos de intertextualidade implícita).

## 2.2 Critérios de textualidade

Por muito tempo uma questão ocupou os estudos de alguns teóricos do texto: o que faz de um texto um texto? Ou, nas palavras de Antunes (2010, p. 33) “o que um conjunto de palavras precisa ter para funcionar e ser identificado como um texto?”. Para responder a essa pergunta, desenvolveu-se o conceito de textualidade, que pode ser entendida como “*a característica estrutural das atividades sociocomunicativas* (e, portanto, também linguísticas) executadas entre os parceiros da comunicação”. (ANTUNES, 2010, p. 29, grifos da autora).

Apesar dessa definição, elaborada por Antunes em 2010, outros autores, como Beaugrande e Dressler, na década de 80, já haviam se debruçado sobre o assunto e proposto sete critérios ou propriedades de textualidade: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade. (ANTUNES, 2010).

Sobre tais critérios, Marcuschi (2008) faz os seguintes apontamentos: dois critérios são orientados pelo texto (coesão e coerência); dois pelo aspecto psicológico (intencionalidade e aceitabilidade); um pelo aspecto computacional (informatividade); e dois pelo aspecto sociodiscursivo (situacionalidade e intertextualidade). Assim, segundo o autor, teríamos quatro aspectos por meio dos quais um texto pode ser verificado: língua, cognição, processamento e sociedade.

Já Antunes (2010) propõe uma organização diferente desses critérios. Ela os divide em dois grupos: o conjunto das propriedades que estariam relacionadas ao que ela chama de condições de efetivação do texto: intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade; e aquele grupo das propriedades que pertenceriam, mais diretamente, à construção do texto propriamente dito, ou seja, as propriedades do texto: coesão, coerência, informatividade e intertextualidade. Vejamos a seguir cada um deles.

Segundo Marcuschi (2008), o critério da intencionalidade está apoiado basicamente no emissor do texto, e a intenção desse emissor é considerada um fator importante para textualidade. Além disso, Marcuschi (2008) acrescenta: “é difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções” (MARCUSCHI, 2008, p. 127).

A aceitabilidade se refere à atitude do leitor do texto, ou seja, é um critério centralizado no receptor, o qual deve decidir se o texto é aceitável, considerando-o coerente e coeso, ou seja, passível de interpretação e possuidor de um significado (MARCUSCHI,

2008). Assim, um mesmo texto pode ser considerado aceitável por um leitor e inaceitável por outro. Entretanto, segundo Marcuschi (2008), esse critério apresenta um problema: “o problema da aceitabilidade é definir os seus limites: são eles por parte do sistema, da plausibilidade cognitiva ou da situacionalidade?” (MARCUSCHI, 2008, p. 128).

Para Marcuschi (2008), a situacionalidade está relacionada ao fato de sempre associarmos o evento textual à determinada situação, seja ela social, ambiental, cultural etc., na qual o texto está inserido. É preciso lembrar que situacionalidade não nos é útil apenas no momento de interpretar um texto, já que delimita os campos dentro dos quais determinado texto poder ser lido, mas também é importante no momento da própria produção do texto, sendo, por isso, o que o autor chama de critério estratégico.

De acordo com Antunes (2010), a coesão está relacionada à maneira pela qual os vários segmentos de um texto (as palavras, as orações, os períodos e os parágrafos) se encadeiam em um texto e, apesar de seus recursos serem vistos na superfície textual, a coesão não se dá apenas nesse nível, mas está fundamentada nas relações de sentido que são criadas entre os segmentos. Normalmente, distinguimos entre dois tipos de coesão: a coesão referencial (relacionada aos mecanismos de retomada de termos e ideias); e a coesão sequencial (ligada ao uso de elementos que conectam segmentos e ideias).

De acordo com Marcuschi (2008), a coerência não é uma propriedade que surge apenas a partir do texto, mas se estabelece com a interpretação que o leitor faz do texto, isto é, o mesmo texto pode ser coerente para um leitor e não o ser para outro. Para construir a coerência do texto, o receptor segue as pistas que o autor deixa explicitadas nas operações de coesão como “primeiros indicadores interpretativos” (MARCHUSCHI, 2008, p. 121). O autor ainda acrescenta:

A coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada. Na verdade, a coerência providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos. Não é observável como fenômeno empírico, mas se dá por razões conceituais, cognitivas, pragmáticas e outras (MARCUSCHI, 2008, p. 121).

Para Antunes (2010), “a *informatividade* concerne ao grau de *novidade*, de *imprevisibilidade* que, em certo contexto comunicativo, o texto assume; concerne ainda ao efeito interpretativo que o caráter inesperado de tais novidades produz” (p. 36, grifos da autora). A autora também afirma que essa novidade pode estar relacionada a aspectos de forma (maneiras diferenciadas de expressar um enunciado) e a aspectos de conteúdo (novos



conceitos e informações). De todo modo, para fazer sentido para o leitor, todo texto tem de possuir certo grau de informatividade, mas é o contexto que determinará esse grau.

O último critério de textualidade é a intertextualidade. Devido aos propósitos deste artigo, a exposição dessa propriedade será realizada de forma mais detalhada, e, por esse motivo, as considerações sobre esse assunto se encontram na próxima seção.

### 2.3 Intertextualidade

A intertextualidade, num sentido mais estreito, ocorre quando há presença de um texto em outro. Segundo Antunes (2010), esse recurso é sempre uma estratégia argumentativa, uma vez que “quem recorre à palavra do outro, o faz para apoiar-se nessa palavra, ou para confirmá-la ou para refutá-la” (ANTUNES, 2010, p. 37).

Embora geralmente entendamos intertextualidade no sentido exposto acima, ou seja, como a referência direta a determinado texto que já circula socialmente, há diversos autores (como a própria Antunes (2010) e Marcuschi (2008)) que concebem todo texto como um intertexto, devido ao fato de ele “sempre ser parte de modelos, de conceitos, de crenças, de informações já veiculadas em outras interações anteriores” (ANTUNES, 2010, p. 37). Dessa forma, não haveria nenhum texto que não estivesse enlaçado nessa rede de intertextualidade, já que nenhum enunciado se constitui isoladamente de outros (MARCUSCHI, 2008).

A essa acepção mais ampla de intertextualidade, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) dão o nome de “intertextualidade *lato sensu*” – em oposição à intertextualidade *strictu sensu*, da qual trataremos mais à frente. Também Authier-Revuz (1982 *apud* MARCUSCHI, 2008) faz distinção semelhante, nomeando de “heterogeneidade constitutiva” o fenômeno que consiste na dominação do discurso pelo interdiscurso, “o surgimento de um diálogo interno e que não necessariamente vem do exterior. Assemelha-se ao dialogismo bakhtiniano. Constitui-se no debate com a alteridade” (MARCUSCHI, 2008, p. 132), e de “heterogeneidade mostrada” a “presença de um discurso em outro discurso de modo localizável e identificável” (MARCUSCHI, 2008, p. 132), que pode se apresentar na forma não marcada (a paráfrase e a paródia, por exemplo) ou na forma marcada (com é o caso da citação com aspas ou da citação indireta identificada).

Neste artigo, trabalharemos com a noção de intertextualidade *strictu sensu*, que ocorre quando:

em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido,



que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 17, grifos das autoras).

Diante disso, as autoras fazem uma distinção entre intertextualidade temática x intertextualidade estilística, e intertextualidade explícita x intertextualidade implícita. O primeiro tipo é encontrado, por exemplo, nos textos pertencentes a uma mesma área do conhecimento, nas notícias de vários jornais que abordam o mesmo assunto, nas obras de um mesmo autor e nas novas versões de um filme (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007).

Já a intertextualidade estilística se faz presente quando o autor do texto reproduz ou subverte certos estilos de outros textos. Vale ressaltar que Koch, Bentes e Cavalcante não consideram que exista uma intertextualidade somente de forma, defendem que “toda forma necessariamente emoldura, *enforma* determinado conteúdo, de determinada maneira” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 19, grifos das autoras). A intertextualidade explícita, por sua vez, dá-se quando o autor menciona a fonte do intertexto, ou seja, atribui a outro enunciador determinada passagem, “quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados (“Como diz o povo...”, “segundo os antigos...”)” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 17). Esse tipo de intertextualidade é bastante frequente em textos acadêmicos, resumos, traduções etc.

Por fim, tem-se a intertextualidade implícita, que se dá quando um texto está introduzido em outro sem que o autor mencione nenhuma indicação explícita da fonte, seja com o intuito de concordar com seu ponto de vista, seja para refutá-lo ou colocá-lo em questão. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante,

no primeiro caso, verificam-se paráfrases, mais ou menos próximas, do texto-fonte: é o que Sant’Anna (1985) denomina “*intertextualidade das semelhanças*”, e Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de *captação*; no segundo, incluem-se enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/negação, entre outros (*intertextualidade das diferenças*, para Sant’Anna, 1985; *subversão*, pra Grésillon e Maingueneau, 1984) (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 30, grifos das autoras).

Diante do exposto, buscaremos, na próxima seção, analisar como a intertextualidade *stricto sensu* se faz presente em diversos textos do gênero notícia de divulgação científica,



publicados em diferentes edições da Revista Galileu, levantando algumas hipóteses sobre por que esse recurso surge com tanta frequência nesse periódico.

### 3 Corpus

A Revista Galileu foi criada em 1991, pela Editora Globo, inicialmente chamando-se Globo Ciência, e tinha a proposta de difundir informações a respeito de ciência e tecnologia de uma forma popular e acessível ao público não especializado, mas sem possuir um caráter juvenil. Em 1998, a revista Globo Ciência mudou seu nome para Galileu, modificando também seu projeto gráfico para algo mais acessível ao público jovem (PACHECO, 2008).

A revista tem periodicidade mensal (além das edições especiais sobre temas diversos), circulação nacional e, atualmente, sua tiragem é de cerca de 200 mil exemplares. Ademais, além de conteúdo produzido pela própria equipe da Galileu, a revista ainda apresenta textos traduzidos de periódicos internacionais, como a New Scientist e a New York Magazine.<sup>11</sup>

Em relação ao gênero discursivo trabalhado neste estudo, vale destacar que, segundo Silva e Almeida (2005 *apud* ABREU; MASSI; QUEIROZ, s/d, p. 2), a divulgação científica (doravante DC) é um termo geralmente utilizado para identificar “textos não-escolares que circulariam ‘fora’ da escola [e do ambiente acadêmico] [...]. A divulgação científica representa, até certo ponto, o espaço público da relação entre a ciência e as pessoas”. Além disso,

Textos de PC [popularização científica, que aqui utilizaremos como sinônimo de DC], publicados em revistas como New Scientist, representam a atividade científica diferentemente daquela encontrada em artigos científicos (OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA; PAGANO, 2006; PAGANO, 1998, 2001), visto que aqueles apresentam uma organização retórica e um vocabulário simplificado, sem a densidade técnica dos textos acadêmico-científicos (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009, p. 234-235).

Motta-Roth e Marcuzzo (2010) definem o gênero notícia de divulgação científica como os textos publicados por uma mídia que se autodefine como de DC, e que apresentam informações sobre uma pesquisa recente e de interesse para o público-alvo da notícia, sendo que apresentam duas partes:

*o sumário (a manchete/o título e o lide) e a história propriamente dita, com 1) a situação, incluindo a) os episódios (os eventos principais ligados à*

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.revistas.com.br/revistas-cientificas.html>. Acesso em 16 mar. 2018.



pesquisa e suas consequências) e b) o pano de fundo (o contexto – circunstâncias e eventos prévios – e a história); e 2) os comentários, incluindo as reações verbais e as conclusões (as expectativas, as avaliações e o significado da pesquisa para a comunidade) (MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2010, p. 518, grifos nossos).

Neste ponto, é importante explicar que, neste artigo, analisaremos apenas a parte relativa ao sumário da notícia de DC, uma vez que é, primordialmente, nesse local que a intertextualidade se faz presente nos textos selecionados. Além disso, dada a quantidade de notícias analisadas neste estudo (14 notícias, que vão da edição número 292 novembro de 2015, até a 299, junho de 2016), por uma questão de espaço, seria inviável analisá-las por inteiro.

#### 4 Análise

Nesta seção faremos a análise de 14 sumários de notícias de divulgação científica publicadas na Revista Galileu. É importante deixar claro que tal *corpus* é apenas uma amostragem, ou seja, existem diversos outros textos presentes nas edições selecionadas que apresentam intertextualidade; entretanto, devido à extensão física deste trabalho, não seria possível analisar todos eles. Ademais, o propósito deste estudo não é realizar uma análise exaustiva de todas as ocorrências de intertextualidade, mas investigar alguns casos em que o fenômeno se dá, apontando para a importância de se trabalhar mais atentamente com os diálogos intertextuais como recurso textual no processo de construção de textos.

Além disso, é preciso ressaltar também que as análises empreendidas aqui são fruto das leituras realizadas pelas autoras, leituras estas que estão diretamente relacionadas ao conhecimento prévio que elas possuem, e mais especificamente ao seu conhecimento de mundo. Dessa forma, outros leitores poderão realizar outras leituras diferentes das apresentadas neste artigo.

Feitas essas considerações, partimos para a análise propriamente dita. Para facilitar tal tarefa, dividimos as notícias em dois grandes grupos: de um lado, aquelas que apresentam intertextos cujas autorias são desconhecidas ou de difícil recuperação, como é o caso das notícias que fazem referências a ditos populares, provérbios etc.; de outro, os textos em que é possível atribuir a um ou a mais autores específicos a autoria do intertexto utilizado na notícia. Também fizemos uma distinção quanto ao fato de o intertexto estar implícito ou explícito. Por fim, consideramos que todas as amostras do *corpus* apresentam uma

intertextualidade do tipo estilística, nos termos de Koch, Bentes e Cavalcante (2007).

Sobre o primeiro grupo de textos, vejamos o que diz as autoras:

Nesses casos de enunciações de origem desconhecida, como provérbios, frases feitas, ditos populares, que fazem parte da cultura do povo e que se repetem anonimamente através do tempo, a fonte é um enunciador genérico, representante da sabedoria popular, da opinião pública (a “vox populi”, a quem Berrendonner (1981) denomina ON – em francês, o pronome indefinido *a gente, alguém*) (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 33).

Trata-se então do que as autoras chamam de “enunciações-eco”, de uma quantidade indefinida de enunciações prévias, que são abonadas por esse enunciador genérico e conhecidas pelos membros que fazem parte da comunidade em questão. Dessa forma, a recuperação do intertexto é quase inevitável. (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007). Vejamos os exemplos do *corpus*.

(1) Apressado come sal: a rapidez no preparo do miojo exige uma produção diferente e muito cloreto de sódio (REVISTA GALILEU, n. 292, nov. 2015, p. 32).

No enunciado acima, temos a referência ao ditado popular “Apressado come cru”, que aponta para as desvantagens em não ser paciente, isto é, quem não tem a paciência de aguardar a comida ser preparada, perde em comê-la crua. No enunciado da revista, observamos a manutenção dessa mesma ideia; entretanto, ao invés de comer a comida crua, o apressado a comeria com muito sal, uma vez que o miojo (o macarrão instantâneo, alimento famoso por demorar apenas 3 minutos para ficar pronto) possuiria uma grande quantidade de sódio.

É importante considerar que a leitura depende não somente do conhecimento prévio do provérbio, uma vez que a retomada de um intertexto que faz parte da memória social de uma coletividade propicia a construção de novos sentidos, já que estão inseridos em uma nova situação comunicativa. Nesse caso, a “pressa” não leva o sujeito a comer cru, mas a ingerir um alimento com muito sódio. O provérbio produz uma relação de proximidade com o leitor, ao trazer um texto-fonte que diz respeito ao saber popular. Ademais, a revista tenta criar um efeito catalisador no leitor, chamando sua atenção a uma prática comum do dia a dia, comer, cozinhar etc, e a divulgação científica.





(2) O amanhã a nós pertence: doutor em cosmologia, Luiz Alberto Oliveira fala sobre o Museu do Amanhã, que será inaugurado no Rio de Janeiro e pretende levar seus visitantes a refletir sobre a construção de futuros possíveis (REVISTA GALILEU, n. 293, dez. 2015, p. 70-71).

Diferentemente do anterior, o enunciado acima subverte o sentido original do ditado ao qual faz referência. Enquanto na máxima popular, “O amanhã a Deus pertence”, a responsabilidade do que acontecerá é atribuída a uma divindade, na revista, essa responsabilidade é afirmada como pertencente a nós, humanidade, já que o Museu do Amanhã pretenderia despertar em quem o visitasse a reflexão sobre a construção, por parte das pessoas, de diferentes amanhãs.

(3) Sua ligação é muito importante para nós: denúncias de casos de abuso contra mulheres aumentam no Brasil (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 19).

Aqui, não há modificação na materialidade linguística do intertexto, ou seja, na frase “sua ligação é muito importante para nós” – conhecida por ser uma forma típica de encerrar mensagens eletrônicas de empresas, normalmente acompanhada de “aguarde na linha” ou “obrigado/a” – não há substituição de palavras como nos exemplos discutidos anteriormente. Além disso, ainda que haja a manutenção do sentido de “importância da ligação”, há uma modificação crucial no contexto dessa ligação. Passamos do âmbito do mero agradecimento educado direcionado a interlocutores diversos, mas não necessariamente real, para a acentuação da importância de se denunciar os casos de abuso contra mulheres. O “nós” do enunciado da revista poderia, então, ser interpretado não como o “nós” de uma empresa, mas referindo-se às próprias mulheres que foram, são ou podem vir a ser vítimas de abuso.

(4) A oitava maravilha: Quentin Tarantino dá oito motivos para assistir a Os oito odiados em 7 de janeiro (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 25).

Neste enunciado o que se tem é uma referência não a um ditado ou a uma frase proferida por alguém desconhecido, mas a um conceito, às “Sete maravilhas do mundo” (antigo, medieval e moderno), que consistem em grandes construções ou monumentos criados

por mãos humanas. Como tal conceito constitui nossa memória social e cultural e pode ser facilmente recuperado pelo leitor, no enunciado da revista, essa ideia é recuperada para indicar que a recente obra de Quentin Tarantino seria a “oitava maravilha do mundo”. Além disso, há um jogo com a repetição do número oito: oitava maravilha, oito motivos, os oito odiados. Dessa forma, embora o sentido do intertexto seja mantido na revista, ele é ampliado, num movimento quase de hipérbole, em que o filme de Tarantino poderia estar incluído na lista de “grandes obras humanas”.

(5) O sol arde para todos: entenda como o filtro solar garante a proteção da sua pele (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 32).

Assim como em outros enunciados, aqui há uma operação sobre o texto-fonte a partir da substituição da forma verbal “nasce” para a forma “arde”. Nesse caso, porém, temos uma mudança de sentido, uma vez que a palavra modificada é um termo essencial para o sentido do texto: o verbo. Enquanto há no dito popular uma linguagem conotativa, metafórica, que remete o nascer do sol a um novo começo, à esperança de um novo dia, uma oportunidade outra para alcançar os objetivos traçados etc.; no enunciado da revista, a linguagem passa a ser denotativa, isto é, o sol arde porque queima a pele das pessoas, e, por isso, a importância do filtro solar. Apesar dessa dissonância, há um aspecto que é mantido em ambos os textos: o caráter democrático do sol, pois, assim como ele nasce *para todos*, ele também arde *para todos*, sem distinções.

(6) Todos os dias são do caçador: o tráfico de animais e plantas já é o quarto maior mercado ilícito do planeta – um único rinoceronte pode render US\$ 400 mil (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 69).

O texto acima apresenta intertextualidade com o dito “Um dia da caça, outro do caçador”, cujo sentido é subvertido pela revista, uma vez que ao enunciar “todos os dias são do caçador”, a ideia de “igualdade de oportunidades”, por assim dizer, é substituída pelo favorecimento de um dos elementos da oposição: o caçador. Além disso, observamos que o ditado apresenta um tom metafórico, característico, aliás, desse tipo de texto, pois seu significado pode ser entendido e aplicado em diversos contextos. Ao contrário, o texto da revista tem um



cunho denotativo, pois o “caçador” é realmente quem caça os animais (e plantas) que são vendidos posteriormente no mercado ilegal. Todos os dias são dele, porque as “caças” são sempre as vítimas da situação. Assim, a recuperação do provérbio, na notícia de divulgação científica, tem efeito argumentativo na relação com o leitor, pois a força argumentativa do título saturada de sentidos de que a prática da caça é diária e devastadora, está a favor da proteção do meio ambiente e à defesa da fauna e flora.

(7) Atenção, senhores passageiros: atentados terroristas apertaram as regras de segurança nos aeroportos e criaram tecnologias de inspeção de bagagens (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 13).

É interessante notar a função do intertexto no enunciado acima. Nesse caso, ele está presente não para que seu sentido seja reafirmado, contrariado ou modificado, mas para que, quando o leitor da revista veja “atenção, senhores passageiros”, o esquema mental da situação “viagem de avião” seja ativado em sua mente, visto que essa é uma frase comumente dita pelo(a) comissário(a) de bordo aos passageiros de um avião. Dessa forma, o leitor já pode prever que o assunto abordado na notícia se refere a algo relacionado a esse evento, como as ideias de “viagem”, “avião”, “aeroporto”, “bagagem”.

Diante desses sete enunciados, percebe-se também que todos eles apresentam o tipo de intertextualidade implícita, pois não há menções do tipo “como diz o ditado”, “como dizem os antigos” etc., ou citação expressa da fonte. No dizeres de Koch, Bentes e Cavalcante (2007):

Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, (p. 30) pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. Também nos casos de captação, a reativação do texto primeiro se afigura de relevância; contudo, por se tratar de uma paráfrase, mais ou menos fiel, do sentido original, quanto mais próximo o segundo texto for do texto-fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atual (embora, é claro, tal recuperação venha incrementar a possibilidade de construção de sentidos mais adequados ao projeto de dizer do produtor do texto) (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 31).

Em outras palavras, como, em tese, os ditados e expressões populares são de conhecimento de todos os membros de dada comunidade, o autor dos enunciados da revista espera que seu leitor seja capaz de recuperar os intertextos e compreender o sentido



pretendido ou os deslocamentos de sentidos produzidos ao evocar tais referências. Caso o leitor não consiga estabelecer tal relação, sua leitura da notícia não será impedida, visto que no próprio sumário (no lide) já há uma introdução sobre o tema da notícia; no entanto, se a relação não for estabelecida, a leitura será prejudicada significativamente.

Em se tratando do outro grupo de textos selecionados para esta análise – isto é, aquele que contém os enunciados que remetem a intertextos de origem identificável (falas de personalidades conhecidas, textos literários, publicitários, políticos, bordões de humoristas, nomes de filmes, livros etc.) – Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam que, nesses casos,

[...] o reconhecimento do intertexto é menos garantido, visto que depende da amplitude dos conhecimentos que o interlocutor tem representados em sua memória. A não apreensão do texto-fonte, nesses casos, empobrece a leitura ou praticamente impossibilita a construção de sentidos próximos àqueles previstos na proposta de sentido do locutor (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 35).

Uma vez que a possibilidade, por parte do leitor, de reconhecer o intertexto é menor nessas situações, muitas vezes é preciso citar a fonte do intertexto, o que justificaria a ocorrência de dois enunciados com intertextualidade explícita no conjunto de textos analisados. Vejamos:

(8) Caminho das Índias: a parceria entre o guitarrista do Radiohead e o diretor Paul Thomas Anderson rendeu um documentário musical bem diferente das novelas de Glória Perez (REVISTA GALILEU, ed. 292, nov. 15, p. 27).

Nesse enunciado, o intertexto retomado é o nome de uma das novelas de Glória Perez, Caminho da Índias, que foi ao ar em 2009, na emissora Globo. No lide da notícia, notamos menção à expressão nominal “novelas de Glória Perez”, o que facilita a recuperação, por parte do leitor, do intertexto. É possível perceber também que tal menção não é feita gratuitamente: a indicação só aparece explicitamente porque o autor propõe uma comparação entre o documentário musical e as novelas da autora, salientando o quanto as duas produções são diferentes. Portanto, para fazer tal comparação, foi necessário expor os objetos comparados: o documentário musical e as novelas. Nesse caso, diferentemente dos exemplos analisados até o momento neste artigo, para compreender a relação entre o intertexto e o fato noticiado, o leitor precisa continuar a leitura para além da parte denominada sumário, uma vez que a



informação de que o documentário musical foi gravado na Índia só aparece no corpo da notícia.

(9) O Estado sou eu: é uma frase atribuída ao rei francês Luís XIV, mas, ao que tudo indica, Mark Zuckerberg quer reivindicá-la (REVISTA GALILEU, n. 298, mai. 2016, p. 8-9).

No enunciado acima, diferentemente do caso anterior, o lide não traz um resumo do fato noticiado, mas cria um suspense sobre como Zuckerberg se relacionaria à frase “o Estado sou eu”. A menção à autoria, nesse caso, poderia ser omitida, entretanto pode-se levantar a hipótese de que ela esteve presente para asseverar que a referência seria compreendida pelo leitor e para reforçar a “reivindicação” de Zuckerberg.

(10) As desvantagens de ser invisível: como é a discriminação de pessoas trans nos EUA, onde há pesquisa sobre tema (REVISTA GALILEU, n. 292, nov. 2015, p. 49).

Partindo agora para os enunciados em que há intertextualidade implícita, observamos no texto acima que o título da notícia nos remete ao filme “As vantagens de ser invisível” (*The Perks of Being a Wallflower*, 2012). Notamos, também, que há uma mudança no sentido original do enunciado, uma oposição entre “vantagem” e “desvantagem”, uma vez que, no contexto da notícia, a discriminação contra pessoas trans tem como uma das causas a invisibilização que tais pessoas sofrem perante a sociedade.

(11) Estrela da Morte dos mares: projeto da Marinha Britânica cria uma supermáquina de guerra (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 18).

Aqui a referência é feita à estação espacial “Estrela da Morte”, uma estação bélica com a capacidade de destruir um planeta inteiro e que faz parte do universo ficcional dos filmes Star Wars. Na revista, a estação é resignificada, ao receber o caracterizador “dos mares”: a supermáquina de guerra da Marinha Britânica é comparada à estação espacial no quesito poder de destruição. Vale ressaltar que o público que consome a revista é primordialmente jovem, interessado em ciência e tecnologia e que possivelmente tenha preferências por filmes de ficção científica, por isso o autor supõe que o intertexto seja de conhecimento do leitor.



(12) Revolução dos bichos: os personagens da Disney sempre foram fofos, mas a evolução no design é inegável, como mostra o filme Zootopia: essa cidade é o bicho, que estreia 18 de fevereiro (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 20).

“A revolução dos bichos” é um romance do escritor inglês George Orwell, publicado em 1945. George Orwell é bem conhecido no universo *nerd* pela obra “1984”, mas é comum que seus leitores também conheçam o livro referenciado na revista. Dessa forma, novamente temos um caso em que o autor analisa o público-alvo da revista e considera que esse público específico pode estar familiarizado com o intertexto, e, por isso, não é necessário explicitar sua origem.

(13) De volta para o passado: número de caso de sífilis triplica nos anos 2000 graças a falta de cuidado com prevenção (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 35).

Aqui temos uma referência ao filme “De volta para o futuro” (*Back to the future*, 1985), muito famoso entre os fãs de ficção científica. No enunciado da revista, seu sentido original é modificado, já que o título passa a ser “De volta para o passado”, fazendo-se a alusão de que no passado as taxas de casos de sífilis eram muito altas e que, agora, como elas voltaram a aumentar, estaríamos de volta a esse passado de poucos cuidados com a saúde.

(14) Tá tranquilo, tá favorável: ciência e soluções estão em alta: crise não quebrou as pernas das *startups* nacionais de tecnologia, como a 99Taxis (REVISTA GALILEU, n. 299, jun. 2016, p. 16).

Nesse último texto, o intertexto é o título da música “Tá tranquilo, tá favorável”, do Mc Bin Laden, uma música que estava muito em alta no período do lançamento dessa edição da revista. Aqui o intertexto não é modificado, seu sentido é mantido, uma vez que a relação que se estabelece é que, ao contrário do que se esperava, a crise econômica no Brasil não afetou as *startups* nacionais de tecnologia, por isso, para essas empresas, a situação está “tranquila e favorável”.

## Conclusão



Após o gesto de analisar os 14 textos selecionados para este trabalho, observamos que o recurso da intertextualidade está muito presente na Revista Galileu nas edições analisadas, sendo que os textos retomados por meio desse recurso são de dois tipos: provérbios, ditados ou expressões populares; e textos que se caracterizam por serem falas de grandes figuras históricas, músicas, filmes etc.

Sobre os textos do primeiro tipo, constatamos que eles aparecem de forma implícita em todos os enunciados do *corpus* analisado. Isso porque, como tais expressões são de conhecimento geral dos membros de determinadas comunidades, é mais provável que eles as conheçam, não havendo a necessidade de usar expressões como “segundo o ditado popular”, “como diziam os antigos” etc.

Já no que concerne aos intertextos referentes a músicas, filmes etc., o que observamos é que a intertextualidade se deu implicitamente ou explicitamente, de acordo com os propósitos comunicativos do autor. Ele pôde ter explicitado a origem do intertexto tanto porque considerou que seus leitores não fossem capazes de recuperar a referência realizada, como para fazer algum tipo de comparação ou ressaltar determinada informação. Já nos textos que apresentam intertextualidade implícita, o que se nota é que os textos retomados foram aqueles que o autor possivelmente avaliou como pertencentes ao conhecimento prévio do leitores que compõem o público-alvo da revista (jovens interessados em ciência, tecnologia e atualidades), como filmes de ficção científica, livros do universo *nerd* e músicas que estão em alta naquela situação comunicativa.

Consideramos que o recurso da intertextualidade, nos casos analisados, possui algumas finalidades: chamar a atenção do leitor da revista para a notícia, uma vez que o jogo com o intertexto torna o enunciado atrativo, interessante, e gera curiosidade no leitor; dar à notícia um tom mais relaxado, às vezes de humor, deixando a linguagem da revista mais descontraída; e, por fim, tentar aproximar o leitor do que está sendo noticiado, trazendo as vivências do cotidiano dos leitores para dentro da revista, com o intuito de quebrar a distância que normalmente se coloca entre a ciência e o dia a dia das pessoas.

Considerando a lógica mercadológica em que a Revista Galileu produz seus textos, na qual se objetiva a venda de exemplares, não podemos deixar de comentar que a intertextualidade funciona no sentido de fortalecer a argumentação, visto que os diálogos intertextuais são recursos a partir dos quais se intenciona convencer o leitor a aderir ao mesmo ponto de vista da revista. Além disso, o uso de referências ligadas ao universo *pop* (filmes,

músicas, figuras públicas) também são facilmente reconhecidas pelos leitores e criam um efeito de proximidade com o público-alvo da revista.

Dessa forma, a intertextualidade, além de se constituir como fundamental na produção de sentidos, pode ser vista como um recurso argumentativo, que contribui para que um dizer produza certos efeitos e não outros. Também salientamos que o diálogo intertextual, em alguns casos, pode subverter o texto-fonte, e, em outros, pode ratificar a pretensa produção de um dado sentido. Nesse sentido, acreditamos que compreender a relação entre o texto-fonte e outros sentidos que esse texto pode ganhar é uma prática sedutora e instigante na leitura.

Assim, apontamos para a necessidade do trabalho com a intertextualidade em sala de aula, não como um mero reconhecimento e exercício de classificação, mas como processo no qual precisamos ouvir os diálogos que ressoam entre os textos, dar escuta a outros sentidos produzidos nesse encontro de vozes, compreender a intenção na retomada de um intertexto; enfim, dar visibilidade à intertextualidade como fator constitutivo e fundante da produção dos sentidos.

## Referências

- ABREU, L. N.; MASSI, L.; QUEIROZ, S. L. *Textos de divulgação científica no ensino superior de química*. s/d. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/download/37695/28866>>. Acesso em 11 out. 2016.
- ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São. Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003
- KOCH, I. G.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. E (org.) *O ensino da leitura e produção textual*. Pelotas: Educat, 1999.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n3/a02v10n3>>. Acesso em 11 out. 2016.
- PACHECO, C. G. As metáforas no jornalismo científico: análise das revistas Superinteressante e Galileu. *Revista Eletrônica Temática*. 19 ago. 2008. Disponível em <[www.insite.pro.br/2008/23.pdf](http://www.insite.pro.br/2008/23.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2016.

## Periódicos

REVISTA GALILEU. *A oitava maravilha*. São Paulo, Globo, n. 294, p. 25, jan. 2016.





- REVISTA GALILEU. *Apressado come sal*. São Paulo, Globo, n. 292, p. 32, nov. 2015.
- REVISTA GALILEU. *As desvantagens de ser invisível*. São Paulo, Globo, n. 292, p. 49, nov. 2015.
- REVISTA GALILEU. *Atenção, senhores passageiros*. São Paulo: Globo n. 295, p. 13, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Caminhos das Índias*. São Paulo, Globo, n. 292, p. 27, nov. 2015.
- REVISTA GALILEU. *De volta para a o passado*. São Paulo, Globo, n. 295, p. 35, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Estrela da Morte dos mares*. São Paulo, Globo, n. 295, p. 18, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *O amanhã a nós pertence*. São Paulo, Globo, n. 293, p. 70-71, dez. 2015).
- REVISTA GALILEU. *O Estado sou eu*. São Paulo, Globo, n. 298, p. 8-9, mai. 2016.
- REVISTA GALILEU. *O sol arde para todos*. São Paulo, Globo, n. 294, p. 32, jan. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Revolução dos bichos*. São Paulo, Globo, n. 295, p. 20, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Sua ligação é muito importante para nós*. São Paulo, Globo, n. 294, p. 19, jan. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Tá tranquilo, tá favorável*. São Paulo, Globo, n. 299, p. 16 jun. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Todos os dias são do caçador*. São Paulo, Globo, n. 294, p 69, jan. 2016.

**Recebido em: 15/06/2017**

**Aceito em: 18/11/2017**

## A LEITURA ESCOLAR: O DESPERTAR DE NOVOS LEITORES

### THE SCHOOL READING: THE AWAKENING OF NEW READERS

Eunice Prudenciano De Souza\*

Karina Torres Machado\*\*

**RESUMO:** A presente pesquisa-ação apresenta uma alternativa metodológica como prática de ensino para a inserção do texto literário nas séries do Ensino Fundamental II, do Estado de São Paulo, Brasil, visando uma prática pautada no e pelo texto literário em si. Utilizamos o método semiológico, elaborado por Bordini e Aguiar (1993), como alternativa para a abordagem do texto literário em sala de aula, assim como dos conceitos de escolarização, de Soares (2006), de leitura literária na escola, de Lajolo (2001, 2002) e de Zilberman (1982), para refletir sobre práticas que flexibilizem o currículo e contribuam para a formação leitora e humanística, despertando o prazer pelo texto literário. Utilizamos como *corpus* e base literária desta pesquisa-ação a obra contística do escritor mineiro Luiz Vilela, inclusa em antologias destinadas ao público infanto-juvenil, para a promoção, construção, reconstrução e ampliação de horizontes de expectativas dos discentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escolarização; Formação de leitores; Luiz Vilela.

**ABSTRACT:** *The present action research presents a methodological alternative as a teaching practice for the insertion of the literary text in the series of Elementary School II, of the State of São Paulo, Brazil, aiming at a practice based on and by the literary text by himself. We will use the semiotic method, developed by Bordini and Aguiar (1993), as an alternative to the literary text approach in the classroom, as well as the schooling concepts by Soares (2006), of literary reading in school, by Lajolo (2001 - 2002) and by Zilberman (1982), to reflect on practices that become the curriculum more flexible and contribute to a humanistic and reader formation, arousing the pleasure by the literary text. We used as corpus and literary basis of this action research the writer Luiz Vilela's short stories, included in anthologies direct to children and teenagers, for the promotion, construction, reconstruction and increase of students' horizons of expectations.*

**KEYWORDS:** *Schooling; Training of readers; Luiz Vilela.*

#### Introdução

Este trabalho é o relato de uma pesquisa-ação realizada com o objetivo de estudar alternativas metodológicas que contribuam para uma prática mais engajada de literatura no Ensino Fundamental II, na rede Estadual do Estado de São Paulo, visto que os textos literários são pouco explorados nessas séries e que, quando estudados, são analisados com outros objetivos, que não os da apreensão da especificidade do literário.

---

\* Bolsista de Pós-Doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – *Campus* de Três Lagoas (2014-2019), onde atua como professora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa de Historiografia Literária: recepção e crítica. Doutora (2010) e Mestre (2004) em Estudos Literários pela UNESP (Universidade Estadual Paulista) de Araraquara

\*\* Mestre em Letramentos e Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três de Lagoas – UFMS.

O trabalho com obras literárias nas quatro séries do Ensino Fundamental II contribui para o enriquecimento do repertório literário, oral e escrito dos alunos, ao mesmo tempo em que desenvolve algumas habilidades importantes como a apreensão do implícito e do subjetivo, os modos de dizer próprios de cada autor, a capacidade de ler as diversas camadas do texto, a apreensão de sensações distintas pelos encontros sonoros, dentre outras formas de ampliar a compreensão dos sentidos do texto. No momento em que esse aluno chegar ao Ensino Médio, ele terá desenvolvido habilidades que lhe permitirão o desvendamento de obras literárias mais complexas, assim como será proficiente enquanto leitor.

O termo pesquisa-ação é baseado na teoria postulada por Thiollent (2007), em *Metodologia da pesquisa-ação* e, por ele definido como sendo “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concedida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes [...] estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2007, p. 16), enfatizando que a proposta não considera os grupos estudados como limitados ou desprovidos de interesse em aprender.

O autor argumenta ainda que “um dos principais objetivos dessa proposta consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sobre forma de diretrizes de ação transformadora” (THIOLLENT, 2007, p. 10), acrescentando que os procedimentos “a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação no qual os participantes tenham voz e vez.” (idem, *ibidem*).

O *corpus* literário dessa pesquisa-ação pauta-se na obra contística de Luiz Vilela, como suporte literário que propiciará a utilização dos métodos propostos por Bordini e Aguiar (1993), em *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas*, baseados nos conceitos de escolarização, postulados por Soares (2006), e de leitura literária no contexto escolar, de Lajolo (2001, 2002) e Zilberman (1982), a fim de resgatar o prazer pela leitura dos alunos.

Como abordagem teórica selecionamos o método semiológico<sup>12</sup>, visto que seu uso salienta a necessidade de inserção do texto literário nas séries do Ensino Fundamental II e a importância do planejamento do professor para questionar o ensino centrado no uso

---

<sup>12</sup> Em *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas*, Bordini e Aguiar (1993) propõem cinco métodos: científico, criativo, recepcional, comunicacional e semiológico, dos quais relatamos a aplicação do método semiológico.



sistemático do livro didático ou nas atividades repetitivas e pouco criativas do *Caderno do Aluno*<sup>13</sup>.

A utilização dessa metodologia de ensino visa, assim, apresentar aos alunos o texto literário como ferramenta que propicia a ruptura e a flexibilização do atual currículo do Estado de São Paulo por promover uma prática mais centrada nas necessidades dos discentes. O planejamento do método, a partir dos contos de Luiz Vilela e dos conteúdos propostos pelo currículo do Estado, busca trabalhar com os discentes a importância da leitura em sua formação pessoal, social e acadêmica, desconstruindo algumas banalidades que a cercam no contexto educacional, atribuindo-lhe significados a fim de observarem que o sentido do texto é dialógico e ilimitado, por se construir na e pela interlocução entre leitor e autor.

A aplicação do projeto buscou diminuir a estratificação do sistema pedagógico vigente, desvencilhando, ao menos no âmbito desta atividade, a descontextualização da imposição de propósitos preestabelecidos para o ensino, como prevê a Proposta Curricular do Estado de São Paulo, para o ensino de língua portuguesa do 8º ano, centrada no estudo e na análise, durante o ano letivo, da tipologia prescritiva, com ênfase no anúncio publicitário. Cada “Situação de Aprendizagem”, como são chamados os capítulos do *Caderno do Aluno*, explicita e reitera o mesmo conceito da tipologia textual, prescrita para o bimestre, por meio de gêneros textuais trabalhados exaustivamente, mesclando conceitos de gramática e produção escrita, para o desenvolvimento do tema proposto pela respectiva Situação.

O texto literário – quando aparece – é utilizado como ferramenta para o ensino de gramática, dos gêneros ou de interpretação. Por isso, na tentativa de transformar esse aprendizado, o planejamento do método semiológico constitui uma alternativa para posturas diferenciadas e práticas que visualizem no texto, particularmente no literário, o caminho que auxiliará os alunos a se tornarem interlocutores e, por meio da reformulação argumentativa, a adotarem uma postura crítica frente ao texto e ao contexto posto.

Dessa maneira, a elaboração da alternativa metodológica visa apresentar, por meio da mediação docente, uma escolarização mais real e significativa para os alunos. Na visão de Cosson (2014a, p. 55), “crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras mais complexas”. Portanto, cabe ao professor atuar como mediador do processo de ensino-aprendizagem e possibilitar ao aluno um aprofundamento de suas leituras, visto que é o

---

<sup>13</sup> Material apostilado, disponibilizado pelo Governo do Estado de São Paulo a todos os estudantes da rede, dividido em dois volumes semestrais por disciplina. O respectivo material privilegia os gêneros textuais, em geral, em detrimento do texto literário.



professor o elemento que pode, a partir do seu querer, reverter os pré-conceitos difundidos e disseminados na unidade escolar, promovendo práticas planejadas e engajadas para motivar os alunos.

Para tanto, duas medidas são imprescindíveis, a nosso ver, nessa prática: que esses profissionais sejam leitores e que tenham discernimento na escolha do material que utilizarão para tal finalidade, fundamentando-se “em estudos sobre a importância da leitura, sobre os mediadores de leitura e também sobre a compreensão do que seja leitura” (BORTOLIN, 2001, p. 20), pois

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para o aluno, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. (LAJOLO, 1982, p. 53).

Para que o professor forme leitores, ele precisa ser, antes de tudo, um bom leitor, um apaixonado pela literatura, pois “a literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, 2011, p. 84). Se os professores forem leitores assíduos, eles também serão capazes de selecionar livros que “estimulem a crítica, a contestação e a transformação – elementos estes que colocam em risco a estrutura social vigente e, portanto, o regime de privilégios” (SILVA, 2006, p. 40). Esses são os pré-requisitos essenciais para que o docente tenha objetividade e clareza em sua prática e conquiste a cumplicidade sincera e enriquecedora dos alunos. Contudo, ressaltamos que não é pela exclusão de um conteúdo ou “Situação de Aprendizagem” em defesa de outro, ou vice-versa, que os entraves educacionais referentes à leitura serão resolvidos, mas sim pelo entrelaçamento dos aspectos que constituem tais propostas, vivificados em um ensino real e próximo às carências dos alunos, que novos caminhos poderão ser delineados.

A aplicação da alternativa metodológica semiológica de ensino foi planejada para estimular uma vivência singular com a obra, que visasse “o enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual” (ZILBERMAN, 1982, p. 21), que repercutirá em uma nova aliança educacional democrática, sem hierarquias, em que aluno e professor se tornem coparticipantes das atividades.

A leitura dos contos literários, prezada pela teoria que a embasa, foi utilizada para



recuperar a função lúdica do ato de ler, por promover o enriquecimento das trocas comunicativas ao compartilhar as experiências. Isto ocorreu porque a prática da pesquisa-ação possibilita a produção de “[...] informações e conhecimentos de uso mais efetivo”, contribuindo para “o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos da ação pedagógica e de transformações mais abrangentes” (THIOLLENT, 2007, p. 81).

Desse modo, compete à instituição escolar conceber a leitura de literatura como modelo de desvelamento do mundo, preservando essas relações e dando sentido a elas “[...] e, se a escola não pode absorvê-las por inteiro, igualmente não pode ser o lugar onde elas se rompem em definitivo, sob pena de arriscar sua missão e prejudicar, irremediavelmente, o ser humano a quem se diz servir” (ZILBERMAN, 1982, p. 20).

O trabalho literário baseado em alternativas metodológicas, teoricamente fundamentadas, oportuniza ao aluno ser protagonista do ensino, emancipar-se por conceber o texto literário como fonte para suas inquietações e realizações comportamentais e sociais. Possibilita um ser-estar no mundo reflexivo e crítico, visto que esse aluno se torna capaz de relacionar os conhecimentos apreendidos, atribuir significados aos conhecimentos pré-existentes e ampliar suas percepções metacognitivas no processo de internalização do conhecimento, e não mais somente em seu simples armazenamento.

## **2 O método semiológico: apresentação e análise**

A inserção do método semiológico em sala de aula teve por objetivo promover a oportunidade de o aluno portar-se como sujeito social e analisar as ideologias observadas por ele em relação à leitura literária na comunidade escolar. Para isso, os contos “Professor de inglês” e “Aprendizado”, de Luiz Vilela, foram utilizados como base literária capaz de evidenciar, questionar e verificar os contextos culturais diversificados de leitura da realidade escolar em análise. Nesse diálogo entre o ensino e a aprendizagem, o professor mediador instiga os alunos a criarem hipóteses para que apresentem, por meio dos relatos, entrevistas e pesquisas feitas, a realidade vivida e encontrada por ele sobre a leitura literária da unidade escolar.

Práticas como essa, oportunizam ao professor o conhecimento de como o aluno pensa e servem como pontes profícuas para o desenvolvimento de abordagens mais reais e significativas para o aprendizado do estudante, visto que promovem um diálogo entre os

sujeitos de ensino e permitem ao aluno refletir, repensar seus esquemas mentais e portar-se como ser transformador de suas ações e, conseqüentemente, de sua vida.

O uso de alternativas diferenciadas, como o método semiológico, permite aos estudantes entrarem em contato com novas percepções da realidade em estudo, por conter atividades em grupo, debates, oralidade a fim de investigar a situação problema, tida pelos alunos como um desafio a ser solucionado. Além disso, a motivação da postura protagonista, aliada à leitura de textos literários, permite ao estudante ampliar seu conhecimento linguístico, semântico e cultural, uma vez que ele é instigado a ler, criar paráfrases, elaborar paródias, fazer um uso intertextual e metalinguístico contínuo, ampliando seu repertório cultural.

A autonomia conquistada pela atividade oportuniza ao aluno uma compreensão significativa dos pressupostos e subentendidos do texto, bem como uma atitude de reformulação e reconstrução das relações sociais e culturais trazidas por ele em seu processo de socialização. Por fim, o trabalho com o método semiológico gera a emancipação do sujeito frente às hipóteses constatadas, verificadas e questionadas por ele, interagindo realidade, leitor e texto na mesma esfera comunicacional.

Como foi mencionado, o método semiológico foi planejado e elaborado a partir dos pressupostos do parâmetro curricular que prevê, para o 8º ano, o trabalho com o gênero anúncio publicitário como uma forma possível de dinamizar as aulas e possibilitar o contato com o literário, despertando o prazer e a concepção da importância da leitura nos alunos.

O método semiológico centra-se na linguagem e em seu uso social a fim de propiciar ao estudante o contato com novos títulos, novos textos literários, que não os clássicos consagrados pela literatura mundial. Tal metodologia tem por objetivo “transformar a aprendizagem numa prática cotidiana de intercâmbio e coexistência de valores diferenciados, que elegem a linguagem literária ou outras linguagens como veículo de circulação.” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 132), oferecendo aos alunos condições de observar e refletir a realidade que os circunda.

Assim, o objetivo de inserir essa alternativa metodológica, que contempla o texto literário contextualizado com o currículo do Estado, visou preconizar nos alunos, além do contato com a literatura, com o mundo da escrita e dos sentidos, uma leitura interativa em que “leitor e autor se aproximam por meio do texto” (BRITO, 2001, p. 22), possibilitando ao primeiro realizar “[...] um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir do seu projeto de leitura, do seu conhecimento prévio sobre o assunto e/ou sobre o autor.” (BRITO, 2001, p. 22).



Essas ações salientam uma visão de texto e de leitura como “[...] uma atividade essencialmente preditiva, de formulação de hipóteses, para qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento linguístico, conceitual e sua experiência” (BRITO, 2001, p. 26) para apreender os sentidos do texto, pois só assim o literário poderá ser visto pelos alunos como arte. Desse modo, cabem ao professor e à unidade escolar atuarem em prol da diversificação da proposta curricular, mas ambos precisam estar habilitados para capacitar o aluno na adequação das estratégias apreendidas para a construção de hipóteses, fornecendo “condições para que se estabeleça a interlocução.” (KLEIMAN, 1989, p. 40).

O método semiológico baseia-se na teoria semiológica bakhtiniana que observa as práticas linguísticas “não na neutralidade de um sistema ideal, mas dentro de contexto social concreto que tem existência.” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 133). Seu uso propõe, portanto, um ensino que conduz o aluno a reconhecer, além da ideologia, os implícitos transmitidos pelos textos a fim de portar-se como sujeito ativo, analisando as manifestações linguísticas de maneira mais crítica e menos pacífica, compreendendo, por meio da leitura, a intenção do signo veiculado por aquela obra dentro de seu uso social, estando, para isto, atento aos níveis de sentidos dos textos e ampliando sua capacidade de ler o mundo.

Para a realização do método, os alunos fizeram a produção de vários textos, como entrevistas, resenhas, resumos, descrições, dentre outros, a fim de examinar o valor e o espaço concedido à leitura no ambiente escolar. Apresentados os objetivos e a temática da atividade, os alunos dividiram-se em grupos para a coleta de dados, entrevistando diversos profissionais da comunidade escolar para verificarem a concepção e a importância que a leitura tinha na vida desses entrevistados em suas vidas. Com essa sondagem inicial, os discentes refletiram sobre o papel da leitura na vida da unidade escolar. Os alunos ficaram surpresos ao constatarem que alguns desses profissionais atribuíam pouca relevância à leitura, dada a pouca quantidade de livros lidos nos últimos tempos.

Ao término das entrevistas, os alunos fizeram resumos, análises, apresentações e explicações, selecionaram o material que faria parte do jornal e depois leram os contos “Professor de inglês”, de Luiz Vilela (1999), e “Aprendizado”, de Luiz Vilela (1996), para finalmente produzirem o jornal em que se abordasse a discussão e a ampliação dos conhecimentos sobre o projeto “A leitura na comunidade escolar”.

Ao término da pesquisa, os alunos reuniram-se e elaboraram um relatório com os resultados obtidos e expuseram-no oralmente ao restante da turma. Em forma de debate, selecionaram, por meio de votação, quais dos resultados obtidos comporiam a matéria



jornalística que fariam como atividade final do projeto. Depois de selecionado parte do material, os alunos foram questionados sobre como a escola incentiva à leitura e quais os meios mais recorrentes utilizados por professores e funcionários para o acesso à leitura. Em seguida, eles realizaram a leitura individualizada dos contos para a constatação, ampliação e reconstrução da realidade, por meio da reflexão proporcionada pelas várias etapas da aplicação do método.

O conto “Professor de inglês” tem como temática a realidade de uma sala de aula, em que o ato de leitura e as relações de poder são impostas pelo sistema educacional. Como figura representativa desse sistema, temos o professor de inglês, Godofredo, uma pessoa autoritária, que responde grosseiramente aos alunos, ameaçando-os com notas baixas e com a possibilidade de reprovação. Godofredo não chama os alunos pelo nome, mas sim pelos números correspondentes da lista de chamada, evidenciando o valor quantitativo do sistema educacional. O seu “saber dar aula” resume-se à estruturação e à repetição da mesma técnica: ler e tomar a leitura, o que leva a atividade a ser vista, pelos alunos, com repúdio, e, pelo professor, como um método para se adquirir fluência em inglês e, ao mesmo tempo, manter a classe em ordem. Godofredo, figura representativa do comportamento de muitos docentes, despreza o efeito artístico a ser transmitido pelo texto, visto que o mais importante era constatar se os alunos tinham estudado a lição e sabiam pronunciar as palavras corretamente. Essas atitudes evidenciam o questionamento e a crítica feita pelo autor, Luiz Vilela, sobre como a promoção da leitura é realizada pelo sistema educacional.

No conto, a ação do professor faz com que o aluno Carlos, ao assistir à sua primeira aula, aterrorize-se com a forma de ser, de se portar e de lecionar de Godofredo, o que lhe provoca um sentimento de insatisfação com o espaço escolar. Isso causará um abalo na formação leitora de Carlos, uma sensação de solidão por não poder interagir e dialogar, que o conduz à compreensão por meio de um caminho “espinhoso e melancólico [...] a constatação das perdas que o tempo acarreta ao ser humano” (MAJADAS, 2000, p. 65). A experiência traumática provoca o amadurecimento do aprendiz, que, a duras penas, começa a perceber as dificuldades futuras pelas quais terá de passar.

O conto “Aprendizado” (VILELA, 1996) narra a história de Eduardo, aluno que tirou nota máxima na redação e recebeu elogios do professor. Orgulhoso de si, o menino só pensa em chegar em casa e mostrar aos pais a folha redigida com “um dez grande, escrito com tinta vermelha, seguido de um ponto de exclamação” (VILELA, 1996, p. 26). Tanta euforia provoca a inveja de Jordão e Grilo, que pedem para ver a redação escrita por ele. Sentindo-se



ameaçado por esses colegas, Eduardo diz que a levaria ao colégio no dia seguinte, pois estava com pressa. Jordão e Grilo utilizam-se de vários subterfúgios para conseguir a redação e, depois de muito importunar Eduardo, rasgam-na. Este, enfurecido, dá um murro em Jordão, que conta com a ajuda de seu amigo Grilo para se levantar e se aproximar com os punhos fechados, ensinando uma lição a Eduardo.

Depois da leitura dos dois contos comentados, a turma foi instigada a escrever uma nova história, utilizando-se de fatos retirados do cotidiano, para parodiar as situações ficcionalizadas, que visaram fomentar o protagonismo consciente e questionador dos alunos. As paródias produzidas apresentaram claramente uma proposta de sentido, pois a leitura das produções feitas por eles nos permitiu diferenciar o que e a quem eles dizem, assim como as razões do seu dizer e os mecanismos linguísticos utilizados.

O perceptível cuidado com a seleção semântica e a escolha vocabular foi gerado pela motivação do texto em seu contexto real de enunciação, tornando possível a concretização da produção textual, visto que os aprendizes encontraram, na temática abordada pelos contos lidos, situações estritamente ligadas ao seu dia a dia. A respectiva abordagem produziu nos alunos a percepção de que a literatura nos ajuda a entender melhor o mundo e as relações ao nosso redor, e, de algum modo, motivou a realização da atividade proposta por ter uma razão de ser e um sentido estreitamente ligados às vivências dos discentes.

Uma das paródias recriou os desastres cometidos por alguns alunos no primeiro dia de aula, causando riso e desestabilizando a ordem, e, simultaneamente, despertando a familiaridade dos outros alunos com a temática a ser revelada e denunciada: a problemática existente nas relações escolares. A criação de uma situação corriqueira e, ao mesmo tempo, carnavalesca, promoveu a intertextualidade com o conto lido, evidenciando a sua percepção do contexto real do qual faz parte, em que o riso reitera uma crítica que não é feita a um indivíduo ou outro especificamente, mas ao grupo. Desta forma, o aluno tece, por meio de elementos textuais semânticos, uma crítica às situações vivenciadas no ambiente escolar, com a intenção de destruí-las “pela sátira [que] renasce através do riso e age de forma positiva” (BAKHTIN, 1979, p. 23): criticar e desvendar a ideologia detectada, como forma de superá-la.

As atividades produzidas pelos alunos apontam a consciência reflexiva da realidade externalizada pelo conto e vivida por eles enquanto alunos, uma vez que criaram em suas paródias personagens carnavaalizadas, enfrentando peripécias, em seu primeiro dia de aula, desestabilizando e subvertendo a ordem instituída pelo professor.



Os textos produzidos pelos alunos serviram como metáforas às razões que o levaram a escrever, demonstrando uma análise crítica de seu contexto escolar pela reprodução das falas do professor e da diretora, que revelaram e denunciaram os processos culturais e as relações estabelecidas pelos sujeitos no ambiente escolar. A presença dos vocábulos “quirida”, “mudei”, “me respeita”, “graça”, “colaborou”, nas produções textuais demonstrou a construção de um posicionamento crítico do aluno perante certos comportamentos da instituição escolar. Tal postura nos leva ao

reconhecimento da dimensão política da leitura [...] e através dela pode-se tanto reproduzir a ideologia dominante quanto elaborar e reelaborar um conhecimento de mundo que permita ao sujeito, enquanto ser social, a crítica da própria sociedade em que está inserido, bem como da sua própria condição de existência (BRITO, 2006, p. 89).

Pudemos perceber, pelo trabalho produzido, que as leituras realizadas e as várias etapas da aplicação do método semiológico contribuíram para a formação de um sujeito mais consciente de seu entorno. As ações e atitudes dos docentes, reproduzidas nos textos dos alunos, são caminhos para expor suas volições por novas mudanças, por isso estigmatizam-nas, criticam-nas, para, em seguida, mostrarem, por meio das criações textuais, seus próprios desejos – de uma aula mais interativa, com leituras diferenciadas, não limitadas à arguição, como fazia o professor de inglês do conto.

As descobertas dos alunos e suas percepções sobre a realidade só foram possíveis devido ao planejamento e à aplicação da alternativa metodológica. A leitura individual e a escolha do material, baseados nas reais necessidades da turma, favoreceram a “percepção da estrutura do texto, a inferência do tom, a intenção, a atitude do autor que explicita os processos de compreensão desencadeados num momento da leitura.” (RANGEL, 2005, p. 18). É importante destacar que a sondagem inicial é essencial para que o docente perceba as reais necessidades da sala e, assim, selecione textos que, de algum modo, tenham sentido em suas vivências, despertando a reflexão e o gosto pela leitura.

A alternativa metodológica aplicada em sala de aula, aliada à obra literária selecionada, rompeu os horizontes de expectativas dos alunos, ao possibilitar que refletissem e questionassem a prática de leitura feita pela escola e as relações que se originam desta atividade. Esse processo denota uma abordagem do ensino literário menos estruturalista, que leva em consideração a experiência de vida, a história e a prática linguística dos alunos.

O trabalho trouxe à situação de ensino-aprendizagem uma nova ordem, através do

contato livre e familiar entre os sujeitos, expresso inicialmente pela mudança de atitude dos alunos e, em seguida, do professor, colocando ambos como elementos fundamentais de um sistema, em que o docente pode propor novas iniciativas em prol de um ensino mais significativo, focado em ações colaborativas.

A aproximação dos textos utilizados na atividade, juntamente com a produção escrita dos alunos, possibilitou observar que, por meio do intertexto, “o leitor solidifica e amplia o conhecimento da sua cultura e da relação que ela mantém com outras, tornando-se ele mesmo parte desse diálogo que, como já sabemos, é em última análise, a própria leitura.” (COSSON, 2014, p. 63).

Ao final do processo, os alunos produziram um jornal, síntese do trabalho realizado com o texto literário e a sondagem da importância da leitura na comunidade escolar, aliado à realização social e comunicativa do anúncio publicitário utilizado, gênero textual proposto pelos PCNs e pela “Situação de Aprendizagem” do caderno do aluno da respectiva série.

Nesse sentido, a confecção de um jornal, como produto final, mostrou ser um modo eficaz de proporcionar ao aluno o contato e a reflexão sobre a variedade dos gêneros discursivos. Com o respectivo projeto, propiciou-se uma aprendizagem mais real e significativa, fazendo da escola um espaço sociointerativo de conhecimento por fomentar práticas pedagógicas diversificadas, que propaguem um bom relacionamento entre seus pares, fortalecendo-os para a promoção de ensino mais vivo, dinâmico, interacionista, com foco no desenvolvimento cognitivo e construtivo de seus estudantes.

Os trabalhos, materializados nas atividades apresentadas e no jornal, salientaram os ganhos significativos que a escolarização da leitura literária teve, revelando a atitude criativa e sócio-comunicativa dos alunos, como sujeitos históricos e atuantes em sua realidade, que, por meio dos diversos gêneros textuais abordados e do contato com o texto literário, ganharam e impuseram suas vozes.

O projeto salientou a importância da realização de atividades mais reais no currículo, em que os alunos possam figurar como protagonistas do ensino-aprendizagem, introduzindo ideias e conceitos, argumentando e defendendo seu ponto de vista, interagindo, socializando e divulgando experiências, fazendo da sala de aula um ambiente mais acolhedor e humanístico, promovendo um ensino mais qualitativo. Para lograr tais ações foi preciso que o professor, mediador do processo educacional, não perpetuasse o ensino sem “qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 76), mas sim, fornecesse ao discente alternativas em que ele pudesse “enxergar por si próprio e à sua

maneira, as relações entre meios e métodos empregados [...]” (SCHÖN, 1959, p. 25).

As ideias, veiculadas pelas produções textuais do jornal, demonstraram a ampliação dos horizontes de expectativas dos alunos, como resultado da aplicação da alternativa metodológica, ao longo do ano letivo. Percebeu-se que a leitura literária pode servir como “porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem, permanecendo no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um” (LAJOLO, 2001, p. 44 – 45).

### **Considerações finais**

O letramento literário contribui para a diminuição das diferenças sociais, já que possibilita a todos saber que a “leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 2011, p. 30), ou seja, a leitura do texto literário é necessária ao homem, pois dá sentido ao mundo e a ele mesmo. Acreditamos que a mudança de atitude ainda reside na figura do professor, que, utilizando de sua autonomia, pode propiciar aos alunos uma proposta diversificada que atenda aos objetivos esperados pela turma.

Deste modo, para o êxito no ensino de literatura, em primeiro lugar, é essencial que os próprios profissionais internalizem a importância da leitura para que possam ser capazes de despertar o prazer e o gosto por essa atividade, pois só quem sente prazer com a leitura literária é capaz de despertar este sentimento em seus aprendizes. Em segundo lugar, são necessárias ações que pressuponham trabalho e planejamento, baseados em alternativas metodológicas que propiciem uma prática transformadora e enriquecedora, conciliando o discernimento da atividade e da seleção literária com a mediação do professor. Não basta possibilitar o contato com o livro, é preciso mediar a descoberta de seus sentidos. Nesse sentido, a utilização de um dos métodos utilizados por Bordini e Aguiar, (1993), em *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas*, mostrou-se bastante eficaz. Os métodos propostos, na referida obra, fazem parte de uma pesquisa realizada na década de 90, contudo, podemos afirmar que continuam válidos. Pudemos constatar que as dificuldades encontradas pelas autoras na época não sofreram grandes alterações e a melhor forma de se promover o gosto pela leitura literária continua sendo a escolha de textos literários adequados à realidade de cada turma, aliada a planejamentos e métodos eficazes.

A pesquisa-ação desenvolvida mostrou a importância da inserção do texto literário, como forma de escolarização dos conteúdos postulados pelos PCN's, ao elucidar como é possível flexibilizar a prática docente por meio da reflexão e do planejamento do ensino, dentro da esfera da transversalidade, que permeia os gêneros discursivos, incluindo entre eles o gênero literário. As práticas desenvolvidas permitiram aos discentes, pelas técnicas, teorias e planejamentos utilizados, uma aprendizagem e um ensino mais efetivo, com a imersão em um ambiente de letramento, que, segundo Mortatti, “é uma questão de cidadania, promovendo a integração entre escola e sociedade e estabelecendo relação com a realidade do alunado em questão” (2004, p. 107). Tal postura rompe com a estrutura tradicionalista de escola, ao mostrar que é possível trabalhar com o gênero literário no ensino fundamental, desde que faça sentido para o aprendizado e a vivência do aluno, não sendo algo gratuito e descontextualizado.

Para o sucesso do processo, vale salientar a opção pelo gênero conto, elemento primordial deste projeto de leitura, por conter “la narratividad y la ficcionalidad, la extensión, la unidad de concepción y recepción, la intensidad de efecto, la economía, la condensación y el rigor” (PACHECO; LINARES, 2006, p. 149), elementos que motivaram os alunos a lerem o texto sem manifestar fastio ou descontentamento, pois, por abranger as mais variadas temáticas, o conto, funciona como uma espécie de “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária.” (BOSI, 1998, p. 31). Ainda, segundo Edgar Allan Poe, que teorizou sobre o conto, o gênero tem como um de seus componentes básicos sustentar o interesse do leitor, permitindo a leitura de uma única assentada, preservando, assim, a sua unidade de efeito. Fator fundamental para o sucesso do projeto, visto que a desastrosa leitura fragmentada de trechos de romances não permite a apreensão do todo. Por meio da narrativa breve, com um modo de dizer muito com poucas palavras, os contos de Luiz Vilela, estudados em sala, serviram para mostrar aos alunos os prazeres que podem advir da leitura de uma obra literária, assim como as descobertas e inquietações despertadas em nosso ser, graças à unidade de efeito construída pelo autor, capaz “de atuar no leitor como uma espécie de abertura [...] em direção a algo que vai muito além do argumento literário contido no conto” (CORTÁZAR, 2006, p. 152).

A leitura dos contos de Luiz Vilela, concomitante à prática dos métodos, demonstrou que a literatura é uma manifestação de práticas sociais relacionadas à necessidade de representação da realidade e que seu ensino pode desenvolver no aluno o “ingresso ao mundo da ilusão que se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita



uma visão de mundo” (CANDIDO, 1973, p. 65). Essa prática torna-se, assim, necessidade educacional em uma sociedade que não preza a cultura do livro, que não dissemina o contato com a leitura e que não propicia ao aluno o contato com o texto literário. Para isso, é necessário não apenas oferecer livros, mas mostrar como encontrar em suas páginas “respostas e alternativas para algumas questões que têm a ver com a concepção de sociedade, de educação, de linguagem, de leitura e de literatura pelas quais optamos” (MORTATTI, 1989, p. 27).

Para o sucesso do processo, é necessário que aluno e professor estabeleçam interação fundada no prazer, na livre interpretação e na liberdade que legitima o ato de ler, ou seja, em uma concepção da leitura literária como um fenômeno social, articulado e planejado a partir de seu funcionamento sócio-histórico, “a fim de formar um aluno/leitor não só para um vir-a-ser, mas para um aqui e agora, principalmente transformador” (MORTATTI, 1989, p. 43). Nesse paradigma, o aluno não é apenas sujeito passivo que recebe as orientações e concepções transmitidas pelo professor, mas é coautor da obra, pois foi convidado a inferir, refletir, julgar, dialogar com o texto lido.

## Referências:

- BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BORTOLIN, Sueli. *A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador*. Marília: UNESP, 2001.
- BOSI, Alfredo. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BRITO, Eliana Vianna. *PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula*. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: \_\_\_\_\_. EVANGELISTA, A. M.; BRANDÃO, H. M. B; MACHADO, M.Z. (Orgs.) *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Ede. Nacional, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12. ed. Revisada e ampliada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro dobre azul, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: \_\_\_\_\_. *Valise de cronópio*. Trad. e org. Davi Arrigucci Junior e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014b.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KLEIMAN, Ângela. *Leitura: Ensino e Pesquisa*. São Paulo: Pontes, 1989.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.



- \_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura de mundo*. São Paulo: Ática, 2002.
- MORTATTI, Maria do Rosário. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.
- POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999.
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa /Coord. Maria Inês Fini*. – São Paulo: SEE, 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferência sobre leitura – trilogia pedagógica*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. e org. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Armed, 2000.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo. Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: \_\_\_\_\_. EVANGELISTA, A. M.; BRANDÃO, H. M. B; MACHADO, M.Z. (Orgs.) *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VILELA, Luiz. *Contos da Infância e da Adolescência*. São Paulo: Ática, 1996. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Tarde da Noite*. São Paulo: Vertente, 1970. 5.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

**Recebido em: 13/07/2017**

**Aceito em: 05/12/2017**





## SONHO E EMBRIAGUEZ: O DUPLO ESTÉTICO NIETZSCHIANO EM “VERDE LAGARTO AMARELO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

## DREAM AND DRUNKENNESS: THE AESTHETIC DOPPELGÄNGER IN LYGIA FAGUNDES TELLES'S "VERDE LAGARTO AMARELO"

Kelio Junior Santana Borges\*

Maria Zaira Turchi\*\*

**RESUMO:** Este trabalho promove uma análise crítica do conto “Verde lagarto amarelo”, de Lygia Fagundes Telles, texto em que será explorado o tema do duplo a partir da filosofia de Friedrich Nietzsche. A rivalidade entre os irmãos Eduardo e Rodolfo será estudada como uma projeção dos conceitos nietzschianos ligados àquilo que o filósofo chama de metafísica de artista, em que as imagens de Apolo e Dioniso simbolizam dois impulsos artísticos opostos, a saber: o sonho e a embriaguez. Nosso objetivo é expor uma concepção de duplo em que a divisão – ou cisão opositiva –, seja entendida como um método de representação de dois ideais artísticos bem distintos, mas que, apesar de opostos, se fazem complementares, distanciando-se da perspectiva dialética com que o tema do duplo tende a ser estudado e como habitualmente se faz representado literariamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Duplo; Apolíneo; Dionisíaco; Friedrich Nietzsche; Lygia F. Telles.

**ABSTRACT:** *This essay analyses Lygia Fagundes Telles's "Verde lagarto amarelo" [Yellow green lizard] in order to discuss the doppelgänger theme in this short story, according to Friedrich Nietzsche's philosophy. The rivalry between the brothers Eduardo and Rodolfo is studied as a projection of Nietzsche's concepts of artistic metaphysics, where the images of Apollo and Dionysus symbolize two distinct artistic impulses: the dream and the inebriation. This essay's main goal is to discuss a concept of the doppelgänger where the division - also known as opposed fission - can be understood as a method for the portrayal of two very distinct ideals. However, even though they appear to be opposites, these ideals complement each other, distancing from the dialectical perspective usually employed in the literary study of the doppelgänger.*

**KEYWORDS:** Friedrich Nietzsche; Apolinean; Dionisiac; Friedrich Nietzsche; Lygia F. Telles.

### Uma primeira duplicidade: a autora e sua obra

Personagens, enredos, estruturas estilísticas e temas recorrentes no universo ficcional de Lygia Fagundes Telles nos colocam diante de uma obra que retoma, em variadas formas e em diferentes tonalidades, a herança cultural mitológica grega. Retornar a esse universo

---

\* Doutorando no PPGLL da Universidade Federal de Goiás. Mestre (2009) em Letras e Linguística pela UFG. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia-IFG. Goiânia, Goiás, Brasil.(62) 99162-5146. Membro do projeto de pesquisa “Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao Redor do Mundo – RELPMUND (CNPq) e Bolsista CAPES - Doutorado-Sanduiche na Università degli Studi Roma Ter – Itália: juniorlit@hotmail.com

\*\* Doutora pelo Centre de Recherches Sur L’Imaginaire, Universidade de Grenoble/França. Professora Titular do PPGLL da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. zaira.turchi@gmail.com

mítico foi um recurso bastante comum no século XX. Fizeram isso grandes poetas e escritores que, como outros mestres do passado, encontraram no mito um dos fundamentos de sua expressividade artística, dentre eles podem ser citadas as figuras de Dante, Goethe, Shakespeare, Thomas Mann.

Acreditamos que, no interior dessa carga mitológica retomada por Lygia Fagundes Telles, a imagem de Dioniso desempenhe um papel de destaque, assumindo uma posição central em relação às demais figuras e temas míticos. O dionisíaco parece ser uma sombra que paira sobre toda a escrita lygiana, sendo percebida em ambientações, enredos, comportamentos e ideologias seguidas pelas personagens. É a partir do que fora pensado e defendido filosoficamente por Friedrich Nietzsche (1844-1900), que buscamos ler e interpretar essa sombra dionisíaca que ecoa no tecido literário lygiano. O filósofo foi responsável por uma ideologia cujos conceitos gravitavam em função da figura de Dioniso – o deus da embriaguez tornou-se um princípio de tamanha importância e de tamanho impacto para o pensar e para o viver de Nietzsche a ponto de, a certa altura de sua vida, assinar seus escritos com o nome do deus grego.

É com base nos pensamentos de Nietzsche que buscaremos estudar o conto “Verde lagarto amarelo”, de Lygia Fagundes Telles. Nesse texto, a autora explora, de modo ímpar, um dos temas mais comuns de sua produção: o duplo. Sobre essa constante, explica Vera Maria Tietzmann Silva: “Essa imagem do duplo, tão frequente na literatura e nos contos da autora, tem suas raízes fincadas no solo fértil da mitologia, podendo ser encontrada sob diferentes aspectos em narrativas sagradas e profanas” (p. 89, 2001). A pesquisadora especialista na obra de Lygia, em mais de um de seus estudos, faz alusão ao duplo lygiano e ao conto aqui analisado. Esse tema foi amplamente desenvolvido por Berenice Sica Lamas em sua pesquisa de doutoramento, intitulada *O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em psicologia e literatura*, publicada em livro em 2004. A partir de um *corpus* constituído por 7 contos, a estudiosa promove uma profunda exploração psicológica do tema, apoiada em referências teóricas relevantes.

De diferentes maneiras, esse conceito de duplicidade acaba por perpassar os contos, os romances e, até mesmo, os textos memorialísticos da escritora; tão intensa se faz a abordagem dessa temática que talvez possamos inserir o nome de Lygia Fagundes Telles na lista de escritores que mais exploraram o duplo, fazendo desse tema a pedra de toque de suas obras. Ao redor do mundo, nomes como Edgar Allan Poe, E. A. T. Hoffmann, F.M. Dostoiévski,

Jorge Luis Borges, Julio Cortazar e Carlos Fuentes são outros amplamente reconhecidos por promoverem essa insistente sondagem.

Mesmo sendo explorado de forma recorrente pela escritora, o duplo lygiano parece sempre novo, cada vez mergulhando de modo mais complexo no universo interior do humano representado pelas personagens. Irmãos, tapeçarias, espelhos e duplicações oníricas são algumas das possibilidades com que esse assunto se manifesta na pena da autora. Nesse contexto plural e multifacetado, selecionamos um dos contos em que o mito do duplo é retomado numa perspectiva diferente, podendo ser analisado a partir da fundamentação filosófica, sempre atual e complexa, de Friedrich Nietzsche. Em “Verde lagarto amarelo”, o duplo se manifesta por meio de uma oposição entre dois irmãos, ali um deles retoma os aportes culturais relativos ao deus grego do vinho, Dioniso, enquanto no outro são projetados, de modo singular, os preceitos culturais de Apolo. Considerando essa específica duplicidade, faremos uma leitura em que as duas imagens, em vez de ligadas a discussões identitárias sociais ou psicológicas, se fazem representativas de uma problemática de caráter estético, a saber, a metafísica do artista, como é proposto por Nietzsche.

No conto, o duplo, mais do que um tema, ascende ao plano de categoria de pensamento, representando imagetivamente uma concepção de mundo fundamentada na duplicidade de forças artísticas opostas que, de acordo com o filósofo, emanam da própria natureza. Nietzsche considerava

o apolíneo e o seu oposto, o dionisíaco, como poderes artísticos que, sem a mediação do artista humano, irrompem da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos deste se satisfazem imediatamente e por via direta: por um lado, como o mundo figural do sonho, cuja perfeição independe de qualquer conexão com a altitude intelectual ou a educação artística do indivíduo, por outro, como realidade inebriante que novamente não leva em conta o indivíduo, mas procura inclusive destruí-lo e libertá-lo por meio de um sentimento místico de unidade (1992, p.32).

Seguindo a interpretação nietzschiana em relação aos deuses gregos, as personagens Eduardo e Rodolfo representam na narrativa lygiana o que, na mitologia, Apolo e Dioniso personificaram. Nesse caso, entendemos o texto de Lygia Fagundes Telles como um tecido literário imbuído de uma densa carga filosófica, lançando mão do expediente do duplo como recurso figurativo para a representação de uma original concepção artística. Sobre o valor das duas imagens divinas, Nietzsche ainda explica o seguinte:



A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio<sup>14</sup>, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não-figurada [*unbildlichen*] da música, a de Dionísio; ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte [...] (1992, p.27).

A rivalidade entre os dois meios-irmãos, rastreada dentro do seio cultural grego, decorria também do fato de ambos possuírem o título de deuses da arte, porém cada um representando impulso artístico distinto do outro, situação que não os colocava em condição opositiva de caráter exclusivo ou dialético, na realidade, tratava-se de uma complementaridade, tornando-os um dependente do outro. Mais do que isso, era essa dualidade opositiva a força motriz responsável pelas eternas “produções sempre novas”. É nesse sentido que entendemos o duplo lygiano no conto aqui estudado; entre Eduardo e Rodolfo há uma oposição tão intensa quanto a dependência que os incita à arte, no caso, essa arte seria a escrita. No contraste entre os dois irmãos, assim como no modo como a arte se torna consequência dessa contraposição, percebemos ser sintetizado o pensamento de Nietzsche, segundo o qual:

Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à intelecção lógica, mas à certeza imediata da introvisão [*Aanschauung*] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do *apolíneo* e do *dionisiaco*, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações. Tomamos estas denominações dos gregos, que tornam perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão da arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses (1992, p.27).

O duplo expresso pela oposição de forças não é um método de pensamento original de Nietzsche, na realidade, trata-se de uma herança dos filósofos pré-socráticos. Isso é o que defende Vânia Dutra de Azeredo num trabalho em que aborda a influência do povo grego sobre o pensamento nietzschiano: “Julgamos que é em Heráclito, especialmente na afirmação que remete o movimento aos contrários, que Nietzsche busca compreender a dualidade que caracteriza a relação entre os impulsos apolíneo e dionisiaco” (2008, 273). Se a originalidade de Nietzsche não se encontra no seu método de pensar, ela se faz presente na forma de representação de sua metafísica do artista, dentro dela, concedendo às figuras mitológicas de

---

<sup>14</sup> - No decorrer do trabalho haverá uma variação entre Dioniso e Dionísio, isso ocorre principalmente por preceitos de tradução. De nossa parte, optamos usar *Dioniso* por ser a forma mais comum nas traduções das mais diferentes áreas a que tivemos acesso.



Apolo e Dioniso o *estatus* de manifestações impulsivas diferentes e essenciais, elas “expressam o duplo caráter do mundo” (AZEREDO, 2008, p.281). Mas, em vez da rivalidade destrutiva e dialética comum ao duplo, em *O nascimento da tragédia* ela se mostra marcada pela cumplicidade, o que se intensifica ainda mais em *Crepúsculo dos ídolos*, quando o filósofo chega a determinar a embriaguez<sup>15</sup> como princípio comum aos dois impulsos, com isso o filósofo busca evitar qualquer possibilidade dialética entre as duas forças, o que em sua primeira obra era possibilitado entender. Definindo-as como oriundas de uma mesma origem, o pensamento nietzschiano mais as aproxima do que as diferencia.

O que significa a oposição conceitual que introduzi na estética, a oposição entre os conceitos de *apolíneo* e *dionisíaco*, ambos compreendidos como espécies de embriaguez? – A embriaguez apolínea mantém excitado sobretudo o olho, de modo que ele recebe a força visionária. O pintor, o escultor e o poeta épico são visionários *par excellence*. No estado dionisíaco, por outro lado, o sistema inteiro de afetos é excitado e intensificado, de modo que descarrega todos os seus recursos expressivos de uma só vez e libera ao mesmo tempo a força de representar, imitar, transfigurar e transformar, bem como toda espécie de mímica e teatralidade (NIETZSCHE, 2013, p. 84).

Assim como na mitologia, em que Apolo e Dioniso corporificavam concepções do viver bastante diferenciadas, no conto de Lygia Fagundes Telles, as personagens Eduardo e Rodolfo podem ser entendidas como “conceitos”, simbolizando dois impulsos artísticos que se fazem eternamente rivais porque dessa rivalidade opositiva depende a manutenção da arte: “É na dualidade que se manifesta a noção de movimento e crescimento, pois o filósofo chega a comparar esse duplo à distinção dos sexos para enfatizar a permanência da luta entre eles como motor do movimento ascendente da arte. É o caráter incessante da luta que se liga à evolução” (AZEREDO, 2008, p.274). Em vez de morte, de anulação ou de síntese – na maioria das vezes possibilitada pela ação sobrenatural –, o conto lygiano aponta para uma contínua luta, mas é dela que a arte surge como mantenedora dos fundamentos de uma evolução, isso é o que analisaremos a seguir.

## 2 Sobre o apolíneo e o dionisíaco: o sonho e a embriaguez

---

<sup>15</sup> - Em *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*, o estado de embriaguez é uma prerrogativa específica do impulso dionisíaco. O apolíneo e o dionisíaco vão, ao longo da obra nietzschiana, recebendo novas cores e tratamento.



O conto “Verde lagarto amarelo” foi publicado originalmente na obra *Os 18 melhores contos do Brasil*, de 1968<sup>16</sup>. O enredo se baseia no encontro entre os irmãos Rodolfo e Eduardo, situação com valor diferenciado para cada um dos envolvidos. Eduardo visita o irmão para lhe fazer uma surpresa. Para ele, esse encontro soa como algo alegre; para Rodolfo, responsável pela narração, a presença do outro ali é um verdadeiro tormento, ele é intensamente afetado pela circunstância.

Os irmãos são dois indivíduos diferentes, fica clara a distinção física, comportamental e principalmente psicológica entre eles, mas, como se verá, essa diferenciação deve ser relativizada já que ambos acabam sendo influenciados um pelo outro, numa relação de complementaridade. Considerando o relacionamento parental entre eles, teríamos nesse conto uma possível variação daquilo que, na mitologia grega, era representado pelas figuras dos Dióscuros, os irmãos gêmeos Castor e Pólux<sup>17</sup>, relação que também se faz presente em narrativas de origem hebraico-cristã e que é materializada nas figuras de Caim e Abel, além de Esaú e Jacó. Com base nisso, torna-se indiscutível a fundamentação mitológica denunciada pelo texto, entretanto propomos um olhar diferenciado acerca dela. Em vez de Castor e Pólux, relacionaremos as duas personagens a outra dupla mitológica, os meios-irmãos Apolo e Dioniso<sup>18</sup>, figuras que simbolizam duas distintas posturas referentes ao campo estético.

As análises que se debruçaram sobre a narrativa “Verde lagarto amarelo”, em sua maioria, buscaram evidenciar a tensão entre os dois irmãos a partir de aportes mitológicos, culturais ou identitários. Nesses estudos, o atrito entre eles é abordado considerando a inveja de Rodolfo em relação a Eduardo ou, em sentido inverso, a superioridade deste em relação àquele, trata-se do viés mais explorado no que se refere à conflituosas relações fraternas.

Propomos aqui um prisma diferente, buscamos enxergar outra força motriz a reger essa complicada relação fraterna que, em vez de opositiva e negativa, seria complementar e altamente produtiva. Como já dito, as duas personagens são construídas a partir de traços que

---

<sup>16</sup> - A obra é uma coletânea de contos premiados no I Concurso Nacional de Contos, realizado em Curitiba em 1968. Além de Lygia Fagundes Telles, outros 5 autores tiveram seus textos publicados, dentre eles Dalton Trevisan e Luiz Vilela.

<sup>17</sup> - Castor e Pólux, de acordo com a mitologia, são irmãos gêmeos filhos de Leda e de Zeus. Os gêmeos são fruto de uma traição, já que Leda era esposa de Tíndaro, mas teria sido seduzida por Zeus que teria assumido forma de cisne para conquistá-la.

<sup>18</sup> - Tanto um quanto o outro pertencem à segunda geração de deuses olímpicos, ambos são filhos de Zeus com amantes mortais. O primeiro tem como mãe Latona e o segundo, Sêmele. Além do traço hereditário em comum, dois outros aspectos muito importantes estão relacionados a essas entidades: o primeiro é que, por serem frutos de adultério, ambos sofreram perseguição por parte de Hera, a esposa traída por Zeus. Movida por ciúme e raiva, Hera buscou impedir o nascimento das duas crianças, como também fez delas vítimas de sua perseguição vingativa.



retomam as marcas – físicas, comportamentais e psicológicas – de Apolo e de Dioniso. O próprio enredo do texto, em muitos momentos, parece resgatar eventos ligados à trajetória dos dois deuses dentro da cultura grega.

No conto, percebemos que Eduardo, não satisfeito o suficiente em ser mais bonito, mais bem-sucedido, mais amado que o irmão, inclusive pela própria mãe, parte para uma engajada altamente covarde: é sugerido que ele procure disputar e superar o irmão naquilo que Rodolfo faz de melhor, que é escrever:

Era bonito, inteligente, amado, conseguiu sempre fazer tudo muito melhor do que eu, melhor do que os outros, em suas mãos as menores coisas adquiriam outra importância, como que se renovavam. E então? Natural que esquecesse o irmão obeso, malvestido, malcheiroso. Escritor, sim, mas nem aquele tipo de escritor de sucesso, convidado para festas, dando entrevistas na televisão: um escritor de cabeça baixa e calado, abrindo com as mãos em garra seu caminho (TELLES, 2004, p.43).

Desde o início do texto, são relacionadas a Eduardo características que retomam os princípios da aura apolínea, termos como “macio, discreto, polido, nobre, limpo, exata medida”, os quais presentificam a pulsão equilibrada e controlada de Apolo. Tudo isso coroado pela marca da beleza, que está expressa no trecho já citado e em outro em que Rodolfo descreve mentalmente o irmão, e, em seguida, conversa com Eduardo sobre um de seus atributos físicos:

Meu irmão. O cabelo louro, a pele bronzeada de sol, as mãos de estátua. E aquela cor nas pupilas.  
–Mamãe dizia que seus olhos eram cor de violeta.  
–Cor de violeta?  
–Foi o que disse à tia Débora, meu filho Eduardo tem olhos cor de violeta (2004, p. 37).

A descrição que Rodolfo faz de Eduardo, ainda que simples e objetiva, possibilita imaginar o irmão como um homem muito belo, de traços sofisticados e de postura pomposa. Relacionando-o a uma estátua – *as mãos de estátua* –, o narrador nos possibilita regressar ao passado grego em que, em especial, os deuses eram representados em formas humanas a partir de estátuas de grande beleza e requinte. A figura de Apolo talvez seja, dentro do panteão grego, aquela que mais se encontra reproduzida e nessa constante reprodução do deus, saltam aos olhos a referência à beleza, como explica Pierre Grimal: “Apolo era representado como um deus muito belo, de elevada estatura, notável pelos seus longos cabelos negros, de reflexos azulados, como as pétalas *da violeta*” (1993, p. 33, grifo nosso). É notável a semelhança entre



os traços de Apolo e de Eduardo, mesmo ocorrendo uma diferenciação quanto à cor dos cabelos, que, no primeiro, são negros e, no segundo, louros. Vale observar que, na descrição feita por Rodolfo, encontramos o termo “sol” que é, por sua vez, um dos nomes dados a Apolo. Ao estudar o apolíneo e o dionisíaco em Nietzsche, Carolina Casarin Paes sintetiza do seguinte modo o valor da representatividade do deus solar:

Apolo, enquanto deus da experiência onírica (do sonho), é um deus ilusório. A luz, quando em excesso, faz apenas cegar os olhos, enganar-nos. A experiência iluminada e aparentemente prudente e ordenada que se apresenta como verdadeira é nada, senão uma falsa realidade que ilude, a partir da racionalidade (2013, p.149).

Os valores representados pela simbologia do sol e de sua luminosidade são expressos pelo *logos* por meio de duas grandes máximas, duas exigências de Apolo: a primeira seria “Conhece-te a ti mesmo” e a outra “Nada em demasia”, ambas vinculadas aos conceitos de medida e de individuação. A luz solar impõe ao que é visto sua forma e seus limites, tornando clara sua constituição aparente.

Percebe-se, no texto, a influência que o sol tem sobre as personagens, principalmente sobre Rodolfo. Apesar de estarem em um ambiente fechado, em um apartamento, ambas as personagens fazem referência ao calor promovido pelo sol abrasador, mas Eduardo sofre menos esse impacto, afinal a luminosidade solar apenas evidencia sua beleza, tornando-a mais resplandecente. O sol é, na realidade, um algoz para Rodolfo; para ele, esse sol expõe e torna evidente o que deveria ficar escondido, camuflado. Além disso, o calor que ele enfrenta agora o reporta aos momentos do passado, lança luz sobre uma escuridão que ele tenta tanto esquecer, trata-se da época em que também sofrera com situações semelhantes, só que intensificadas pelos comentários de Laura, a mãe deles:

Agora a camisa se colava ao meu corpo. Limpei as mãos viscosas no peitoril da janela e abri os olhos que ardiam, o sal do suor é mais violento do que o sal das lágrimas. “Esse menino transpira tanto, meus céus! Acaba de vestir roupa limpa e já começa a transpirar, nem parece que tomou banho. Tão desagradável!...” Minha mãe não usava a palavra suor que era forte demais para seu vocabulário, ela gostava das belas palavras, das belas imagens. Delicadamente falava em transpiração com aquela elegância em vestir as palavras como nos vestia (2004, p. 39).

Diante do que é rememorado, fica perceptível que Laura seria uma pessoa cujas características a aproximam mais de Eduardo do que de Rodolfo. Ao definir a forma de linguagem usada pela mãe, o narrador, novamente, retoma uma concepção de equilíbrio, polidez e pudor. Num outro momento, a identificação entre Laura e o filho apolíneo torna-se



mais evidente; isso ocorre quando Eduardo tem uma atitude idêntica à da mãe: “Era exatamente a expressão da minha mãe quando vinha me preparar para uma boa notícia. Rondava, rondava e ficava observando-me reticente, saboreando o segredo até o momento em que não resistia mais e contava” (2004, p. 42). A figura dessa mãe pode aqui ser interpretada como a própria cultura helênica, berço de origem das duas figuras divinas, cultura esta que também concedeu a Apolo (Eduardo) posição de destaque, relegando a Dioniso (Rodolfo) uma posição marginal, um estranho para os valores daquele povo.

Embora Eduardo seja um espelho em que se refletem as marcas apolíneas, um fato interessante nos aponta para certa aproximação entre ele e dionisíaco. Logo no início do texto, Eduardo aparece degustando uvas:

Ele deixou a pasta na cadeira e abriu o pacote de uvas, trouxera um pacote de uvas roxas.  
- Estavam tão maduras, olha só que beleza - disse tirando um cacho e balançando-o no ar como um pêndulo. - Prova! Está uma delícia (2004, p. 38).

A imagem de um homem a desfrutar de um cacho de uvas é usualmente vinculada a Dioniso, entretanto as frutas são trazidas por Apolo (Eduardo), é ele quem parece mais deliciar-se com elas. Isso aponta para o fato de que Eduardo não busca apenas se apropriar do dom de Rodolfo, mas também de seus gostos. Além disso, essa situação dialoga diretamente com a segunda perspectiva nietzschiana, segundo a qual os dois impulsos partiriam de um fundo de embriaguez, o que contribui para a concepção de duplicidade complementar que aqui buscamos evidenciar.

Assim como Eduardo é composto por elementos ligados a Apolo, a Rodolfo são dadas marcas de Dioniso, e isso é feito por meio de imagens e de comportamentos explícitos inclusive no léxico. Por contar a história, Rodolfo poderia narrá-la de maneira a se valorizar diante da imagem do irmão, mas não é o que ocorre. O que vemos é uma pessoa expondo uma visão sincera e dolorida a respeito de si, é uma mente transtornada e vitimada por um sentimento de inferioridade que a acompanha desde a tenra infância. Por isso, muitos são os termos usados para descrever sua estrutura física que tanto lhe constrange, expondo sua realidade psicológica de estima fragilizada. Palavras e expressões como “mãos viscosas, suor, lustroso e gordo, desordem, meio louco” são usadas para definir este irmão. Elas fazem alusão ao princípio dionisíaco seja na perspectiva de sua imagem ou de seus comportamentos.

Ao contrário de Apolo, Dioniso nem sempre é representado como um deus belo. Nas descrições míticas e, principalmente, nas artes plásticas, esse deus tende a ser visto em sua



forma humana como um homem de estatura baixa, obeso, muitas vezes careca, de barba grande e de postura considerada vulgar dado ao fato de estar frequentemente bêbado. Percebe-se daí a total oposição estética entre os dois deuses e uma íntima relação entre Dioniso e a personagem Rodolfo<sup>19</sup>. Como a maioria das personagens míticas, Dioniso foi, de diversos modos, descrito e simbolizado, mas sua forma tende a se contrapor àquela que estaria vinculada ao ideal de beleza grega. Como explica Luis S. Krausz:

O próprio Dioniso pode ser representado de várias maneiras diferentes, desde uma máscara pendendo de um bastão, quase como um espantalho, até um jovem desnudo, de formas arredondadas, e com um tipo físico oposto ao do herói e do guerreiro grego, tão idealizados e desejados por essa cultura (2003, p. 25).

Além dessas aproximações, um princípio exposto pelo texto e usado na composição da personagem constitui a principal característica da figura divina projetada na personagem do conto: a loucura. Em dado momento do diálogo com o irmão, ao se referir a si, Rodolfo afirma: “Ouça Eduardo, sou um tipo mesmo esquisito, você está farto de saber que sou meio louco” (TELLES, 2004, p. 41). Na cultura grega, Dioniso é classificado como deus da loucura, das desmedidas, das orgias. Isso é muito justificável já que é ele o deus do vinho, uma bebida muito benquista por aquela cultura, mas responsável por uma conduta que dista muito daquela esperada de um alguém equilibrado, norteados pela razão virtuosa. Bêbado, o indivíduo se libertava dos grilhões sociais impostos; mais que uma simples bebida, “(o) vinho contém em si mesmo os segredos e a índole selvagem e irrefreável do deus. Os devotos de Dioniso conhecem sua natureza por meio do vinho (...)” (KRAUSZ, 2003, p. 22). Sob o efeito da bebida, os possessos alcançavam um estágio de vida superior; naquele momento, o espírito de Dioniso os arrebatava num êxtase que era chamado de *Enthousiasmos*, que significa literalmente “ter o deus dentro”. Essas pessoas tendenciosas à possessão dionisíaca eram principalmente mulheres que, submissas a uma realidade social que as marginalizava, encontravam no culto desse ente divino a libertação e a sublimação de seus sofrimentos reprimidos. Sabendo-se disso, torna-se muito significativa a passagem do conto de Lygia Fagundes Telles em que Eduardo, a pedido da esposa, convida o irmão para almoçar: “A Ofélia quer que você almoce domingo com a gente. Ela releu seu romance e ficou no maior *entusiasmo*, gostou ainda mais do que da primeira vez, você precisa ver com que interesse

<sup>19</sup> - Uma exceção de grande importância quanto à representação de Dioniso é o famoso quadro de Caravaggio, intitulado *Baco*, de 1593-4, em que tal entidade aparece jovem e bela.



analisou as personagens, discutiu os detalhes” (2004, p. 38, grifo nosso). Pode-se entender aqui, a partir da alusão à Ofélia e seu entusiasmo com a leitura do romance, uma referência às figuras mitológicas pertencentes ao séquito dionisíaco, as mulheres chamadas de mênades, seguidoras entusiasmadas do deus.

Se o romance de Rodolfo leva sua cunhada Ofélia ao êxtase, isso acontece porque tal arte é oriunda de impulsos dionisíacos, ou seja, nela se manifesta a *embriaguez do sofrer* aquela que “penetra nos mais íntimos pensamentos da natureza, conhece a terrível pulsão (*Trieb*) para a existência e ao mesmo tempo a contínua morte de tudo o que chegou à existência” (NIETZSCHE, 2005, p. 19). Produzir uma arte tão intensa é o desejo de Rodolfo, o escritor expressa isso enquanto degusta uma das uvas trazidas pelo irmão:

Era enjoativo de tão doce mas se eu rompesse a polpa cerrada e densa, sentiria seu gosto verdadeiro. Com a ponta da língua pude sentir a semente apontando sob a polpa. Vareia-a. O sumo ácido inundou-me a boca. Cuspi a semente: assim queria escrever, indo ao âmago do âmago até atingir a semente resguardada lá no fundo como um feto (TELLES, p. 36-37).

A construção metafórica desse trecho – centrada na imagem da uva, de sua polpa e de sua semente – nos coloca imagetivamente diante dos conceitos centrais relativos ao apolíneo e ao dionisíaco. Na imagem de uma fruta, em sua constituição unitária, está representada concepção de unidade, de limite e de forma, o que é atingido via princípio de individualização, “a partir de cujos gestos e olhares nos falam todo o prazer e toda a sabedoria da ‘aparência’, juntamente com sua beleza” (NIETZSCHE, 1992, p. 30). Ultrapassada a construção aparente das formas e superada a ilusão da individualidade, encontramos o Uno-primordial expresso pelo impulso dionisíaco, o âmago da natureza em sua forma universal: “O desmedido revela-se como a verdade, a contradição, o deleite nascido das dores, falava por si desde o coração da natureza. E foi assim que, em toda parte onde o dionisíaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado” (NIETZSCHE, 1992, p. 41). Dioniso se faz como artista primordial, isso porque, em sua essência violenta de força volitiva, ele se encontra apenas enquanto impulso que se faz carente de forma e, é nas formas oriundas do impulso apolíneo que Dioniso encontra modos de se fazer perceptível, ele se realiza apenas enquanto representação apolínea, mas a transcende ao promover um rompimento com ela.

O ato de varar a polpa em busca da semente nos remete à ruptura do apolíneo *principium individuationis*, com isso, o que Rodolfo almeja é distanciar-se da subjetividade porque é por ela que nos tornamos cindidos, apartados da natureza. Com o rompimento do



*principium individuationis*, “o subjetivo desaparece inteiramente diante do poder irruptivo do humano-geral, do natural-universal” (NIETZSCHE, 2005, p. 08).

No decorrer da narrativa, em mais de um momento, Rodolfo expressa sua insatisfação com a existência aparente, sentimento este que lhe é tão intenso a ponto de desejar a morte: “Era menino ainda mas houve um dia em que quis morrer para não transpirar mais” (TELLES, 2004, p. 399). Nesse desejo, podemos perceber como se encontra expressa a vontade de libertar-se do corpo, da individualidade, da subjetividade, isto é, um impulso que lhe impelia contra o *principium individuationis*. Ao almejar morrer, a personagem manifesta o desejo de romper com a individualidade concedida e imposta pelo corpo, por isso, melhor seria não tê-lo:

Fecho os olhos. Está amanhecendo e o sol está longe, tem brisa na campina, cascata, orvalho gelado deslizando na corola, chuva fina no meu cabelo, a montanha e o vento, todos os ventos soprando. Os ventos. Vazio. Imobilidade e vazio. Se eu ficar assim imóvel, respirando leve, sem ódio, sem amor, se eu ficar assim um instante, sem pensamento, *sem corpo...* (2004, p. 38, grifos nossos).

Toda a expressividade da personagem, sua relação com os elementos da natureza e com sua forma aparente (corpo) expressam a essência da intuição dionisíaca. Se para Eduardo o corpo era de suma importância – já que era nele e por ele que sua beleza podia ser reconhecida e cultuada –, para Rodolfo a forma corpórea era a origem de sua mais intensa angústia e sofrimento, condição própria do destino de Dioniso. Desde pequeno, a sina do filho feio de Laura era o puro sofrer, realidade que o faz tão tendencioso à sabedoria do Sileno, segundo a qual, diante da condição da vida humana, o melhor para essa raça seria não *ser*, *nada ser*.

Assim como Dioniso – que desde pequeno sofrera com a perseguição de Hera e que a mando dela fora morto e espedaçado pelos Titãs –, a vida de Rodolfo foi uma trajetória de amargura, a personagem deixa isso evidente ao se referir à presença do irmão: “E me trazia a infância, será que ele não vê que para mim foi só sofrimento? Por que não me deixa em paz, por quê? Por que tem de vir aqui e ficar me espetando, não quero lembrar nada, não quero saber de nada!” (TELLES, 2004, p. 38).

Ainda que Rodolfo personifique o impulso dionisíaco, podem ser notados na personagem rastros de comportamento apolíneo; como é explicado pelo pensamento nietzschiano, essa essência dionisíaca só se faz percebida por meio de uma representação apolínea, aqui entendida como a forma de aparência corpórea. Mas, no caso do conto, outros



aspectos apolíneos podem ser percebidos em Rodolfo, eles denunciam cumplicidade entre os dois impulsos, a conjunção entre duas essências. Enquanto relembra a infância marcada pela rivalidade com o irmão, Rodolfo deixa claro que tramou para que Eduardo se machucasse, podendo correr o risco de o irmão inclusive morrer.

E de repente me precipitei pela rua afora, eu o queria vivo, o canivete não! Encontrei-o sentado na sarjeta, a camisa rasgada, um arranhão fundo na testa. Sorri palidamente. Ofegava. Júlio tinha acabado de fugir. Cravei o olhar no seu peito. Mas ele não usou o canivete? perguntei. Apoiando-se na árvore, levantou-se com dificuldade, tinha torcido o pé. “Que canivete?...” Baixando a cabeça que latejava, inclinei-me até o chão (TELLES, 2004, p. 45).

Se Rodolfo sabia da existência de um canivete, é porque fora ele quem dera o objeto a Júlio, para que este o usasse contra Eduardo. Antes mesmo de acontecer a briga, Rodolfo a imaginava em forma de uma previsão: “‘Rodolfo, Rodolfo!’ Agora ela [Laura] o carregava em prantos, tentando arrancar-lhe o canivete enterrado no peito até o cabo” (2004, p. 44). Tanto o fato de arquitetar um plano contra o irmão quanto a possível previsão do evento são marcas de caráter apolíneo, elas estão ligadas ao deus engenhoso e onirocante, mas aqui se manifestam em uma personificação dionisíaca.

O que até aqui fizemos foi relacionar as personagens do conto às figuras mitológicas de Apolo e de Dioniso. Acreditamos que as evidências conceituais e comportamentais apresentadas tenham sido capazes de expor a possibilidade de nossa leitura. Diante disso, cabe-nos ainda tecer algumas palavras sobre a cumplicidade entre os dois impulsos, explorando-a no conto e fazendo-se perceber de que modo essa conflituosa duplicidade garante o dinamismo artístico.

### **3 Sobre o apolíneo e o dionisíaco: uma estética em eterna tensão criativa**

Para Nietzsche, a tragédia ática seria o momento áureo da arte grega porque, naquele gênero, os deuses Apolo e Dioniso encontravam-se amalgamados, realidade que não voltou a se repetir em nenhuma outra manifestação artística. Em vez do amálgama, a arte continuaria seu dinamismo originando-se da tensão entre os dois deuses e seus respectivos impulsos.

No conto de Lygia Fagundes Telles, apesar da dualidade opositiva, Eduardo e Rodolfo acabam por, aos poucos, assumirem traços um do outro, numa espécie de cumplicidade e dependência, demonstrando que nenhuma das duas vertentes artísticas seria totalmente pura,



isenta de influências da outra. Entretanto, como já fora dito no início, na obra lygiana, há um culto e uma exploração mais intensa dos aportes relativos a Dioniso, o que pode ser inclusive expresso pelos momentos finais da narração em que, depois da briga com Júlio, Eduardo é conduzido pelo irmão:

Vamos, monta em mim. Ele obedeceu. Estranhei; era tão magro, não era? Mas pesava como chumbo. O sol batia em cheio em nós enquanto o vento *levantava as tiras da sua camisa rasgada*. Vi nossa sombra no muro, *as tiras se abrindo como asas*. Enlaçou-me mais fortemente, encostou o queixo no meu ombro e teve um breve soluço, “Que bom que você veio me buscar...” (TELLES, 2004, p. 45, grifos nossos).

Diante da força e da potência da arte dionisíaca, a aparência das formas apolíneas se rende, ela se esfacela em tiras. É o que Friedrich Nietzsche defende numa das passagens de seu primeiro livro, trecho que se torna emblemático não só pelo conteúdo, mas e, principalmente, pela construção imagética semelhante àquela usada por Lygia Fagundes Telles em seu conto: “Agora graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido *rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse* diante do misterioso Uno-primordial” (NIETZSCHE, 1992, p.31, grifos nossos).

Enquanto carrega o irmão nas costas, é Rodolfo o pilar primordial a suportar conjugadas as duas essências. Se o dionisíaco depende do apolíneo para se ver representado, fica claro que há a dependência maior de Apolo em relação a Dioniso, isso porque é do impulso dionisíaco, de sua sina e sua dor que emana toda e qualquer essência que pode vir a ser representada, vem dele toda vontade de representação.

A dualidade artística representada por Eduardo e Rodolfo, reproduz a duplicidade de forças que brotam na natureza como impulsos volitivos. Enquanto expressões de forças naturais, esses impulsos não estão ao acesso de nossa compreensão, é somente como manifestação artística que elas se tornam compreensíveis à nossa cognição, apenas na arte e pela arte esses impulsos assumem valores e passam a refletir os sentidos e significados culturais no decorrer de nossa trajetória. Conforme explica Paes:

A verdadeira dimensão da realidade está no recriar: a diversidade e a intensidade das forças contraditórias determinam os valores. Porém, para Nietzsche (1988), cada cultura e cada momento da existência humana valorizam menos ou mais determinados elementos, o que pode culminar numa negligência para alguma das partes (2013, p.149).



O criar é resultado da luta entre forças opostas. Os romances de Rodolfo surgiram de uma vivência oposta em relação a Eduardo. Já a suposta obra de Eduardo é resultado de uma disputa com o irmão no campo artístico. Nesse caso, os valores e as posições derivadas deles se mostram inconstantes, não há fixidez em nada, a não ser na necessidade da luta. Nenhuma das duas artes é em si superior à outra, cada uma delas com seus traços e valores, se destaca de acordo com os aportes teóricos de um dado momento vivenciado pelo povo que as produz. Se a Grécia, assim como Laura, prefere o filho de caráter apolíneo, é porque nele se fazem representados os preceitos culturais mais valiosos para aquela cultura. Se em Nietzsche e em Lygia é o dionisíaco que reina soberano, como acreditamos ser, é porque nosso tempo e os conceitos dele oriundos encontram na figura desse deus uma forma de resistência, um canto de louvor a uma vida superior, uma vida que durante muito tempo foi eclipsada pelo astro solar apolíneo.

É o lutar que movimenta o dinamismo artístico no decorrer do tempo. Sobre essa questão temporal, torna-se relevante observar que o encontro entre os irmãos Eduardo e Rodolfo tenha acontecido durante o verão, época em que reina a figura de Apolo, o que lhe confere posição de privilégio. Entretanto chegará a primavera e, com ela, Dioniso se imporá triunfante com seu séquito tão secular, suas mênades e suas bestas naturais, fazendo com que Apolo lhe ceda lugar nas estações da vida.

Em seu trabalho, Berenice Sica Lamas afirma que Lygia Fagundes Telles é

[r]econhecida por seus romances e contos, em uma obra em que está presente o universal [...] A literatura introspectiva de Lygia Fagundes Telles é das que mais aprofundam a interioridade do ser, e suas personagens propõem-se modelares para pensar as angústias e os desígnios do ser humano (2004, p.17).

Esse alcance universal atingido pela escrita de Lygia Fagundes Telles tem como um de seus pilares o retorno ao mito com suas ricas imagens e temas. No interior desse profundo legado cultural, o duplo, desde cedo, se fez presente, desempenhando papel de destaque a ponto de ser reaproveitado pelo discurso filosófico engendrado pela cultura grega. Acerca disso, fazem significativas as palavras de Ana Maria Lisboa de Mello:

A universalidade do tema indica uma referência claramente antropológica, ao mesmo tempo transcultural e trans-histórica, embora certos momentos históricos e culturais favoreçam o seu recrudescimento. Esse símbolo é constantemente retomado porque ele fala da essência e da existência (2000, p. 123).



Mais do que um tema mitológico ou literário, o duplo se instaura como método de compreensão de mundo, amplamente explorado por inúmeros filósofos dentre eles Heráclito, Platão, Hegel e Nietzsche.

Diante dos valores de cada um dos impulsos, não nos parece adequada uma interpretação do texto que estivesse marcada por valores religiosos ou morais, responsáveis por sentidos como certo e errado, bem e mal, superior e inferior. O conteúdo do texto e sua representação nos apontam para os impulsos de vida reproduzidos pela arte, mais do que valorar ou supervalorizar um em relação ao outro, entendemos que a escritora Lygia Fagundes Telles, nesse texto, evidencie uma concepção de arte segundo a qual para se alcançar o universal, seja necessária a total conjugação entre as forças, conjugação já expressa pelo próprio título do conto em que a tão comum nitidez das cores encontra-se relativizada, isto é, em “Verde lagarto amarelo”, não se encontra uma tonalidade, mas um entretom, um meio termo.

A crítica aqui engendrada entende o texto lygiano como uma trama em que o tema do duplo é retomado como categoria de pensamento, recurso por meio do qual a contista Lygia Fagundes Telles lança mão do sentido do duplo para promover uma complexa e profunda discussão sobre a arte. Nessa abordagem tão original, o tema é explorado podendo ser lido no bojo das concepções e conceituações de Nietzsche, universo filosófico muito influenciado pela bagagem cultural grega. Daí se explica o valor tão estimado concedido às figuras de Apolo e de Dioniso, prefiguradas em Eduardo e Rodolfo.

## Referências

- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.
- KRAUSZ, Luis S. Dioniso. In: *História Viva*. São Paulo: Duetto Editorial, 2003. Coleção Deuses da Mitologia n.4.
- LAMAS, Berenice Sica. *O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em psicologia e literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofia com o martelo*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- \_\_\_\_\_. *A visão dionisíaca do mundo: e outros textos de juventude*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PAES, Carolina Casarin. O apolíneo e o dionisíaco no pensamento de Nietzsche. In: ENCONTRO DE DIÁLOGOS LITERÁRIOS: UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE, 2., 2013, Campo Mourão. *Anais...* Campo Mourão: UNESPAR/FECILCAM, 2013, p. 145-152.



SILVA, Vera Maria Tietzmann. *A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles*. 2. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2001.  
TELLES, Lygia Fagundes. *Meus contos preferidos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

**Recebido em: 19/06/2017**

**Aceito em: 19/11/2017**



## A AMBIGUIDADE E O FANTÁSTICO EM O BEBÊ DE TARLATANA ROSA

### AMBIGUITY AND THE FANTASTIC GENRE IN O BEBÊ DE TARLATANA ROSA [THE BABY IN PINK TARLATAN]

Anna Carolyna Ribeiro Cardoso\*

**RESUMO:** *O bebê de tarlatana rosa* é um conto de 1910, escrito por João do Rio. A obra trata do encontro de Heitor de Alencar com uma pessoa fantasiada de bebê durante o Carnaval carioca. O embate é marcado pela ambiguidade, não só provocada pela festa carnavalesca, mas também pela atmosfera fantástica criada ao redor da figura do bebê. Não se sabe se o bebê é homem ou mulher, caveira de outro mundo ou pessoa deformada. O objetivo deste trabalho é analisar o conto de João do Rio, pontuando suas ambiguidades a fim de classificá-lo como pertencente à literatura fantástica brasileira. Para isso, embasa-se em *A introdução à literatura fantástica* de Tzevetan Todorov (2012), *A máscara da morte rubra* de Edgar Allan Poe (s.d.), conto que apresenta semelhanças à obra de João do Rio e *A cultura popular na idade média e no renascimento de François Rabelais* de Mikhail Bakhtin (1987), filiando-se às pesquisas da área de literatura fantástica e literatura comparada. As principais conclusões alcançadas são a presença da homossexualidade e da morte na construção da ambiguidade na obra de João do Rio; ambiguidade que gera o fantástico e aproxima o escritor brasileiro de Edgar Allan Poe.

**PALAVRAS-CHAVE:** ambiguidade; fantástico; João do Rio; *O bebê de tarlatana rosa*

**ABSTRACT:** *O bebê de tarlatana rosa [The baby in pink tarlatan]* is a Brazilian short story written in 1910 by João do Rio. It is a tale of Heitor de Alencar's meeting with a person in a baby costume during the Carnival in Rio de Janeiro. The encounter is marked by ambiguity, promoted not only by the party, but also by the fantastic atmosphere created around the baby figure. It is impossible to know if the baby is a man or a woman, a supernatural being or a deformed person. This essay's main goal is to analyze the short story and its ambiguities in order to classify it in the fantastic genre described by Tzevetan Todorov in *The Fantastic: A Structural Approach to a Literary Genre* (2012). It compares João do Rio's short story with *The mask of red death* by Edgar Allan Poe (s.d.) and bases its Carnival examination in Mikhail Bakhtin's *Rabelais and His World* (1987), inserting itself in the researches related to fantastic literature and comparative literature. Its main conclusions were the presence of homosexuality and death and how they build up ambiguity in the story, which creates the fantastic genre in João do Rio, similarly to what happens in Edgar Allan Poe.

**KEYWORDS:** ambiguity; fantastic genre; João do Rio; *O bebê de tarlatana rosa*

### Introdução

João do Rio é o pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho

---

\* Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Concluiu a graduação em Letras: Português no ano de 2015 e atualmente cursa Letras: Inglês na mesma universidade. Seu campo de estudos é a teoria do imaginário de Gilbert Durand, aplicada à Literatura.



Barreto, jornalista, cronista e teatrólogo brasileiro. Viveu no final do século XIX e início do século XX, no Rio de Janeiro, onde traduziu várias obras de Oscar Wilde e ficou conhecido por seu estilo dândi e polêmico. O escritor é representante da *belle époque* carioca e

transitava entre a cidade moderna que nascia a partir das reformas iniciadas em 1903 pelo prefeito Pereira Passos e a cidade marginalizada, social e geograficamente, pelas mesmas reformas, que queriam acabar com a imagem insalubre e insegura da então capital federal (CAZES, 2015, s. p.).

Um de seus contos mais famosos, publicado em 1910, se chama *O bebê de tarlatana rosa* e representa os dois lados da sociedade carioca citados: o sofisticado e embelezado, dos burgueses e aristocratas; e o baixo Rio, onde estão presentes a luxúria, o engano “e o lado da sombra produzido por essas transformações, as exclusões” (RODRIGUES *apud* CAZES, 2015, s. p.).

O conto trata de uma aventura de Heitor de Alencar, um ricaço, em um dos carnavais cariocas. Durante a orgia, nos bailes públicos do Recreio, Heitor se encontra com alguém fantasiado de bebê de tarlatana rosa e se entretém com essa pessoa. Ao beijá-la, Heitor sente o nariz de plástico do bebê, que faz parte da fantasia. No terceiro encontro dos dois, no fim do Carnaval, o moço tenta arrancar o nariz, mas arranca também a máscara do bebê e se depara com uma terrível caveira por baixo dela. Algum tempo depois, Heitor conta a história aos amigos em uma espécie de sarau em sua casa.

A ambiguidade e a dualidade são marcas do conto, favorecendo, junto ao tema, a criação de uma atmosfera fantástica. O objetivo deste artigo é indicar as marcas de ambiguidade e dualidade no texto de João do Rio e suas repercussões, a fim de classificá-lo como pertencente à literatura fantástica brasileira. Para isso, é realizada uma análise do Carnaval e seus principais símbolos, a máscara. Também são discutidas as relações que essa festa tem com os motivos fantásticos tradicionais do século XIX, conforme a *Introdução à literatura fantástica* de Tzvetan Todorov (2012). A leitura do texto se baseou em *A cultura popular na idade média e no renascimento de François Rabelais* de Mikhail Bakhtin (1987) e o *Dicionário de símbolos* de Jean Chevalier e Alan Gheerbrant (2012). Tem cunho qualitativo e bibliográfico, afiliando-se à pesquisa do fantástico, estranho e maravilhoso como gêneros literários na literatura brasileira.

## 2 A teoria do fantástico

Tzevetan Todorov publicou *Introdução à literatura fantástica* em 1970. Ele não foi o primeiro teórico a discutir o fantástico, uma vez que cita textos canônicos sobre o tema como os de Roger Callois, Louis Vax e Pierre-Georges Castex. Ainda assim, segundo Ana Luísa Silva Camarini em *Literatura fantástica: caminhos teóricos*, “Todorov é, sem dúvida, o primeiro teórico do fantástico a abordar o estudo dessa modalidade literária em uma perspectiva de gênero e a tentar uma abordagem estruturalista de importância” (2014, p. 58).

Para Todorov, é importante considerar o fantástico como gênero porque, para ele, “É difícil imaginar atualmente que se possa defender a tese segundo a qual tudo, na obra, é individual, produto inédito de uma inspiração pessoal, fato sem nenhuma ligação com as obras do passado” (2012, p. 11). O gênero garantiria, na perspectiva todoroviana, a relação de um determinado texto com as obras anteriores e posteriores a ele, que não se escreveu sozinho. O teórico propõe também a criação de regras para enquadrar diferentes tipos de obras dentro do gênero fantástico.

Em sua tentativa de definir o que realmente seria o fantástico, Todorov estabelece três condições para a que qualquer texto literário seja classificado nessa categoria:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra [...]. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita. Entretanto, a maior parte dos exemplos preenchem as três condições (2012, p. 38-39).

A hesitação é a característica mais importante do fantástico. O teórico francês o considera um “gênero evanescente” (TODOROV, 2012, p. 48), visto que dura apenas por um momento de incerteza e dúvida. Isso ocorre quando as personagens e, conseqüentemente o leitor implícito, não sabem se o acontecimento por elas vivenciado tem origens sobrenaturais ou não. Escondida nas entranhas da verossimilhança, a presença de uma estátua ou relíquia, a suposta loucura de uma pessoa ou comportamentos estranhos e aberrações transformam a realidade cotidiana em mistério. Ao se desfazer a hesitação, que também pode ser informalmente chamada de “o não saber”, o fantástico também se desfaz em um dos gêneros



que lhe são vizinhos, o maravilhoso e o estranho.

O maravilhoso é, de forma geral, um mundo à parte, onde “os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam surpresas” (TODOROV, 2012, p. 60) e gênios, fadas, bruxas e duendes podem existir livremente, sem serem questionados. Seus principais exemplos são os sempre populares contos de fadas como *A Bela e a Fera* e também narrativas semelhantes à *As mil e uma noites*. Já o estranho não permite a existência do sobrenatural, nele, os acontecimentos “podem ser perfeitamente explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários” (TODOROV, 2012, p. 53). Um exemplo de estranho seria *A queda da casa de Usher*, de Edgar Allan Poe, ou *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, em que o doutor Jekyll se transforma em Mr. Hyde porque bebe um de seus experimentos químicos.

Todorov admite a existência do fantástico-estranho e do fantástico-maravilhoso, em que os dois gêneros vizinhos realmente criariam um híbrido. O fantástico-estranho tem características do fantástico, especialmente a hesitação, mas o acontecimento sobrenatural recebe explicações racionais ao fim da narrativa. O fantástico-maravilhoso também apresenta a hesitação, mas, ao final, aceita a existência do sobrenatural, sem questioná-la. Essa divisão é muitas vezes criticada por conta de seus critérios vagos, uma vez que, se o fantástico se desfaz no momento em que se encerra a hesitação, não haveria certamente fantástico de fato, conforme o próprio Todorov.

Quanto ao seu corpus, em *Introdução à literatura fantástica*, o linguista/literato discute também o discurso fantástico e a impossibilidade de tal discurso ser poético ou alegórico. Para Todorov, o fantástico requer a ficção, a construção de uma narrativa detalhada, com espaço e personagens, e a poesia não é ficção; não é sequer representativa. O fantástico também requer um modo de leitura literal, enquanto a alegoria exige, claramente, um modo figurado. Se a alegoria permite a uma coisa significar outra:

Primeiramente, a alegoria implica na existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras: diz-se às vezes que o sentido primeiro deve desaparecer, outras vezes que os dois devem estar juntos. Em segundo lugar, este duplo-sentido é indicado na obra de maneira *explícita*: não depende da interpretação (arbitrária ou não) de um leitor qualquer (TODOROV, 2012, p. 71).

A interpretação alegórica destruiria a hesitação, uma vez que pode simplesmente negar ao acontecimento sua origem sobrenatural. A alegoria implica o conhecimento prévio de duas ou mais possibilidades de significado, o que não pode ser automaticamente concebido no

fantástico.

Em seu livro, Todorov também trata dos temas mais comuns do fantástico, os quais ele divide em “temas do eu” e “temas do tu”. Os temas do eu estão relacionados ao homem e à sua percepção de mundo. À loucura e à consciência, à noção de tempo e ao espaço. Os temas do tu relacionam-se ao desejo e à sexualidade do homem e à relação deste com o seu próximo. Essa relação nem sempre se concretiza de uma forma moralmente aceita pela sociedade, o que gera a aparição de criaturas sensuais como os vampiros nos contos fantásticos. A homossexualidade e o *sexe à trois*, vistos como temas polêmicos, também constituem os “temas do tu”. A homossexualidade no fantástico será discutida a seguir, pois está presente no conto de João do Rio.

### 3 A homossexualidade

Os “temas do tu” tratam da relação do homem com o desejo e com seu próximo. Essa relação se estabelece por meio da linguagem. Por isso, conforme Todorov, esses temas podem também ser chamados de “temas do discurso”. Afinal, é por meio do discurso que Heitor conta a história a seus amigos, é também por meio dele que Heitor convence o bebê a segui-lo pelas ruas na madrugada, onde finalmente o/a abandona ao descobrir seu lado mais grotesco.

O discurso construído por Heitor acerca do bebê é opaco, pois não se deixa ver por completo; não revela todos os pormenores do encontro entre ele e o bebê, além de se focar em seu ponto de vista. Heitor pode estar bêbado, imaginando um caso ou mentindo descaradamente. A opacidade do discurso é discutida por Mikhail Bakhtin em obras como *A estética da criação verbal* e *Questões de literatura e estética*. Segundo o teórico russo, o discurso não se cria do vácuo, mas é influenciado por todos os discursos anteriores e posteriores a ele. Heitor se dirige a um público que espera dele grandes aventuras relacionadas ao carnaval. O próprio Heitor se insere em uma tradição de personagens que contam suas histórias a um grupo de ouvintes dos quais os mais famosos são os do *Decamerão*, de Bocaccio. Assim, Heitor e seu discurso não são neutros. Não se pode fiar no discurso do jovem, já que o leitor não tem acesso à versão de outro importante interlocutor, o bebê.

A caveira que Heitor, um aristocrata, encontra na rua em pleno Carnaval, não tem sexo ou gênero. Não se sabe se pertence a um homem ou a uma mulher e o mesmo se pode dizer do bebê. A palavra “bebê” é masculina e a palavra “mulher” é feminina. Heitor usa de ambas para descrever quem o acompanha, tornando sua linguagem incerta. Ao encontrar a pessoa



fantasiada pela primeira vez, diz: “eu senti que roçava em mim, **gordinho** e apetecível, um bebê de tarlatana rosa” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 205, grifo meu). Mais tarde, também se referindo ao bebê: “Procurei dar-lhe um beijo. **Ela** recuou” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 209, grifo meu).

A voz desse alguém é ora estridente, ora rouca e um dos ouvintes, Anatólio, sugere “Talvez fosse um homem...” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 206), uma vez que, nessa época, era comum homens se fantasiarem de mulher durante o Carnaval carioca. A ambiguidade gera hesitação e dúvida quanto à possível homossexualidade de Heitor e do bebê. Afinal, debaixo de suas fantasias em plena festa, não haveria problema o casal cometer o que a sociedade da época considerava altamente inadequado: um homem desejar outro homem.

A homossexualidade, um tabu, e, justamente por isso, foi um dos temas preferidos do fantástico, pois, este “permite franquear certos limites inacessíveis” (TODOROV, 2012, p. 167). Como o fantástico trata dos limites entre o plausível e o imaginado, a homossexualidade foi abordada pelos autores nesses mesmos limites, sem ferir a moral. Afinal, não se pode afirmar o que é imaginado ou não quando se trata desse gênero literário. Se acusado, um escritor poderia afirmar: sua personagem está louca, sob efeito de bebida e drogas ou simplesmente dizer que não se sabe se o encontro homoerótico aconteceu, de fato ou não, no enredo. A homossexualidade e a depravação sexual, ambas favorecidas pela liberação de costumes promovida pelo Carnaval, se encaixam perfeitamente nos temas que Todorov denomina “os temas do tu”.

Nesses temas, “O desejo sexual exerce aqui sobre o herói um domínio excepcional” (TODOROV, 2012, p. 136), o que acontece com Heitor e o bebê. Além disso, “O desejo, como tentação sensual, encontra sua encarnação em algumas das figuras mais frequentes do mundo sobrenatural, em particular na do diabo” (TODOROV, 2012, p. 136). Portanto, a caveira por trás da máscara de bebê pode ser, então, a representação do diabo, da libido. O demônio muitas vezes está ligado à mulher: ele é a mulher desejada, como no caso do *Manuscrito de Saragoça* e em *O diabo apaixonado*, dois textos fantásticos canônicos. Heitor crê que o bebê é uma mulher e se sente atraído por ela, apenas para encontrar a caveira, o demônio unissex por baixo da fantasia.

Quanto à homossexualidade *per se*, Todorov afirma:

Mais além deste amor intenso, mas “normal” por uma mulher, a literatura fantástica ilustra muitas transformações do desejo. A maior parte dentre elas não pertence verdadeiramente ao sobrenatural, mas antes a um ‘estranho’



social (TODOROV, 2012, p. 140).

Ou seja, junto ao incesto e ao “amor a dois”, ela faz parte desse conjunto pertencente ao “estranho social”, do proibido e inaceitável. O teórico francês adverte “que a literatura desta época joga muitas vezes (como notou André Parreaux em seu livro dedicado a Beckford) com uma ambiguidade quanto ao sexo da pessoa amada” (TODOROV, 2012, p. 140). É o que acontece com os termos escolhidos por João do Rio, para tratar da pessoa com quem Heitor está: ora é o bebê, ora é a mulher.

Além disso, o nariz que o bebê perde no final do conto, está relacionado ao falo e à sexualidade. Ele representa “funções instintivas e intuitivas altamente cambiantes” (TASCHEN, 2010, p. 362). O bebê poderia ser, então, um homem, incapaz de gozar por causa de homossexualidade ou uma pessoa deformada igualmente incapaz de gozar em dias normais, visto que só pode aparecer em dias de inversão da ordem social. Nessas ocasiões, ela se deixaria levar pelo prazer instintivo e libidinoso.

Os “temas do tu” também relacionam o desejo sexual à crueldade e à morte. O desejo de um aristocrata o leva até os locais mais vulgares do Carnaval carioca e o faz encontrar um bebê fantasiado, com quem deseja se deitar. A fantasia o atrapalha e ele deseja arrancá-la; ao fazê-lo, descobre uma caveira. A caveira é símbolo da morte e da decomposição do corpo humano, reforçando a ideia todoroviana de que, nesse caso, “o corpo desejável é comparado ao cadáver” (TODOROV, 2012, p. 145).

Ao descobrir a verdade, Heitor se afasta do bebê, enojado. A moça/caveira implora “– Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha. Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ouviste? Aproveito. Foste tu que quiseste...” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 211). O rapaz não a ouve. Ele dá-lhe um safanão e a sacode, enfurecido. Em outras palavras, é cruel e a abandona na madrugada. Conforme França e Silva:

O bebê de tarlatana rosa, ao mesmo tempo que é agente do medo, com seu rosto cadavérico horrorizando Heitor, é também uma vítima, visto que, sofrendo de uma deformidade ou de consequências de uma doença como a sífilis, encontrava no disfarce a única forma de gozar os prazeres do Carnaval. E Heitor, por outro lado, também é vítima do horror da descoberta súbita, ao mesmo tempo em que se transforma em algoz da pobre menina deformada (FRANÇA; SILVA, 2012, p. 44).

Assim, desejo, morte e crueldade se enlaçam no conto de João do Rio, o que assemelha esse conto, nesse sentido, à *Máscara da morte rubra*, de Edgar Allan Poe,





publicado em 1842. O conto do autor americano trata da história de uma corte assolada por uma praga, chamada de morte rubra. Para se proteger da peste, o príncipe transfere a corte para uma abadia extremamente protegida, onde a morte rubra não poderia chegar.

Na abadia, os cortesãos e o príncipe vivem em clima de festa. As festividades se assemelham a um Carnaval. Há vinho, dança e “Que voluptuosa cena a daquela mascarada!” (POE, s.d., s. p.). O príncipe e seus convivas se divertem, esquecendo a peste lá fora, assim como Heitor se deixa levar pelos bailes cariocas, preocupado apenas em se divertir e acanalhar.

A abadia se divide em sete salões, de diferentes cores. No salão negro, existe um relógio lúgubre:

Seu pêndulo oscilava de um lado para o outro com um bater surdo, pesado, monótono; quando o ponteiro dos minutos completava o circuito do mostrador e o relógio ia dar as horas, de seus pulmões de bronze brotava um som claro, alto, grave e extremamente musical, mas em tom tão enfático e peculiar que, ao final de cada hora, os músicos da orquestra se viam obrigados a interromper momentaneamente a apresentação para escutar-lhe o som; com isso os dançarinos forçosamente tinham de parar as evoluções da valsa e, por um breve instante, todo o alegre grupo mostrava-se perturbado; enquanto ainda soavam os carrilhões do relógio, observava-se que os mais frívolos empalideciam e os mais velhos e serenos passavam a mão pela teste, como se estivessem num confuso devaneio ou meditação.  
(POE, s. d., s. p.)

O relógio marca o tempo da corte, insistentemente. Os festejos são limitados e vão acabar em determinado momento, do mesmo modo que o Carnaval carioca tem apenas quatro dias de duração. Durante as festas, aparece um conviva inesperado: uma figura alta, vestida em roupas mortuárias, cuja máscara

escondia o rosto, procurava assemelhar-se de tal forma com a expressão enrijecida de um cadáver que até mesmo o exame mais atento teria dificuldade em descobrir o engano. Tudo isso poderia ter sido tolerado, e até aprovado, pelos loucos participantes da festa, se o mascarado não tivesse ousado encarnar o tipo da Morte Rubra. Seu vestuário estava borrifado de sangue, e sua alta testa, assim como o restante do rosto, salpicada com o horror rubro (POE, s.d, s.p).

O bebê de tarlatana rosa é bem menos assustador do que a Morte Rubra, mas ambos são responsáveis pelos acontecimentos supostamente sobrenaturais dos contos de João do Rio e Poe. Ambos também parecem surgir como mero acaso dos festejos e representam a morte. O bebê esconde a caveira, enquanto a Morte Rubra estampa em sua máscara a figura de um



cadáver. A Morte Rubra mata o príncipe e a corte, enquanto o bebê-caveira mata o desejo de Heitor por ele. Tanto Heitor quanto o príncipe entram em contato com aquilo que gostariam de evitar e esconder: a degradação e a doença. Mesmo pertencentes às classes mais altas da sociedade, eles não podem fugir da mortalidade.

O conto de Poe geralmente não é classificado como fantástico, uma vez que a hesitação quanto à verdadeira natureza da Morte Rubra é mínima. O príncipe considera que o mascarado é um homem, mas ninguém consegue tocá-lo e ninguém quer fazê-lo. Além disso, o príncipe morre logo em seguida, ao perseguir a Morte Rubra. O leitor implícito e o leitor real do texto não têm dúvidas quanto à figura macabra: ela é a morte. O sobrenatural é aceito no conto.

A *máscara da morte rubra*, segundo a classificação de Todorov, seria, então, um exemplo de fantástico-maravilhoso. A atmosfera é fantástica e nebulosa, a hesitação é mínima e o sobrenatural é aceito sem questionamentos. Outra leitura plausível é a de que o conto de Poe seria uma alegoria para a impossibilidade de se fugir da morte e da mortalidade. O mesmo poderia ser aplicado ao bebê de tarlatana rosa, em que a feiura está presente mesmo nos momentos de festa e descontração. No entanto, essa alegoria não é a alegoria todoroviana, pois não está explícita no texto e não é um recurso estilístico. É o que João Adolfo Hansen em *A alegoria – construção e interpretação da metáfora* (2006) chama de alegoria dos teólogos, “é um modo de entender e decifrar” (p. 8) em oposição à alegoria dos poetas, o recurso obviamente expresso, segundo Todorov.

#### 4 O Carnaval, as máscaras e o fantástico

O Carnaval é uma festa popular, cujas origens remetem às saturnálias e bacanais romanas. As saturnálias homenageavam a Saturno, o deus romano do tempo, a quem era consagrado o mês de dezembro, período do nascimento das sementes e prelúdio das colheitas. Durante as saturnálias, segundo René Martin (2005), a ordem social se invertia: os escravos davam ordem a seus amos e esses deviam servi-los, enquanto as celebrações eram marcadas pela leviandade e pelo desenfreamento tanto sexuais quanto alimentícios.

Já as bacanais eram festivais em honra a Baco, deus do vinho, em ocasião das vindimas e permitiam que os costumes romanos fossem, ainda que momentaneamente, relevados, provocando a orgia e a licenciosidade da festa e de seus convivas. Para Pierre Grimal (2010), as bacanais causaram diversos escândalos em Roma e eram marcadas não

apenas pelo grande consumo da bebida de Baco, mas também por danças, gritos e banquetes.

O Carnaval herdou das saturnálias e das bacanais a liberação dos costumes, a inversão da ordem social, assim como a orgia e o desregramento. O termo “carnaval” é, provavelmente, resultado da expressão latina “*carnis levale*”, que significa “retirar a carne”. O Carnaval corresponde ao período que sucede à Quaresma, no qual a Igreja Católica oficializou o desregramento dos antigos rituais pagãos a fim de, em seguida, purificá-los por meio do jejum e das orações.

Ainda que a Igreja tenha tentado oficializar o Carnaval, Mikhail Bakhtin afirma que “certas formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à Igreja e à religião. Elas pertencem à esfera particular da vida cotidiana” (1987, p. 6). Bakhtin insiste no fato de que essa festividade “era concebida como uma fuga provisória dos moldes da vida ordinária (isto é, oficial)” (1987, p. 6) e abolia privilégios, regras e tabus, garantindo como seus aspectos principais a morte, a ressurreição e a alternância do tempo cósmico, histórico e biológico.

No Carnaval, “o indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com seus semelhantes” (BAKHTIN, 1987, p. 9). Em *O bebê de tarlatana rosa*, o Carnaval carioca é a ocasião que define a aventura de Heitor. O narrador insiste em caracterizar as festividades pelos seus aspectos mais luxuosos e desregrados, feito as saturnálias e bacanais: “Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 204) e “tudo respira luxúria, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 204).

Heitor cita, inclusive, outros festivais pagãos. Ele descreve suas saídas pela noite da seguinte maneira: “saio como na Fenícia saíam os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodita” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 204). Tanto a referência à primavera quanto à Afrodite, deusa grega do amor e da beleza, estão ligadas à fertilidade e, portanto, ao sexo e ao desregramento. O rapaz tem por desejo “acanalhar-se, enlamear-se bem” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 205).

A personagem, ao viver sua aventura, está sob a influência de champanhe e lança-perfumes, o que gera a ambiguidade: teria Heitor realmente se encontrado com o bebê e retirado sua máscara para revelar uma horrível caveira ou teria delirado o acontecido? Além disso, era madrugada do último dia de Carnaval. A própria madrugada já é um período um

tanto ambíguo: é o final da noite e o começo da manhã. É uma espécie de entremeio. O cansaço do rapaz também não poderia ter influenciado ou alterado seus sentidos?

Para Todorov, como dito anteriormente neste artigo, "O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural"(2012, p. 31) e "é um caso particular da categoria mais geral da 'visão ambígua'" (2012, p. 39), ou seja, nem a personagem do texto nem a função leitor têm certeza se o acontecimento presenciado no conto fantástico se trata de uma visão sobrenatural – encontro com demônios, espíritos, monstros, criaturas de outro mundo – ou não. No caso de Heitor, não se sabe se o bebê realmente é uma caveira de outro mundo ou se se trata apenas de uma pessoa desfigurada. Todorov afirma que o fantástico toma o tempo dessa incerteza e:

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 2012, p. 30).

A ordem social já está invertida na história à medida que Heitor a relata, visto que é Carnaval e, como ele mesmo diz, tudo é possível, até mesmo o encontro com o metafísico. Conforme as palavras de Bakhtin, homens e mulheres de todos os tipos e origens se misturam nas ruas e divertimentos da noite carioca, o que não aconteceria em outra época do ano, suspendendo ou distorcendo a realidade oficial do conto. O insólito criado pelo Carnaval no universo textual de João do Rio permite a criação de uma atmosfera de vacilação e incerteza, típica da literatura fantástica. O insólito também é favorecido pela presença de máscaras nos bailes frequentados por Heitor. Ao começar a história, o moço avisa: "Oh! Uma história de máscaras! Quem não a tem na sua vida?" (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 203).

As máscaras geram insegurança e dúvida, porque são mera aparência dos seres que representam. Também estão ligadas a rituais iniciáticos e funerários, pois controlam o universo invisível, ou na nomenclatura todoroviana, sobrenatural. Segundo Chevalier e Gheerbrant, as máscaras carnavalescas, em especial, são "onde o aspecto inferior, satânico, se manifesta exclusivamente em vista de sua expulsão; são liberadoras" (2012, p. 695). Por baixo da máscara de bebê vestido de rosa, representante da inocência e da nova vida, está a caveira, símbolo da morte. A aparência do bebê esconde o futuro de todos os seres humanos: o da degradação. O bebê adquire, então, um aspecto demoníaco e enganador.

Heitor se sente incomodado pela máscara e quer retirá-la, buscando, talvez, uma relação verdadeiramente humana, como sugere Bakhtin (1987). O bebê se recusa a fazê-lo, mas ele insiste e termina por arrancar-lhe o nariz. A caveira por trás da máscara de bebê é assim descrita:

presa dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinante – uma caveira com carne” (RIO *apud* ESTEVES, 2010, p. 211).

É simbólico o fato de Heitor finalmente revelar a caveira no último dia de Carnaval, às três da manhã. Primeiro, porque ele se encontra com o bebê três vezes. O número três tem vários significados. Um deles, que pode ser aplicado ao conto de João do Rio, segundo Chevalier e Gheerbrant, é o de que “o três marca o limite entre o favorável e o desfavorável” (2012, p. 1018). O favorável, para Heitor, era o Carnaval e seus festejos carnais. O desfavorável, o encontro com a caveira de outro mundo ou com a pessoa desfigurada. O três também marca a descrição de atos ritualísticos. No caso de *O bebê de tarlatana rosa*, esse ritual poderia ser o encontro com seres de outro mundo ou o próprio Carnaval, originado em rituais pagãos. Assim, o três está ligado à realização de atos mágicos e psíquicos. Para os psicanalistas, o três é um número sexual e, no conto, Heitor se interessa basicamente por esse aspecto do bebê e da festa a sua volta.

A personagem descobre a verdadeira identidade do bebê às três da manhã. Esse é um horário conhecido, no ocultismo, como “hora morta”, momento em que os demônios estariam mais fortes e os portais do mundo invisível estariam abertos, permitindo que essas criaturas e espíritos caminhassem sobre a terra. A caveira poderia ser, então, um desses demônios, atormentando a memória de Heitor a ponto de fazê-lo contar a história aos seus convidados.

### **Considerações Finais**

O Carnaval é um dos festejos mais populares no Rio de Janeiro. É um tempo de descontração, brincadeiras, marcado pela permissividade e pela alteração ou suspensão das normas sociais. É o momento das máscaras, da dança e do desregramento, herdados das saturnálias e bacanais romanas. O Carnaval é também, segundo Bakhtin (1987), uma fuga da vida cotidiana, alheia ao universo da religião.

É durante o Carnaval que Heitor encontra o bebê de tarlatana rosa e se envolve com essa figura ambígua. Caveira e carne, homem e mulher, bebê e adulto, espírito sobrenatural ou

pessoa desfigurada, belo e, depois, feio, o bebê de tarlatana rosa encarna as contradições carnavalescas e causa a hesitação na função leitor do texto. Por conseguinte, gera a hesitação no leitor real, que se questiona: o que Heitor presenciou era fruto de suas bebedeiras no Carnaval ou não? Era um evento sobrenatural ou não?

A ambiguidade do bebê não é desfeita ao longo do texto, mantendo leitor implícito e leitor real na expectativa de uma revelação. A despedida de Heitor e do bebê é abrupta e Heitor descarta a história indo tocar piano, como se a experiência vivida nada influenciasse. Quem garante que Heitor, enquanto narrador de suas aventuras, não inventou o bebê de tarlatana rosa para entreter os amigos?

Não há resposta para essas perguntas, o que garante a existência do fantástico no conto. Fantástico que depende não apenas da hesitação do leitor, mas também dos temas abordados por João do Rio. O desejo carnal, a homossexualidade, a loucura e o desvario são postos em questão em *O bebê de tarlatana rosa*, assim como a morte, a degradação e a feiura, muitos deles tabus que Todorov (2012) considera típicos do fantástico, gênero evanescente.

Outra possibilidade de leitura é o fato de que o conto de João do Rio, à maneira de *A máscara da morte rubra* de Poe, pode ser considerado uma alegoria da morte e da degradação. Alegoria vinda da interpretação do texto, não recurso estilístico, o que enriquece a obra analisada e convive com o suposto sobrenatural do fantástico todoroviano, sem destruí-lo.

## Referências

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- CAMARINI, A. L. S. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CAZES, L. Cronista da alma carioca, João do Rio tem três livros clássicos reeditados pela primeira vez. *O globo*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/cronista-da-alma-carioca-joao-do-rio-tem-tres-livros-classicos-reeditados-pela-primeira-vez-15457809>> Acesso em 26 dez. 2015.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- FRANÇA, J.; SILVA, P. P. S. da. O mal e a cidade: o “medo urbano” em *Dentro da Noite*, de João do Rio. *E-escrita*, Nilópolis, v.3, Número 3, Set. -Dez. 2012. p. 32-45.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HANSEN, J. A. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- MARTIN, R. *Diccionario espasa de mitología griega y romana*. Madri: Espasa Calpe, 2005.
- POE, E. A máscara da morte rubra. Disponível em: <[http://www.projeto.camisetafeitadepet.com.br/imagens/banco\\_imagem\\_livros/299\\_livro\\_site.pdf](http://www.projeto.camisetafeitadepet.com.br/imagens/banco_imagem_livros/299_livro_site.pdf)> Acesso em 12 mai. 2017.

RIO, J. O bebê de tarlatana rosa. In: ESTEVES, L. de O. *Contos macabros: 13 histórias sinistras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010. p. 203-212.

TASCHEN. *O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas*. China: TASCHEN, 2010.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

**Recebido em: 12/05/2017**

**Aceito em: 18/11/2017**